

ADRIANE CRISTINA RIBAS SETTI

## **A INDETERMINAÇÃO DO SUJEITO NAS TRÊS CAPITAIS DO SUL DO BRASIL**

Dissertação apresentada como requisito parcial à obtenção do grau de Mestre em Lingüística. Curso de Pós-Graduação em Letras, Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Paraná.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Odete Pereira da Silva Menon

CURITIBA

1997

**ADRIANE CRISTINA RIBAS SETTI**

**A INDETERMINAÇÃO DO SUJEITO  
NAS TRÊS CAPITAIS DO SUL DO BRASIL**

Dissertação aprovada como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em  
Linguística no Curso de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do  
Paraná, pela Comissão formada pelas professoras:

Orientadora:        Profa. Dra. Odete Pereira da Silva Menon (UFPR)

Profa. Dra. Iara Bemquerer Costa (UFPR)

Profa. Dra. Ângela Cecília Rodrigues (USP)

Curitiba, 02 de fevereiro de 1998

## **AGRADECIMENTOS**

À professora Odete Pereira da Silva Menon pelo incentivo, orientação e consideração.

À professora Iara Bemquerer Costa pelo apoio e colaboração.

Aos bolsistas e aos funcionários da secretaria do curso pela disponibilidade.

À CAPES pela concessão de bolsa.

Aos professores e colegas do curso pelas contribuições pessoais e científicas.

Aos amigos, tios e primos que me incentivaram.

Ao meu irmão pelo apoio técnico.

Aos meus pais pelos muitos ensinamentos de vida e constante incentivo.

Ao Edson e à Leoriane pelo amor, compreensão e apoio incondicionais.

A Deus.

## SUMÁRIO

RESUMO.....	1
INTRODUÇÃO.....	2
Capítulo 1 REVISÃO DA LITERATURA.....	4
1.1 Sujeito.....	4
1.2 Indeterminação x Indefinição x Impessoalização.....	6
1.3 Sujeito indeterminado.....	7
Capítulo 2 A INDETERMINAÇÃO DO SUJEITO.....	16
2.1 Condicionamentos lingüísticos.....	16
2.1.1 Intercambialidade.....	16
2.1.2 Pares mínimos.....	20
2.1.3 Tempos e modos verbais.....	21
2.1.4 Ditados, verdades gerais ou eternas, questões retóricas.....	23
2.1.5 Mudança de tempos.....	24
2.1.6 Advérbios e preposições.....	26
2.1.6.1 Advérbios.....	26
2.1.6.2 Preposições.....	29
2.1.7 Completivas.....	31
2.1.8 Afastamento do falante.....	35
2.1.9 Afastamento no tempo, situações hipotéticas.....	36
2.2 Exclusões.....	39
2.2.1 Indeterminação parcial.....	39
2.2.2 Possibilidade de recuperação do referente.....	40
2.2.3 Repetição ou eco.....	41
2.2.4 Orações restritivas.....	43
2.2.5 Sujeito acompanhado de palavras restritivas.....	44
2.2.6 Marcadores conversacionais.....	45
Capítulo 3 METODOLOGIA.....	47

3.1 Seleção de dados.....	47
3.2 Hipóteses.....	48
3.3 Fator lingüístico.....	49
3.4 Fatores extralingüísticos.....	49
3.4.1 Faixa etária.....	50
3.4.2 Sexo.....	50
3.4.3 Escolaridade.....	51
3.4.4 Localidade.....	51
3.5 Projeto VARSUL.....	52
3.6 Variantes lingüísticas.....	53
3.6.1 A gente.....	53
3.6.2 Eles.....	54
3.6.3 Eu.....	55
3.6.4 Formas Nominais (FN).....	55
3.6.5 Nós.....	56
3.6.6 Se.....	57
3.6.7 Tu.....	58
3.6.8 Você(s).....	58
3.6.9 Voz Passiva Sem Agente (VPSA).....	60
3.6.10 Voz Passiva Sintática (VPASSINT).....	62
3.6.11 Verbo na Terceira Pessoa do Singular (0V3PS).....	63
3.6.12 Verbo na Terceira Pessoa do Plural (0V3PP).....	64
Capítulo 4 ANÁLISE DOS RESULTADOS.....	65
4.1 Pacote VARBRUL.....	65
4.2 Leituras das rodadas estatísticas.....	65
4.2.1 Sexo.....	65
4.2.2 Faixa etária.....	71
4.2.3 Escolaridade.....	74

4.2.4 Localidade.....	79
4.2.5 Tempos e modos verbais.....	85
4.2.6 Variantes conservadoras.....	87
4.2.7 Variantes inovadoras.....	88
4.3 Nós x A gente.....	90
4.4 Tu x Você.....	93
4.5 Pronomes pessoais.....	98
4.6 Análise comparativa.....	100
4.6.1 Sexo.....	100
4.6.2 Variantes mais usadas.....	100
4.6.3 Faixa etária e escolaridade.....	101
4.6.4 Localidade.....	102
4.6.5 Eles x OV3PP.....	103
4.6.6 VPASSINT x Se.....	105
CONCLUSÃO.....	107
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	110

## RELAÇÃO DE TABELAS

Tabela 1.....	66
SEXO/ESCOLARIDADE	
Tabela 2.....	67
SEXO/LOCALIDADE/VARIANTES LINGÜÍSTICAS	
Tabela 3.....	68
SEXO/FAIXA ETÁRIA	
Tabela 4.....	69
SEXO/TEMPOS E MODOS VERBAIS	
Tabela 5.....	70
SEXO	
Tabela 6.....	71
FAIXA ETÁRIA/VARIANTES LINGÜÍSTICAS	
Tabela 7.....	72
FAIXA ETÁRIA/LOCALIDADE/SEXO/ESCOLARIDADE	
Tabela 8.....	74
FAIXA ETÁRIA	
Tabela 9.....	75
ESCOLARIDADE/VARIANTES LINGÜÍSTICAS/TEMPOS E MODOS VERBAIS	
Tabela 10.....	77
ESCOLARIDADE/LOCALIDADE/SEXO	
Tabela 11.....	77
ESCOLARIDADE/FAIXA ETÁRIA	
Tabela 12.....	78
ESCOLARIDADE	
Tabela 13.....	79
PRONOMES DE 2ª PESSOA NA INDETERMINAÇÃO	
Tabela 14.....	80
LOCALIDADE/VARIANTES LINGÜÍSTICAS/TEMPOS E MODOS VERBAIS	
Tabela 15.....	82
LOCALIDADE/SEXO/FAIXA ETÁRIA	
Tabela 16.....	82
LOCALIDADE/ESCOLARIDADE	
Tabela 17.....	84
LOCALIDADE	
Tabela 18.....	85
TEMPOS E MODOS VERBAIS	

Tabela 19..... 93  
NÓS x A GENTE

Tabela 20..... 95  
TU x VOCÊ/TEMPOS E MODOS VERBAIS

Tabela 21..... 98  
TU x VOCÊ

Tabela 22..... 99  
PRONOMES PESSOAIS

Tabela 23..... 101  
VARIANTES MAIS USADAS

Tabela 24..... 103  
LOCALIDADE/VARIANTES LINGÜÍSTICAS

Tabela 25..... 104  
ELES x 0V3PP/SEXO

Tabela 26..... 104  
ELES x 0V3PP/FAIXA ETÁRIA

Tabela 27..... 105  
VPASSINT x SE/NURC-SP x VARSUL



RELAÇÃO DE GRÁFICOS

Gráfico 1..... 81  
VARIANTE MAIS ESTÁVEL/LOCALIDADE

Gráfico 2..... 86  
TEMPOS E MODOS VERBAIS/ESCOLARIDADE

Gráfico 3..... 86  
TEMPOS E MODOS VERBAIS/SEXO

Gráfico 4..... 87  
VARIANTES CONSERVADORAS/FAIXA ETÁRIA

Gráfico 5..... 88  
VARIANTES CONSERVADORAS/ESCOLARIDADE

Gráfico 6..... 89  
VARIANTES INOVADORAS/FAIXA ETÁRIA

Gráfico 7..... 89  
VARIANTES INOVADORAS/ESCOLARIDADE

Gráfico 8..... 90  
NÓS x A GENTE/ SEXO

Gráfico 9..... 91  
NÓS x A GENTE/FAIXA ETÁRIA

Gráfico 10..... 92  
NÓS x A GENTE/ESCOLARIDADE

Gráfico 11..... 93  
NÓS x A GENTE/LOCALIDADE

Gráfico 12..... 94  
TU x VOCÊ/LOCALIDADE

Gráfico 13..... 96  
TU x VOCÊ/SEXO

Gráfico 14..... 97  
TU x VOCÊ/FAIXA ETÁRIA

## RESUMO

Com base em MENON (1994), este trabalho é o estudo de algumas possibilidades de indeterminação do sujeito no discurso oral.

Partindo do pressuposto que estão em uso muito mais formas de indeterminação do sujeito do que prescreve a Gramática Tradicional (GT), interessou-nos pesquisar as variantes empregadas na oralidade pelos falantes das três capitais do Sul do Brasil.

Segundo a Teoria da Variação de LABOV, não se pode estudar uma língua dissociada do contexto social. A partir disso, nas rodadas estatísticas, as variantes selecionadas, passíveis de indeterminar o sujeito, foram cruzadas com fatores sociais que pudessem ter alguma influência no comportamento lingüístico dos falantes.

Foram considerados os seguintes fatores sociais, ou variáveis extralingüísticas: localidade (Curitiba, Florianópolis e Porto Alegre), faixa etária (de 25 a 50 anos e mais de 50 anos), sexo (feminino e masculino) e escolaridade (primária, ginásial e secundária), conforme dados do Projeto VARSUL.

Após os procedimentos da pesquisa variacionista, foi comprovado o uso de muitas variantes na indeterminação do sujeito, no discurso oral de falantes do Sul do Brasil. Foi comprovado também que certos fatores extralingüísticos influenciam num maior ou menor uso de algumas formas.

Ao compararmos os resultados dessa pesquisa com outros estudos, pudemos encontrar semelhanças entre *corpora* com características bem diferentes e constatamos que há um distanciamento entre o que é apresentado nas gramáticas tradicionais e as variações que vêm ocorrendo na oralidade. Pois, o falante, ao se servir das possibilidades que fazem parte da sua comunidade de fala, acaba usando um número maior de formas de indeterminação do sujeito do que as apresentadas na GT.

## INTRODUÇÃO

Este trabalho tem a finalidade de analisar e discutir, sob uma perspectiva variacionista, diversas formas de indeterminação do sujeito. Considera-se sujeito indeterminado quando não há possibilidade ou não há interesse em se identificar o seu referente, num dado contexto.

Para estudo desse fenômeno foi utilizado o Banco de Dados do Projeto VARSUL (item 3.5), com análises das capitais do Sul do Brasil. A metodologia de análise segue o modelo variacionista proposto por William Labov e a seleção das possibilidades de indeterminação do sujeito foi baseada em MENON (1994). São elas: *a gente, eles, eu, formas nominais, nós, se, tu, você(s), voz passiva sem agente, voz passiva sintética, verbo na 3.ª pessoa do singular e verbo na 3.ª pessoa do plural*.

Esse número de possibilidades é maior do que o estabelecido pela GT e mesmo por estudos que apresentaram um leque maior do que a própria GT.

Cuesta (1971) nota em sua gramática o uso de *você* como pronome de 2.ª pessoa do singular, em concorrência e co-ocorrência com o *tu*, e *a gente* sendo usado tanto como uma forma de indeterminação quanto como pronome de 1.ª pessoa, plural ou singular, em concorrência com *nós* e com *eu*.

Alguns outros lingüistas também fizeram já menção a um número maior de possibilidades para a indeterminação do sujeito do que aquele previsto pela GT. Assim, OMENA (1987), em seu trabalho comparativo do uso de *nós* e *a gente*, estuda o caráter indeterminador de *você, nós* e *a gente*. CUNHA (1993) analisa a indeterminação do sujeito limitada aos pronomes *nós, você* e *a gente*. Ou MILANEZ (1982) que, apesar de não ser tão abrangente quanto MENON (1994), apresenta um universo bastante amplo de recursos de indeterminação do sujeito: *a gente, você, eles,  $\phi$ V3PS* (considerando separadamente a estrutura  $\phi$  + *infinitivo*),  *$\phi$ V3PP, se, eu* e alguns sintagmas nominais (*a pessoa, o indivíduo, o sujeito e o cara*).

No primeiro capítulo desta dissertação há uma revisão da literatura, uma busca do que dizem alguns estudiosos sobre sujeito e indeterminação; sobre a diferença entre indeterminação, indefinição e impessoalização; e o que esses estudiosos apresentam como formas para indeterminar o sujeito.

No segundo capítulo são abordados os condicionamentos lingüísticos pertinentes à indeterminação, no sujeito, do referente.

O terceiro capítulo traz a metodologia adotada, as hipóteses formuladas, um breve comentário sobre o Projeto VARSUL e a apresentação das possibilidades de indeterminação do sujeito (variantes).

Os resultados e suas análises são apresentados no quarto capítulo, juntamente com a comparação com trabalhos de outros *corpora*, importante para um estudo variacionista.

## Capítulo 1

### REVISÃO DA LITERATURA

#### 1.1 Sujeito

Para a viabilização do estudo sobre a indeterminação do sujeito, inicialmente, foi necessária uma busca do que dizem os gramáticos tradicionais, pesquisadores e lingüistas a respeito da definição e classificação do sujeito, para verificar, então, onde e como seria abordado o sujeito indeterminado.

Para CUNHA & CINTRA (1985: 119), autores de Gramática Tradicional (GT), "sujeito é o ser sobre o qual se faz uma declaração." Com essa definição parece que o sujeito já está perfeitamente descrito e seguramente não se encaixará em outras características. Só que se eu usar um exemplo do tipo "*Em Curitiba chove bastante*", a definição desmoronará porque faço uma declaração sobre Curitiba, que não é o sujeito da oração, e o verbo *chover*, por se tratar de um fenômeno da natureza, não admite sujeito.

Quando CUNHA & CINTRA (1985: 125) definem *sujeito indeterminado* surge outro problema: "algumas vezes o verbo não se refere a uma pessoa determinada, ou por se desconhecer quem executa a ação ou por não haver interesse no seu conhecimento". Primeiro, será que o sujeito sempre executa a ação? Que ação seria praticada em "*Aqui não se morre muito de infecção hospitalar*"?

CUNHA & CINTRA, ao afirmarem não haver uma pessoa determinada à qual o verbo se refere (citado acima), cometem uma imprecisão porque o falante pode não querer ou não ter condições de identificar o referente, mas o verbo estará flexionado, apresentando morfologia verbal. Existe uma grande diferença entre pessoa verbal e referente extralingüístico a que se reporta um pronome. O que não se determina é o *referente*.

Em KURY (1990: 21), os termos usados para as definições são quase os mesmos que em CUNHA & CINTRA: "sujeito é o termo que exprime o ser de quem se diz alguma coisa". Novamente a obrigatoriedade da existência do termo sujeito, mas havendo a contradição com o sujeito indeterminado que "muitas vezes não se pode, ou não se deseja, ou não interessa indicar o sujeito de uma oração". O que não está indicado numa indeterminação é o referente, porque se desconhece o termo exato representante do sujeito, por não haver a intenção ou a possibilidade de precisá-lo, mas o sujeito da oração existe. E no caso da definição de indeterminação, KURY usa o termo "sujeito" com relação ao referente e não ao termo com o qual o verbo concorda.

INFANTE (1995: 350), apesar de se propor a um trabalho de inovação e aprimoramento, apresenta definições bastante comuns que acabam não esclarecendo suficientemente: "o termo da oração que concorda em número e pessoa com o verbo recebe o nome de sujeito". E sobre o sujeito indeterminado afirma (p. 354): "Quando não se quer ou não se pode identificar claramente a quem o predicado da oração se refere". De acordo com seus exemplos (abaixo), o sujeito será indeterminado por um verbo na 3.<sup>a</sup> pessoa do plural ou na 3.<sup>a</sup> do singular juntamente com o pronome *se*, que o autor chama de índice de indeterminação, dependendo do caso.

*"Telefonaram para você hoje de manhã.*

*Estão gritando seu nome lá fora.*

*Vive-se melhor nas cidades pequenas.*

*Precisa-se de profissionais competentes.*

*Tratava-se de questões delicadas.*

*Era-se mais feliz naqueles tempos."*

Então, podemos verificar que, apesar de o autor considerar a *referência* na *indeterminação do sujeito*, seus exemplos são restritos. Se a indeterminação é relacionada ao referente, não há razões para serem apresentadas apenas duas formas de indeterminar o sujeito (verbo na 3.<sup>a</sup> pessoa do plural ou verbo na 3.<sup>a</sup> pessoa do singular acompanhado do pronome *se*). Deve-se enfatizar o caráter genérico do referente do sujeito, e não a forma de apresentação.

## 1.2 Indeterminação x Indefinição x Impessoalização

Difícilmente encontramos na GT clareza na diferença entre indeterminação e indefinição, portanto tentarei explicitar tal distinção levantando alguns pontos entre os dois conceitos.

Segundo COSERIU (1979: 217), a indeterminação faz referência a signos virtuais (conceitos) e a indefinição faz referência a signos atuais (objetos). Então, a transformação de expressões generalizadoras em referências quantificadas será chamada por COSERIU de atualização, que corresponde ao que conhecemos como determinação.

MILANEZ (1982), por exemplo, comenta que a indeterminação do sujeito não pode ser confundida com a indefinição e a impessoalização. Na indefinição, a referência diz respeito exclusivamente à 3.<sup>a</sup> pessoa, enquanto que na indeterminação, a generalização é essencial, quando um mesmo item lexical pode se referir às três pessoas do discurso. Por outro lado, se a indeterminação ocorre com sujeito, lexical ou não, envolvendo uma referência, a impessoalização não apresenta nenhuma função referencial.

Com relação à impessoalização, MATTOSO CÂMARA (citado por HAUY, 1983: 194) tenta diferenciar verbo *impessoal* de *unipessoal*: "O unipessoal emprega-se na terceira pessoa do singular ou do plural em concordância com o sujeito e o impessoal, apenas na terceira do singular, sem sujeito".

Inicialmente é preciso considerar que a *indefinição* e a *definição* fazem parte da determinação, em oposição à indeterminação, por fazerem referências a certo(s) elemento(s) com discriminação direta ou indireta. Como veremos adiante, a indeterminação não discrimina, mas generaliza:

a. Diferentemente da indefinição, que abrange exclusivamente formas lexicais de 3.<sup>a</sup> pessoa, a indeterminação pode se referir às 1.<sup>a</sup>, 2.<sup>a</sup> ou 3.<sup>a</sup> pessoas, de forma isolada ou simultânea.

b. A característica mais marcante da indeterminação é a generalização, sendo, portanto, questão categórica o fato de o referente ser generalizado. Já na indefinição, a generalização é apenas uma possibilidade, conforme MILANEZ (1982: 38).

c. De acordo com MENON (1994), quando houver generalização na indefinição, poderemos observar que há o aspecto quantitativo, ou seja, a indefinição pressupõe um conjunto de elementos não definidos mas delimitáveis. A indeterminação, ao contrário, faz alusão a um grupo ilimitado, cujo referente, por não ser determinado, não tem quantificação.

d. As locuções a partir de *artigo* mais *substantivo* têm no uso do artigo uma relevante distinção entre indefinição e indeterminação. Para MENON (1994), que tratou a construção [*artigo definido* + *substantivo*] como *forma nominal*, o uso de artigos indefinidos provocam a determinação, com caráter indefinido (p. ex.: *Um homem precisa de companhia*) e os artigos definidos são propícios à indeterminação, uma vez que compõem uma expressão generalizadora (p. ex.: *O homem precisa de companhia*). No primeiro exemplo a referência é a alguém determinável, embora não definido, e no segundo exemplo a referência é indeterminada: trata-se do ser humano de uma forma generalizada.

### 1.3 Sujeito indeterminado

Sobre o sujeito, é fundamental considerar as três definições distintas, a fim de tornar mais claro o ponto sobre o qual ocorre a indeterminação:

- a) sintática - é o elemento com o qual o verbo concorda;
- b) semântico-pragmática - é o ser que “executa” a ação;
- c) discursiva - é o ser sobre o qual se faz uma declaração.

Essas abordagens poderão ser encontradas em LYONS (1987: 117 e 151) e, conforme se segue, em PERINI (1994: 73-4):

*A restrição da noção de sujeito ao termo que está em relação de concordância com o verbo não significa em absoluto uma negação da importância das*



*noções de agente e de tópico. Apenas, somos forçados a separar essas três propriedades, dado que, primeiro, elas não se recobrem sistematicamente (encontramos sujeitos que não são agentes, agentes que não são tópicos, sujeitos que são agentes, agentes que são tópicos, e assim por diante). (...) a noção de “sujeito” se formula em termos de relações formais (distribucionais, relacionais, etc.); a de “agente” em termos de conteúdo nocional; e a de “tópico” em termos de inserção em um contexto de comunicação.*

O fato de o sujeito ser indeterminado significa que é o referente extralingüístico que não se conhece ou não se pode determinar, porque a pessoa relativa ao verbo sempre será 1.<sup>a</sup>, 2.<sup>a</sup> ou 3.<sup>a</sup>, do plural ou do singular.

Numa frase do tipo “*Assaltaram o banco*”, posso estabelecer o sujeito com o qual o verbo está combinando: 3.<sup>a</sup> pessoa do plural (eles, elas), pois o verbo apresenta a marca morfológica de 3.<sup>a</sup> pessoa do plural; o que não se pode é determinar o *referente extralingüístico*, quer dizer, não é possível, nessa frase, determinar a quem essa 3.<sup>a</sup> pessoa gramatical se refere.

Ao revisar a literatura, pudemos constatar que alguns gramáticos e lingüistas (como CUNHA & CINTRA, GÓIS, INFANTE e outros) não fazem as distinções acima; sujeito sintático e referente misturam-se e acabam representando uma coisa só. Há uma grande diferença entre representação e referência.

Parece haver um círculo contínuo de imprecisões pelo fato de os autores não conseguirem esclarecer nem mesmo seus próprios termos, usando uma mesma denominação para casos distintos, como falar em sujeito indeterminado e indefinido ou impessoal, quanto mais definir e legitimar a situação sintática em si.

E mesmo consultando outros autores de gramática, podemos confirmar a mesma definição de sujeito e a inevitável subclassificação para o sujeito indeterminado, conforme prevê a NGB (1959):

#### *I PARTE*

*Fonética*

#### *II PARTE*

*Morfologia*

#### *III PARTE*

*Sintaxe*

*B1. Termos essenciais da oração:*

*sujeito*

*predicado*

- a) *Sujeito*  
*simples*  
*composto*  
*indeterminado*  
 - *oração sem sujeito*

A princípio, todos os autores afirmam que o *sujeito* e o *predicado* são os *termos essenciais da oração*. Sendo esses termos considerados essenciais (o sujeito e o predicado), parece que a não presença (clara) dos mesmos implica em uma situação irregular e não haveria a oração. Mas, conforme argumenta SAID ALI (1966: 268), se ficássemos presos a tal conceito tão simplista, como explicariamos orações cujos verbos já tem um sentido completo, como o caso dos fenômenos da natureza (*chover, trovejar, ventar...*), em que não há possibilidade de ter um sujeito explícito? Obviamente poderemos encontrar exceções com relação ao uso desses verbos em sentido figurado, ampliando o significado primitivo, como por exemplo:

*"Ficou trovejando sobre minha cabeça até que desistisse..."*

*"Não amanheceu muito satisfeito!"*

A mesma situação de oração sem sujeito se dará em usos do verbo *haver* no sentido de "existir", onde o verbo permanece no singular, independente do termo que venha a seguir. Segundo KURY (1990: 23), muitos autores de renome julgam ser possível a construção pessoal, com o verbo concordando com o termo cuja referência é feita, passando a ter um sujeito e um predicado, conforme previstos:

*"Houveram coisas terríveis! (Camilo Castelo Branco)"*

Restam, ainda, como casos de inexistência de sujeito as orações com os verbos *ser, andar, fazer, haver* e *ir* na indicação de tempo. Para MELO (citado por HAUY, 1983: 63), no exemplo *"Faz três anos que não vou a Belo Horizonte"*, "o sentido está completo e, portanto, temos uma frase-oração, anômala, exatamente porque não há referência a sujeito". Fica difícil trabalhar com gramáticas que prevêm apenas um tipo de estrutura para a oração e consideram as outras ocorrências, orações sem sujeito, como anomalias!

Talvez possa ser considerada anomalia a explicação que GÓIS (citado por HAUY, 1983: 61) dá para o verbo *ser* com referência a tempo:

*Verbo impessoal é o que tem sujeito indeterminado.*

*São dez horas.*

*Sujeito indeterminado*

*Verbo impessoal*

*dez horas: predicativo*

A confusão parece ser grande: se um verbo é impessoal é porque não existe um agente responsável pela ação; se não existe o sujeito, como ele vai ser indeterminado? Afinal de contas, no caso de sujeito indeterminado não é possível afirmar qual é o seu referente; e no caso de verbo impessoal, não existe o sujeito. Uma situação não tem nada a ver com a outra. As divergências surgirão quando se tratar especificamente do que provoca a indeterminação.

Na definição de sujeito encontramos as classificações ou subdivisões, com base na NGB, que nem sempre esclarecem ou abrangem todas as possibilidades; o sujeito é apresentado como podendo ser *simples*, *composto*, *indeterminado* ou *oração sem sujeito* (na mesma gradação).

No caso de ele ser *simples*, poderá se apresentar na forma clara ou oculta; ao ser indicada a forma indeterminada, fica a lacuna de o que seria exatamente, pois espera-se que haja a comparação *determinado* x *indeterminado* para uma melhor localização e esclarecimento. Verifica-se que CUNHA & CINTRA (1985: 124) e INFANTE (1995: 353) fazem a oposição acima referida; os primeiros, através da forma de sujeito oculto como determinado e o segundo considera como sujeito determinado: *simples*, *composto*, *oculto* ou *elíptico*.

E o *sujeito inexistente*, apresentado na forma de oração sem sujeito, às vezes recebe, por parte de alguns autores, qualificações de indeterminação e indefinição.

Para ocorrer a *indeterminação do sujeito*, segundo autores que seguem a NGB (CUNHA & CINTRA, CEGALLA e outros), são previstos os seguintes procedimentos:

- emprego do verbo na 3.<sup>a</sup> pessoa do plural;

- uso de verbo intransitivo ou transitivo indireto na 3.<sup>a</sup> pessoa do singular seguido da partícula *se* (os verbos transitivos diretos acompanhados de *se* são classificados como Voz Passiva Sintética):

*Inauguraram um novo shopping.*

*Optou-se pela demissão dos funcionários.*

E a *inexistência do sujeito se* dá com verbos que denotam fenômenos da natureza (*Chove bastante em Curitiba, Geou em Santa Catarina*), com o verbo *haver* no sentido de existir (*Há muitos jardins aqui*) e com verbos que designem tempo (*ser, fazer, haver...: São oito horas, Faz dezenove anos que moro aqui, Há sete meses que não ando de ônibus*).

CEGALLA (1978: 215-6) afirma que:

*em português assinala-se a indeterminação do sujeito de três modos:*

1) *usando-se o verbo na 3.<sup>a</sup> pessoa do plural, sem referência a qualquer agente expresso;*

2) *com um verbo ativo na 3.<sup>a</sup> pessoa do singular acompanhado do pronome se (o pronome se, neste caso, é índice de indeterminação do sujeito);*

3) *deixando-se o verbo no infinitivo impessoal.*

Percebemos, diante do que é exposto por CEGALLA, que outras possibilidades de indeterminação do sujeito não são levadas em conta.

Observamos que SAID ALI (1966: 268) trata do sujeito indeterminado como *sujeito mental* (o que hoje se chama de referente extralingüístico) ou *indefinido*:

*Inconfundíveis com tais orações [as sem sujeito] são aquelas em que não se menciona senão o predicado, tendo porém os interlocutores a consciência de que se está falando a propósito de algum ser. Nestas condições o verbo tem um sujeito mental. Este ou se perceberá facilmente pelo contexto, e então será elíptico, ou se deixou de nomear por conveniência ou por ser difícil especificá-lo, e em tal caso diremos que o verbo tem sujeito indefinido. Para dar a entender que se trata de sujeito indeterminado, basta muitas vezes pôr o verbo na 3.<sup>a</sup> pessoa do plural, ainda quando o agente real seja uma pessoa só.*

Apesar de chamar também de *indefinido*, SAID ALI faz uma caracterização muito clara de *sujeito indeterminado* ao citar a inconveniência ou impossibilidade de especificar o referente como requisitos da *indeterminação*.

SAID ALI (p. 269) menciona uma forma indefinidora, não citada pelos gramáticos tradicionais:

*A linguagem antiga podia valer-se (...) do vocábulo homem com função de pronome indefinido. Este processo desapareceu, e se modernamente se emprega por vezes a expressão um homem, sente-se bem que já não é o antigo pronome, e sim um simples substantivo.*

Podemos fazer um paralelo da expressão acima com expressões indeterminadoras pelo fato de que, para indeterminar, as *formas nominais* (MENON, 1994) utilizam o artigo definido, ao invés de indefinido, e farão referência abrangente, indeterminada.

A utilização de termos do vocabulário cotidiano e a possibilidade de o ouvinte se encaixar nas representações de sujeito através de termos genéricos promovem um envolvimento. Por exemplo:

*O homem parece que não tomou consciência de seus deveres.  
É só o camarada chegar lá e pagar a taxa.*

Para CUESTA (1971: 405), o *sujeito indeterminado*, também chamado pela autora de *impessoal*, poderá ocorrer:

- a) Com verbo na terceira pessoa do plural e sem sujeito:  
*Dizem que é verdade.*
- b) Por meio do reflexivo *se*, que de partícula apassivante chegou a ser despersonalizadora:  
*Diz-se que é verdade.*
- c) Com o indefinido *a gente*:  
*A gente pensa que é verdade.*

CUESTA (p. 516) retoma uma antiga expressão, já citada por SAID ALI (1966), e tenta encaixar seu uso a costumes "modernos" e novamente exemplifica as formas de indeterminação do sujeito:

*Para indicar um agente vago e indeterminado a língua arcaica serviu-se do substantivo homem e a moderna emprega a gente (...):  
Muito trabalha a gente para tão pouco proveito.  
Muito se trabalha para tão pouco proveito.  
Dizem que o culpado foi o carro.*

CUESTA (p. 516) considera *a gente*, além de indeterminador, possível substituto para o pronome pessoal de 1.<sup>a</sup> pessoa do plural, *nós*, podendo receber o verbo na 1.<sup>a</sup> pessoa do plural ou do singular.

Como pode ser observado, os gramáticos não coincidem nas suas análises sobre a indeterminação do sujeito, provavelmente porque tal indeterminação não pode ser considerada em termos puramente sintáticos. Esse conceito envolve também os níveis semântico (relação entre as unidades lingüísticas e o mundo) e pragmático (características referentes à utilização das unidades lingüísticas: fatores psicológicos e sociais, reações, objetos da fala, etc.).

A indeterminação do sujeito começa a ter o reconhecimento de novas formas através do trabalho de alguns autores que, considerando a forte influência e importância da oralidade sobre os hábitos lingüísticos, buscam uma descrição da língua portuguesa do Brasil.

Observamos em MILANEZ (1982), MENON (1994), MONTEIRO (1994), e outros citados neste trabalho, a comprovação daquilo com o que já convivemos há algum tempo: diferentes formas de indeterminação do sujeito não previstas pela GT, ou melhor, não admitidas pela tradição gramatical.

Retomando SAID ALI (1966), MONTEIRO (p. 104-105) reforça o papel do pronome *se* como indeterminador e tenta provar que não é possível passar para a voz passiva analítica a construção que se faz com o pronome *se* a nível de sujeito indeterminado, como sugerem muitos gramáticos. O autor cita alguns exemplos:

(A) "*bom, contrata-se o pessoal (4.RE.DID.M.I.)*"

(B) "*tentou-se usar essa placa (4.RE.DID.M.I.)*"

E, a seguir, apresenta a transformação para a passiva:

(A) "*o pessoal é contratado*"

(B) "*\*essa placa foi tentada usar*"

Para MONTEIRO, tais transformações, assim como podem continuar com o mesmo significado, podem ter um significado totalmente oposto e até mesmo podem gerar uma frase agramatical, exemplo (B).

Julgando ser consequência de uma queda do pronome *se*, MONTEIRO (1994: 110) também considera a 3.<sup>a</sup> pessoa do singular e a 3.<sup>a</sup> pessoa do plural como indeterminadoras do sujeito.

KITAGAWA & LEHRER (1990: 739, citados por MENON, 1994: 130), ao confirmarem a função de representação genérica dos pronomes pessoais, "sobretudo os da segunda pessoa", ressaltam que esse fato é exclusivo das línguas cujo conjunto de pronomes é fechado. Ficando, portanto, excluídas dessa questão línguas como o japonês e o coreano.

Interessante é observar que, ao tratar da função indeterminadora do pronome *você*, MONTEIRO (p. 111) diz que tal uso não é recente nem exclusivo da língua portuguesa, ao contrário do que se poderia pensar e que, de acordo com estudos mais antigos e profundos, sua existência já vem do latim, resistindo no espanhol arcaico, no italiano, no inglês, no francês, no russo, no grego moderno e no espanhol moderno, neste último, alvo de muitos estudos.

Esse uso das segunda e terceira pessoas para indeterminar parece carregar a intenção de envolver o ouvinte na mensagem e criar uma mescla de falante e ouvinte, onde as experiências supostas ou vividas passam a fazer parte do universo de ambas as partes. MONTEIRO (1994: 113), ao citar VILA (1987), supõe que o envolvimento do receptor da mensagem seja uma estratégia discursiva:

*trata-se de uma estratégia discursiva, bem própria do diálogo, o que em última análise parece confirmar a hipótese de que, ao usá-la, o falante pretende diminuir sua responsabilidade perante o que afirma ou declara, envolvendo o ouvinte ou transferindo-a para elementos que se situam fora do circuito comunicativo.*

Os pronomes de primeira pessoa, tanto do singular quanto do plural, também adquiriram ao longo do tempo o poder de indeterminação. Para MONTEIRO (1994: 113), a egocentricidade influencia o falante e faz com que o discurso, mesmo que hipotético, relacione-se diretamente com a sua realidade:

*a indeterminação do sujeito pode ser formalizada pelo emprego dos pronomes de primeira pessoa (eu, nós), como se a tendência para a egocentricidade do discurso atuasse até em relação a atos que necessariamente não deveriam envolver o falante.*

Na tentativa de abarcar os fatos da língua, no que concerne à indeterminação, assim como MONTEIRO, muitos lingüistas partem da fala e só aí estabelecem os diversos recursos de que o falante lança mão para indeterminar o sujeito.

MENON (1994) considera que a indeterminação do sujeito diz respeito sempre à indeterminação do referente e que esta pode ser expressa por meios lingüísticos mais numerosos do que aqueles previstos pela GT. São consideradas formas de indeterminação pela pesquisadora: *a gente, ele(s), eu, formas nominais, nós, se, você(s), voz passiva sem agente, voz passiva sintética, verbo na 3.ª pessoa do singular e verbo na 3.ª pessoa do plural.*

Tal concepção pode, seguramente, associar-se ao que CALLOU, OMENA & SILVA (1991: 19) dizem a respeito dos diversos processos de indeterminação do sujeito que, por serem perfeitamente possíveis através de distintas construções gramaticais, pertencerão a diferentes níveis dentro de uma escala e "ao que parece, a passiva sem agente estaria num dos extremos dessa escala e um pronome de primeira pessoa do singular estaria em outro".



## Capítulo 2

### A INDETERMINAÇÃO DO SUJEITO

Após a exposição do conceito de vários estudiosos sobre assuntos pertinentes ao tema deste trabalho, serão abordados, a seguir, critérios que condicionam a indeterminação do sujeito.

#### 2.1 Condicionamentos lingüísticos

Na seleção dos dados foram adotados os mesmos condicionamentos lingüísticos de MENON (1994), levando-se sempre em conta que a indeterminação do sujeito corresponde à indeterminação do referente e, sendo um fenômeno de variação lingüística, é sujeito à influência de fatores lingüísticos e sociais.

São os critérios: intercambialidade das formas; pares mínimos; ditados, verdades gerais ou eternas, questões retóricas; tempos e modos verbais; advérbios e preposições; completivas; afastamento do falante; afastamento no tempo, situações hipotéticas.

##### 2.1.1 Intercambialidade

Uma vez que as variantes selecionadas para análise têm o mesmo caráter genérico, em determinados contextos podem ser usadas alternadamente, mantendo o caráter de indeterminação do sujeito. Para MENON (1994: 145),

*a indeterminação do sujeito, em português, constitui um desses casos na qual a equivalência de formas para exprimir o mesmo conteúdo pode ser demonstrado.*

Em ROLLEMBERG et al. (1991: 57) vemos que:

*Trata-se de processo lingüístico com grande vitalidade na modalidade oral. Um único falante pode fazer uso, em uma mesma enunciação, de mais de um recurso indeterminador.*

Além dessa possibilidade de intercâmbio entre as variantes num mesmo contexto, também podemos refazer muitas estruturas já produzidas pelo falante, através da substituição de variantes, e chegar ao mesmo sentido. Com isso podemos comprovar a intercambialidade entre algumas variantes com a manutenção do mesmo valor. MILANEZ (1982: 30), ao analisar algumas formas nominais, que trata por sintagmas, também trabalha com essa intercambialidade para comprovar o valor de indeterminação: "Para evidenciar o conteúdo generalizador de tais SNs, fizemos alguns testes de substituição das ocorrências". E essas substituições resultam em novas construções com sujeito indeterminado.

Para comprovar a primeira possibilidade, apresentamos vários exemplos da amostra analisada do BD-VARSUL em que o falante utiliza mais de uma variante, num mesmo contexto, com o mesmo sentido indeterminado, confirmando a vitalidade no ato lingüístico oral:

#### **A GENTE x SE**

(1) "*A gente não tinha condições, né? de ter brinquedo e então se inventava.*" (CBA/19/0131)

#### **VOCÊ x A GENTE**

(2) "*Antigamente pra chegar o Natal, Deus o livre, a semana demorava pra passar, hoje é segunda-feira, quando você vai ver é sábado novamente, domingo novamente, passa, a gente não vê passar.*" (CBA/17/0248)

#### **SE x $\phi$ V3PS**

(3) "*Nunca se sai de um serviço e  $\phi$  fica de braço cruzado.*" (FLP/07/0488)

#### **A GENTE x $\phi$ V3PS x SE**

(4) "*Vinham as canoas, ali a gente comprava uma saca de farinha, que era costume  $\phi$  comprar farinha, saco de feijão, [era costela]- quilos de costela seca, carne seca, bastante lingüiça, manteiga se comprava era de lata, não era de quilo.*" (FLP/08/0296)

#### **$\phi$ V3PS x SE x $\phi$ V3PS**

(5) "*A sopa de siri é:  $\phi$  pega o siri, limpa#se ele,  $\phi$  tira a casca dele, né?  $\phi$  coloca com arroz,  $\phi$  coloca os temperos-*" (FLP/10/0323)

## NÓS x A GENTE

(6) "Não  $\phi$  poderíamos, de jeito nenhum, a transformação que **a gente** está tendo aí." (FLP/13/1250)

## A GENTE x TU

(7) "Não, porque tudo o [que]- que **a gente** vê na bíblia, tudo [é]- [ê]- são coisas, assim, [que a gente]- que chocam a gente, né? toda a bíblia choca a gente, tudo o que **a gente** vê, qualquer coisa que tu pegues pra ler, qualquer pedaço, **tu** ficas chocada com aquilo." (FLP/15/1268)

## $\phi$ V3PS x TU

(8) " $\phi$  chega lá na câmara **tu** não fazes nada por ninguém." (FLP/19/0359)

## TU x $\phi$ V3PS x A GENTE

(9) "Ai, **tu** podes fazer diferente,  $\phi$  podes fazer misturando os ovos inteiros, daí não  $\phi$  bate as claras em neve, mas quando **a gente** bate as claras em neve fica mais fofinho, né?" (POA/06/0626)

## A GENTE x NÓS

(10) "Daí **a gente** [fazia]- [tinha a]- **nós** fazíamos a dança do bastão também, então quem ganhava **nós** íamos na feira pedir coisas pra dar de prêmio." (POA/13/0564)

## A GENTE x TU

(11) "Então às vezes **a gente** termina brigando com esses proprietários, né? se indispondo com eles em função de **tu** pegares e  $\phi$  acionares junto à prefeitura pra fazer limpeza, pra cercar o terreno, pra fazer [uma <sal->]- uma calçada." (POA/22/0091)

Nos exemplos de (1) a (11), percebemos que os falantes utilizam variadas formas para representar o sujeito, numa mesma oração, e o caráter genérico do referente permanece.

A seguir, nos exemplos de (12) a (23), foram feitas algumas substituições de variantes nos diversos enunciados, e ficou comprovado que a intercambialidade seria perfeitamente possível, pois se manteve o valor da indeterminação.

## ELES x VPSA

(12) "Então você pode ver que **eles** tiraram e então dali pra direita é Via Vêneto até o final lá." (CBA/01/1227)

(12a) Então você pode ver que **foi tirado** e então dali pra direita é Via Vêneto até o final lá.

## VOCÊ x A GENTE

(13) "Não, as professoras eram bem exigentes, né? então era daquelas que [você]- **você** errasse uma coisa, ela fazia **você** ir até o fim da matéria, se **você** começasse brincar, elas davam bolachinhas na palma da mão com uma régua-" (CBA/01/0008)

(13a) Não, as professoras eram bem exigentes, né? então era daquelas que [você]- **a gente** errasse uma coisa, ela fazia **a gente** ir até o fim da matéria, se **a gente** começasse brincar, elas davam bolachinhas na palma da mão com uma régua-

## VOCÊ x SE

(14) "É, vamos supor assim: era um saquinho com uma alça, daí **você** jogava em cima do ombro, tá? e os cadernos dentro, lápis, tudo." (CBA01/0050)

(14a) É, vamos supor assim: era um saquinho com uma alça, daí jogava-se em cima do ombro, tá? e os cadernos dentro, lápis, tudo.

## VOCÊ x NÓS

(15) "Não, transporte **você** não pode reclamar." (CBA/01/0469)

(15a) Não, transporte **nós** não podemos reclamar.

## VOCÊ x A PESSOA

(16) "[Você tem]- **você**, às vezes, com uma passagem, **você** roda, quase todos os bairros de curitiba, então **você** fica [bem]- bem à vontade, vamos supor assim, né?" (CBA/01/0470)

(16a)[A pessoa tem]- **a pessoa**, às vezes, com uma passagem, **a pessoa** roda, quase todos os bairros de curitiba, então **a pessoa** fica [bem]- bem à vontade, vamos supor assim, né?

## VOCÊ x O CARA

(17)"Então a gente vê, se **você** não for comunicativo, **você** não vai ter nada." (CBA/01/1074)

(17a) Então a gente vê, se **o cara** não for comunicativo, **o cara** não vai ter nada.

## φV3PS x A GENTE

(18) "Depois **φ** tinha que vim a pé de lá pra trazer pra cá uns ("trequinhos") de carroça, né?" (CBA/01/0167)

(18a) *Depois a gente tinha que vim a pé de lá pra trazer pra cá uns ("trequinhos") de carroça, né?*

#### $\phi$ V3PP x VPSA

(19) *" $\phi$  Vão abrir bastante vaga, né?" (CBA/01/0406)*

(19a) *Serão abertas bastante vagas, né?*

#### SE x VPSA

(20) *"Ai a tia se enterrou no domingo, e a mãe se enterrou na segunda." (FLP/03/1287)*

(20a) *Ai a tia foi enterrada enterrou no domingo, e a mãe foi enterrada enterrou na segunda.*

#### A GENTE x SE

(21) *"A gente andava muito." (FLP/04/0157)*

(21a) *Andava-se muito.*

#### VPSA x $\phi$ V3PP

(22) *"Ai depois eu fui convidado pra fazer uma outra peça e eu não-" (FLP/05/0616)*

(22a) *Ai depois  $\phi$  me convidaram pra fazer uma outra peça e eu não-*

#### A GENTE x SE

(23) *"Leite e pão, é um preço tabelado, né? mas tem certos artigos que a gente paga o dobro do preço." (POA/02/0243)*

(23a) *Leite e pão, é um preço tabelado, né? mas tem certos artigos que se paga o dobro do preço.*

### 2.1.2 Pares mínimos

Em decorrência da intercambialidade das formas de indeterminação do sujeito, encontramos os *pares mínimos*, que são tipos especiais de variantes passíveis de serem usadas exatamente num mesmo contexto, uma no lugar da outra.

A existência dos pares mínimos no *corpus* analisado é uma característica da pesquisa variacionista porque são uma prova da ocorrência de "variantes de uma mesma variável" (MENON, 1994: 156). E de acordo ainda com MENON (1994), verificamos que o uso de uma variante no lugar da outra sem alteração de sentido é uma justificativa para a escolha das treze variantes da variável *indeterminação do sujeito*.

### VPSA / NÓS

(24) *"Esse é feito em tecido, então, tem tecido estampado, tecido liso, né? fica bonito, é o outro jogo que nós fazemos e as poltroninhas."* (CBA/03/0541)

### φV3PS / SE

(25) *"Ãh, φ fazer política em volta de uma mesa tomando cerveja é facilimo de se fazer, puta qualquer um faz."* (CBA/09/0209)

### SE / φV3PS

(26) *"E agora tem#se dinheiro e não φ tem fatura, né?"* (FLP/08/0302)

(27) *"Eu sempre disse pro meu marido que o dia que eu morresse, eu ia aceitar, porque vai#se ao encontro de Deus, né? φ vai daqui pra melhor."* (FLP/11/0367)

### A GENTE x SE

(28) *"Arroz, a gente comia pouco, porque arroz era muito caro, e se comia muito pouco."* (FLP/08/1202)

### SE / VOCÊ

(29) *"Não, não, lá só se vai à cidade de vez em quando, quando tem que comprar algum mantimento, alguma coisa, que você vai à cidade."* (POA/04/0280)

### φV3PP / SE

(30) *"φ Rezam, [mas]- mas [se reza]- se reza assim em silêncio, né?"* (POA/09/0804)

## 2.1.3 Tempos e modos verbais

A importância dos tempos e modos verbais é devida ao fato de que a indeterminação pode ser detectada através de tempos que propiciam o afastamento da realidade, indicando situações atemporais.

Um dos tempos mais característicos na indeterminação é o presente do indicativo, que sugere um caráter intensivo e atemporal às ações. COSTA (1976: 200, citado por MENON, 1994: 163) considera que "o presente tem um valor

aspectual neutro pois ele denota uma ação sem fazer referência à sua duração e é utilizado por indicar fatos habituais".

Provavelmente devido ao estilo das entrevistas do VARSUL, onde o entrevistador induz o falante a falar sobre costumes antigos, a formação da cidade e/ou do bairro, outro tempo verbal bastante comum é o pretérito imperfeito do indicativo, principalmente por ser usado em referências a outras épocas e narrações de fatos.

### Presente do Indicativo

(31) *"Na hora [do]- do rush, coisa e tal, você não **tem** os ônibus suficientes pra deslocar, né?"* (CBA/01/0475)

(32) *"A hora que você **entra** o que vem atrás se desespera, vem em alta velocidade, alguma coisa, é que acontecem os acidentes."* (CBA/01/0528)

(33) *"Então, por causa disso que você **passa** ali e aqui [na <ma->]- na Manoel Ribas e é tudo florido, quer dizer, então é tudo planejado, são tudo já certinho, pra quando chegar na época lá você [**tira** aquela que]- **tira**, vamos supor, esse mês tal flor deu a planta."* (CBA/01/1644)

(34) *"Não, um metro, mais ou menos, você já **encontra** o barro preto."* (CBA/02/0221)

(35) *"E **arma** o alçapão, **pendura** ele na árvore."* (FLP/10/0257)

(36) *"Isso a gente **tira** por tudo."* (FLP/13/0778)

(37) *"É, a gente **nota** isso perfeitamente."* (FLP/13/0932)

(38) *"Você **pega** uma partitura de uma música dessas, não **entende** nada, nada, não têm melodia nenhuma, não têm ritmo nenhum, têm essa batida, e eles ganham dinheiro com isso, né?"* (POA/01/1005)

(39) *"Assim como lá no antigo testamento, e agora também a gente **tem** que dar o dizimo pro senhor, o dizimo das despesas que a gente **ganha**, a gente **tem** que dar o dizimo de tempo também."* (POA/02/0655)

(40) "Mas eles **apagam** as luzes da rua,  $\phi$  **quebram**." (POA/06/0171)

(41) "Eu acho que a gente **freqüenta** sempre, a gente **pega** a fê, **começa** a gostar, né?" (POA/06/0835)

### **Pretérito Imperfeito**

(42) "Então daí você não **via** mais [<pess->]- criança brincando na rua." (CBA/01/0761)

(43) "Então isso aí a gente **via** aí cheia de favelados." (CBA/02/0877)

(44) "Não tinha nada, digo, que nem nós **estávamos** explicando ontem, que a gente **podia sair** à vontade." (CBA/03/0013)

(45) "A gente **comprava** tudo em grande quantidade." (FLP/08/0309)

(46) "A gente **fazia** mais era chá, né?" (FLP/08/0577)

(47) "Naquele tempo [isso aí]- você **enxergava** o guaíba." (POA/01/0318)

(48) "A gente **ligava** e [era]- era rápido, questão de-" (POA/03/0067)

(49) "Tá! (inint) então o pessoal **vinha** [e]- [ia]- **fazia** uma sauna pra depois, né? ir participar [desses]- dessas festas aí." (POA/03/0651)

(50) "Eles, além de salário, eles ainda davam por produção: quanto mais tu **produzias** no mês, tu **ganhavas** um abono, né?" (POA/05/0203)

#### **2.1.4 Ditados, verdades gerais ou eternas, questões retóricas**

O presente do indicativo é, como podemos observar nos exemplos, bastante usado nos chamados ditados, ou verdades gerais, que são os casos em que o locutor



se utiliza do saber comum, com caráter atemporal, para expor idéias que julgue já fazerem parte do conhecimento do ouvinte, ou de situações hipotéticas.

(51) "*ϕ Diz que ϕ recordar é ϕ viver, às vezes ϕ recordar é ϕ morrer*". (CBA/24/0597)

(52) "*Hoje, ϕ diz que a religião está melhor*." (CBA/21/1215)

(53) "*Nunca se sai de um serviço e ϕ fica de braço cruzado*." (FLP/07/0488)

(54) "*A gente deve respeitar o pensamento das pessoas, dos outros*." (FLP/17/0796)

(55) "*A gente não sabe onde é que vai parar essa humanidade, né?*" (FLP/22/0040)

(56) "*Tanto é que ϕ diz: 'ui, morar perto da sogra!'*" (FLP/09/0679)

(57) "*Hoje você não pode sentar na Praça da Alfândega à noite, né?*" (POA/21/0188)

(58) "*Tu vês como é que é as coisas, não é?*" (POA/23/0753)

(59) "*Isso aí são macetes da vida que a gente aprende, né?*" (POA/23/1018)

### 2.1.5 Mudança de tempos

A mudança de tempo verbal num discurso é, muitas vezes, uma indicação de saída do tempo real para o hipotético ou mudança de uma situação atemporal para real.

Com relação a tempos verbais, CUNHA (1993: 6.1), ao trabalhar com a indeterminação pronominal do sujeito, faz a suposição que "a escolha do tempo verbal depende, muitas vezes, do gênero em que a porção do discurso analisado se insere". Isso significa que, a depender do tipo de discurso e assunto abordado, o uso da forma verbal poderá ser alternado para que haja o afastamento do tempo real para um tempo mais distante ou hipotético.

Para MENON (1994: 173), a mudança de tempo verbal

*é uma das estratégias empregadas pelos locutores do NURC (...) nas construções com sujeito indeterminado. A marca no discurso é a mudança de tempo: em geral, passa do presente atemporal ao passado. Ou ainda do passado ao imperfeito ou ao presente.*

Nesses casos de mudança de tempo verbal também pode ser percebida a mudança de referente, passando o sujeito de determinado a indeterminado como em (60):

### **Pretérito perfeito a pretérito imperfeito**

(60) *"Bom, como funcionário público eu **ingressei** em cinquenta e oito, na função de tesoureiro, que eles **diziam** o pagador, não é?"* (CBA/15/0359)

Ou de indeterminado a determinado como em (61):

### **Presente a pretérito imperfeito**

(61) *"Chá até de casa, que você **cata** ali: uma erva#cidreira, [um]- um chá de pata#de#vaca, que nem nós **estávamos comentando**, né?"* (CBA/03/1431)

Nos dois exemplos acima, o falante, ao mudar o tempo verbal, transporta-se de uma situação genérica a uma situação particular. No primeiro exemplo (60), há uma experiência particular, representada pelo pretérito perfeito, e a seguir uma situação genérica, destacada pela mudança de tempo para o pretérito imperfeito. No segundo exemplo (61), há uma generalização, a respeito de qualquer pessoa catar as plantas para fazer chá, representada pelo presente do indicativo, em contraste à chamada ao tempo real e à referência ao falante e seu(s) interlocutor(es), através do pretérito imperfeito.

### **Presente a pretérito imperfeito**

(62) *"Mas como antigamente, eu sempre **digo** pra mim que eles **achavam** que o valor mesmo era nesse."* (CBA/06/0320)

O falante separa a referência à sua pessoa, através do verbo no presente, da referência indeterminada, propiciada também pelo advérbio, através do verbo no pretérito imperfeito.

### **Pretérito imperfeito a presente**

(63) "*É o que eu estava dizendo também antes, que a gente não pode pensar que o governo tem obrigação, nós também temos obrigação, né?*" (POA/22/0133)

No exemplo (63) o pretérito imperfeito está expressando a situação real e particular, o que o falante havia falado antes, e o presente do indicativo é o transporte para uma situação com caráter genérico, onde o falante comenta sobre qual deve ser o pensamento em relação ao governo.

Outros exemplos também com a característica da mudança de tempo para marcar a mudança de referência:

(64) "*Até uma senhora que  $\phi$  diz que de manhã veio à missa, aí foi assaltada ali na esquina.*" (POA/22/0860)

No exemplo (64), o primeiro verbo (diz) tem um sujeito com referência genérica, pois é uma história que está sendo contada, e apresenta-se no presente do indicativo. A seguir, o próximo verbo (veio) é usado no pretérito perfeito, e o referente do sujeito deixa de ser genérico, pois é "uma senhora". E, por último, há uma voz passiva sem agente, cuja generalização do referente confirma a indeterminação do sujeito.

(65) "*Ai foi um corre-corre e pra cá, e  $\phi$  chama a família, a família também, os pais vieram e incentivaram e tal.*" (FLP/13/0144)

No exemplo (65) há a passagem da referência genérica ( $\phi$ V3PS) à particular (os pais) representada pela mudança de tempo verbal: do presente do indicativo ao pretérito perfeito.

## 2.1.6 Advérbios e preposições

### 2.1.6.1 Advérbios

Os advérbios, bem como os adjuntos adverbiais, que indicarem tempo e espaço serão considerados marcas da indeterminação. Para ORLANDI (1981: 104 citada por MILANEZ 1982: 89):

*O circunstante, isto é, o advérbio, em relação ao relevo, pode vir em realce. É o caso das ocorrências de local e datas. Do ponto de vista de sua função textual, essas ocorrências criam o efeito de sentido que resulta na ilusão da informação imparcial dos acontecimentos, em sua objetividade. Na realidade, a colocação em realce do local e/ou data, permite a indeterminação do sujeito ou ocultação do agente através da posposição do sujeito, ou do uso da passiva sem agente.*

Incluem-se nesta seleção os advérbios que indicam a frequência com que situações ocorrem, a intensidade de ocorrências, a repetição de fatos, a oposição no tempo e situações genéricas. Existe o afastamento de possíveis interpretações pessoais através do desconhecimento do agente e, portanto, a indeterminação fica caracterizada.

(66) "[*A hora que*]- *a hora que* começarem te procurar daí é que você vai ver quem que vai sair e pra quem que você vai torcer daí." (CBA/01/0458)

(67) "Então, *na temporada*, a gente faz aquela festa, lá." (CBA/02/0484)

(68) "Que *até hoje* quando a gente vai, é a mesma coisa, né?" (CBA/04/0361)

(69) "Só que *hoje* eles já fazem o enterro, eles [*já fazem*]- já  $\phi$  leva, [*os*]- os defuntos [*na*]-[*na*]-[*na*]- nas capelas. Da capela já sai direto pro cemitério." (CBA/02/0959)

(70) "Não era assim *antigamente*, *agora*, você vai fazer o quê?" (CBA/03/0431)

(71) "*Antigamente* [*o*]- o povo tinha assim aquelas vaquinhas, cavalos, você via assim nos campos, então eles ajuntavam aqueles estrumes [*dos*]- dos bichos e punham lá num cantinho e deixava aquilo curtir, depois misturavam com a terra, então, quer dizer que era assim um adubo mais natural." (CBA/10/1449)

(72) "Olha, o pessoal elogia muito o nosso prefeito, né? e é claro, como eu disse pra você, às vezes, a pessoa até tem boa vontade, mas ele não manda sozinho." (CBA/19/1454)

(73) "É que *aquele tempo* [*a*]- [*o*]- aqui em Curitiba, por exemplo, o pessoal eles [*não*]- não construíam casa assim [*na*]- na beira dos rios, né? como hoje, né" (CBA/21/0756)

(74) "[<Ge->]- *geralmente* aqui você vê o seguinte: você vai na feira." (FLP/02/0695)

(75) "*φ* Tíhamos a merenda, quando não era aquele [*<l->*]- [que o]- que o pessoal, [*<n->*]- *antigamente*-" (FLP/02/0934)

(76) "*Que hoje* você vê um professor de educação física, você [*uma*]- vê uma física muito [*<defe->*]- [*<di->*]- diferente da anterior." (FLP/02/0970)

(77) "*Naquele tempo* a pessoa tinha que se virar com os amigos: o pneu de um, o rodado de outro, o quadro do outro, pintava, tal, dava um jeito." (FLP/04/0182)

(78) "*No tempo da minha juventude* se comia melhor, se encontrava uma carne seca boa, tinha." (FLP/06/0886)

(79) "*Então, naquele tempo*, assim, o pessoal gostava da farra do boi." (FLP/07/0276)

(80) "[*Então ele*]- aí quando foi uma noite, a mulher dele estava com uma saia de flanela, que *naquela época* eles usavam essas saias de flanela com estampado." (FLP/08/0477)

(81) "*Mas eu acho que agora, nesse tempo de hoje*, a gente não deve mais carregar isso porque as pessoas de hoje não têm culpa [*da*]- [*de a*]- do que aconteceu, não foram as mesmas pessoas, né?" (FLP/17/0930)

(82) "*Naquela época* a gente ganhava reguada, né?" (FLP/18/0365)

(83) "*Dia de chuva* a gente pisa no barro." (POA/06/0154)

(84) "*Às vezes* tem lugares aí que você não pode passar na calçada que está batendo com a cabeça, porque eles [*não*]- não cortam aqueles galhos, né?" (POA/07/0681)

(85) "[*Hoje os*]- *hoje*, pra tu consegues convencer um filho [*a*]- a fazer alguma coisa, *φ* tem que ter um grande poder de argumentação, né?" (POA/15/0262)

(86) "*Agora* não se vê mais isso, né?" (POA/16/1103)

### 2.1.6.2 Preposições

MENON (1994: 180) mostra a importância das preposições nas construções com infinitivo impessoal, pois, ao que parece, diante dos dados do NURC - SP, e que levaremos em conta na análise dos dados do VARSUL, está havendo um maior preenchimento do sujeito após preposições que precedem verbos no infinitivo. A presença do sujeito junto ao verbo provocará a transformação de infinitivo impessoal para infinitivo pessoal, e o verbo, dependendo da variante que ocupar a função de sujeito, sofrerá uma flexão condizente com a pessoa gramatical que o estiver acompanhando.

Para MENON (1994: 180), "no que concerne à indeterminação, a presença de variantes após as preposições é manifestada muito mais freqüente que se podia presumir".

E, com relação às preposições, esclarece:

*As construções em questão empregam sobretudo as preposições para (nas orações adverbiais finais) e de (o complemento do nome sendo um verbo) ou nas construções com o verbo ser mais de. (1994: 181)*

E, na maioria das vezes, o sujeito colocado após as preposições carregará o sentido genérico, pois não se pode determinar qual é o agente.

(87) "Dai você não dá **tempo de** você ir no parque." (CBA/01/1313)

(88) "Que tem [o]-[o]- um senhor que cuida do horto, então, vamos supor, agora essa época, **pra** você plantar uma flor lá, vamos supor que queiram que- ter flor de todo mês." (CBA/01/1628)

(89) "Porque hoje em dia se você vai fazer uma casa, você [com]- faz uma casa que dê **pra** você morar." (CBA/03/1037)

(90) "Aqui, **pra** começar é que nem o Anderson diz, **pra** a pessoa sair pra fora do portão aqui [ $\phi$  tem que ter]- em primeiro lugar  $\phi$  tem que ter dinheiro." (CBA/18/0629)

(91) "Sei lá, [uma]- umas coisas assim que dá até **ânimo de** você, né? viver, sei lá." (CBA/03/0485)

(92) *"É um bairro bom **pra** se morar [e]- [e]- livre [de]- [de]- de furtos assim nas casas."* (CBA/19/0007)

(93) *"O horário não dá **pra** tão assim espaçoso que dê **pra** você fazer uma alimentação tranqüila."* (CBA/10/1408)

(94) *"A gente botava três montinhos de sal no fogo **pra** pessoa ir embora."* (FLP/08/0420)

(95) *"Dá muito **medo da** gente ir **pra** festa."* (FLP/09/0219)

(96) *"É, daí ele fez esse plano aí, mexeu, né? mexeu com muita gente, mas é muito cedo ainda **pra** gente avaliar, fazer uma avaliação."* (FLP/10/1293)

(97) *"Uma classe bem **melhor de** se trabalhar."* (FLP/12/1231)

(98) *"Só **pra** você ver o comportamento das pessoas como eram, né?"* (FLP/13/0791)

(99) *"Não, as que estão aí não dá **da** gente fazer."* (FLP/16/0628)

(100) *"Mas ali, [era]- **pra** gente subir era mais difícil".* (FLP/24/1291)

(101) *"Acho que tem que escolher muito **pra** gente ter alguma coisa boa, acho que as revistas também."* (POA/02/0382)

(102) *"Sim, gosto de Porto Alegre, cidade bem interessante, [tem]- existe de tudo, né? [não]- a gente não pode dizer que falta nada, então é uma cidade muito boa **pra** se viver."* (POA/04/0002)

(103) *"Não dá **pra** gente ficar muito tempo, porque aí só se gasta."* (POA/04/0623)

(104) *"[Que ele]- que ele falava na televisão, né? eu achava que era um homem ideal [pra]- [pra]- **pra** se votar nele."* (POA/05/0764)

### 2.1.7 Completivas

MENON (1994: 183) mostra, com dados do NURC-SP, que tanto "construções gramaticais apresentando um sujeito constituído de uma oração reduzida de infinitivo, posposta ao predicado" quanto "orações constituindo o complemento" são estruturas de orações completivas que cada vez mais são construídas com um sujeito, ao contrário do que prevê a GT. E o referente desse sujeito, muitas vezes, é representado por uma variante capaz de indeterminá-lo.

O que CUNHA & CINTRA (1985: 473) apresentam como infinitivo pessoal deixa claro o que está sendo abordado nessa seção como mais um tipo de construção gramatical que pode ser encontrada com a presença do sujeito:

*"O difícil é estarmos atentos. (V. Ferreira, NN, 128)"*

Esse é um exemplo de infinitivo pessoal, pois contém um sujeito, posposto ao verbo e que só seria mais comum a ausência do sujeito se fosse invertida a ordem:

*Estar atento é difícil.*

A preposição antes do verbo da oração reduzida de infinitivo também favorece a presença do sujeito, como veremos mais adiante.

OMENA (1987: 20), quando trabalha com as formas de 1.<sup>a</sup> pessoa na fala popular, também leva em conta as orações completivas que contêm sujeitos:

*Ligado à influência do infinitivo sobre o uso de a gente, como sujeito, está o condicionamento, dessa vez categórico, para essa forma na construção sintática em que ela aparece como sujeito de uma oração completiva, ou exerce a função de objeto da oração principal e sujeito da oração subordinada.*

Para PERINI (1994: 96), as ocorrências de sujeito nas orações reduzidas de infinitivo parecem estar claras e são tratadas de forma bastante simples: "não me parece haver dúvida de que o infinitivo pode, pelo menos em muitos casos, aparecer com sujeito".

Percebe-se que é possível ao infinitivo impessoal receber um sujeito, transformando-se então em infinitivo pessoal, e que a impossibilidade da



recuperação da referência do sujeito caracterizará a indeterminação do sujeito. Pode-se observar esse caso nos exemplos abaixo:

(105) "*Fez abertura muito... e daí, no você **descer** do carro.*" (CBA/04/1512)

(106) "*[Mas]- mas não naquela felicidade interior, você **estar** de bem consigo mesmo.*" (CBA/09/1094)

(107) "*Porque não adianta a **pessoa atender** trinta ligações [e]- e  $\phi$  atender mal o paciente.*" (CBA/19/0412)

(108) "*Não adianta você **ensinar** pra criança o bê-a-bá, se não  $\phi$  der a ela [a <consi->]- a educação.*" (FLP/13/1228)

(109) "*É hábito se **ir** [na]- uma casa, de Natal, e outra casa, primeiro de ano.*" (FLP/17/0311)

(110) "*Porque vai ter edificio, vai ter a parte comercial e vai ter uma forma de o **pessoal trazer** essas grandes empresas de supermercados pra cá.*" (FLP/21/0964)

(111) "*É a gente **reconhecer** que Deus é maravilhoso, que Deus é poderoso, que Deus pode todas as coisas, né?"* (POA/02/0703)

(112) "*Então não adianta se **formar** aí montes de engenheiros, né?"* (POA/15/1145)

(113) "*Porque se pra se **entrar** numa escola [se fazia]- se formava fila, né? como nos colégios atuais.*" (POA/16/0144)

Exemplos de construções "*aparentemente inovadoras*" com os adjetivos *fácil* e *difícil* seguidos da preposição *de* são apresentados por MENON e, apesar de BECHARA (1960: 160 citado por MENON 1994: 184) defender que não há exigência alguma de uma preposição em tais situações, podemos buscar respaldo no que dizem CUNHA & CINTRA (1985: 475) a respeito da construção *adjetivo* mais preposição *de*, apesar de tais autores não considerarem a possibilidade da presença de um sujeito entre a preposição e o verbo no infinitivo: "quando, precedido da

preposição *de*, serve de complemento nominal a adjetivos como *fácil, possível, bom, raro* e outros semelhantes".

Associando o que dizem BECHARA, CUNHA & CINTRA e MENON, temos que observar atentamente as orações completivas formadas por adjetivo seguido de preposição e verbo no infinitivo, ou simplesmente por preposição e verbo no infinitivo, pois essas estruturas poderão conter um termo que represente o sujeito, e esse sujeito deverá, então, ser analisado a respeito de suas características indeterminadoras.

Os exemplos seguintes, do *corpus* analisado, são uma amostra de que pode haver um referente indeterminado para o sujeito em orações com verbo no infinitivo, precedido de preposição e podendo estar acompanhado de um adjetivo. As possibilidades de representar esse sujeito indeterminado, como podemos ver, são variadas:

(114) "*Não, à noite, principalmente seis horas, sete horas- que isso [é]- já era o normal, né? [da]- da pessoa já estar dentro de casa, né?*" (CBA/03/0081)

(115) "*[E]- residência própria, então, pra você se desfazer e depois  $\phi$  começar outra vez em outro local, fica difícil, ainda mais hoje, né? com uma dificuldade muito grande em função de [é]- própria financeira, né?*" (CBA/03/0754)

(116) "*Mais positiva, [mais]- mais pura, quer dizer, hoje é quase impossível a gente falar isso [mas]- mas existe ainda, né? [essa]- essa chance, eu acho que [é]- muda muito e muita cabeça esse tipo [de]- [de]- de convivência em grupo [em]- em comunidades, né? religiosas.*" (CBA/05/0352)

(117) "*Então é melhor as pessoas ganharem cem mil por mês e saberem que vivem com cem mil por mês e nunca  $\phi$  subir e sempre  $\phi$  ganhar os cem mil, do que ("ser adiantado") pra duzentos e trinta e [o]- a cesta básica dele vai pra duzentos e cinquenta.*" (CBA/07/0974)

(118) "*[Que]- é uma tranquilidade, né? ruim pra [você ir]- pra você ir de carro pro centro.*" (CBA/09/0782)

(119) "*E eu, sempre, é super difícil  $\phi$  subir em árvore.*" (FLP/01/0834)

- (120) *"Isso há trinta, [trinta e]-trinta e cinco anos passados, era ótimo  $\phi$  viver aqui."*  
(FLP/04/0095)
- (121) *"Naquele tempo era muito difícil a gente [<encon->]- ver um abacate."* (FLP/12/0938)
- (122) *"Eu acho que está mais fácil pra gente viver agora."* (FLP/12/0380)
- (123) *"Porque [o]- o importante, Jô, [é]- é tu agüentares ali com eles, sofrer com eles ali."*  
(FLP/16/0782)
- (124) *"Acho até difícil se encontrar."* (FLP/20/1221)
- (125) *"É fácil [de se]- de se fazer, né?"* (POA/01/0287)
- (126) *"Bastante difícil de se trabalhar, não existe controle de preços, você compra uma mercadoria hoje, amanhã já é outro preço."* (POA/04/0057)
- (127) *"É uma coisa bem fácil de se fazer."* (POA/04/0574)
- (128) *"Se o carro não está aqui é muito fácil deles tentar, né?"* (POA/06/0122)
- (129) *"Eu acho que é válido, né? a pessoa [dar]- dar crédito, né?"* (POA/17/0365)

A esse respeito, COSTA (1976: 209, citado por MENON 1994: 185) diz:

*Ser e estar podem, no sintagma, ser seguidos de uma preposição e de um infinitivo. Ser seguido de de ou para exprime um valor particular de obrigação. Com a primeira dessas preposições aquilo que se indica é uma obrigação moral de realizar a ação:*

*"É de a gente se ajoelhar e de beijar de gratidão a terra que nos pariu".*  
(TORGA, 1960: 21)

*Com a segunda, aquilo que é indicado é um motivo para que o processo seja realizado:*

*"É para lamentar o que fizeste".*

MENON (1994: 185) considera que as afirmações de COSTA provam que a estrutura com *sujeito* entre *preposição* e *infinitivo* não faz parte de uma prática inovadora da oralidade, mas "já atingiu os clássicos".

Pode-se observar mais claramente a idéia de indeterminação do sujeito em estruturas com *preposição* mais *infinitivo* quando MENON (1994: 185) cita DIAS (1948: 304) para mostrar a equivalência entre construções com *preposição* mais *infinitivo* e por meio de *se*. Para DIAS, no sentido passivo de locuções compostas de *preposição* mais *infinitivo*, após um substantivo, haverá correspondência entre "livros *a consultar*" e "livros *que se hão de consultar*", "roupa *para passar*" e "roupa *para se concertar*".

### 2.1.8 Afastamento do falante

Muitas vezes, o falante, ao expor certas opiniões, fatos da caráter geral, afasta-se da expressão genérica para evidenciar sua opinião ou experiência vivida. O afastamento se dá em virtude de o falante querer ou separar um fato genérico da sua condição pessoal, ou de se identificar como membro desse conjunto mais amplo.

Para MENON (1994: 186):

*Eles [os falantes] se servem da indeterminação para fazer referência a fatos gerais, mas quando o julgarem necessário, eles introduzem uma marca seja para se desligar do conjunto genérico, seja para se marcar - como iguais ou como diferentes dos outros.*

Alguns exemplos do VARSUL demonstram que o falante destaca, quando lhe interessa, a sua condição particular em relação à genérica.

Nos exemplos de (130) a (132) há casos em que o falante sai da situação genérica para salientar uma experiência particular sua:

(130) "[Pra você]- você [é]- fazia financiamento e pagava [em]- em prestações, por exemplo, *eu fiz*." (CBA/02/0108)

(131) "A não ser que você vá trabalhar como empregado, muito bem empregado e ganhe bem, mas, fora esse ponto *não aconselho*." (CBA/06/0514)

(132) *"Não a gente acostuma, né? já  $\phi$  acostumei, já, quantos anos, né? quarenta anos na época que nem tinha era lá na Glória que a gente pegava, lá na Oscar Pereira, né?"* (POA/06/0015)

Nos exemplos de (133) a (137) o falante começa com a exposição de sua opinião pessoal e passa a casos genéricos:

(133) *"Eu acredito que você vem pra cá, você vem pra cumprir uma missão que você mesmo escolheu."* (CBA/09/0487)

(134) *"Eu calculo em torno de quinhentos cruzeiros, que era pra você sair,  $\phi$  ir ao cinema, comer pipoca,  $\phi$  chupar bala,  $\phi$  pagar o ônibus,  $\phi$  vir embora, ainda sobrava troco."* (FLP/02/0734)

(135) *"Eu acho que o mundo pode ser moderno, tecnológico, mas o sujeito não pode faltar é com respeito e a educação."* (FLP/13/0850)

(136) *"("Depois") eu acho que a gente, acima de tudo, a gente tem que respeitar Deus e acreditar que existe Deus."* (FLP/15/1236)

(137) *"É eu vou lá pra descansar, eu vou lá,  $\phi$  faz um aperitivo,  $\phi$  toma uma cervejinha,  $\phi$  vai dar uma olhada na praia,  $\phi$  toma um banho, quer dizer, é muito mais prático do que você estar sentado na beira de um rio sendo picado pelos mosquitos, né?"* (CBA/02/0513)

### 2.1.9 Afastamento no tempo, situações hipotéticas

O sujeito indeterminado pode estar presente também em narrações, receitas, exemplificações de situações e hipóteses, quando o tempo real é ignorado e a situação hipotética é a que envolve. São casos nos quais não há necessariamente a participação efetiva nem de falante nem de ouvinte, por se tratarem de idealizações e não haver exatidão na delimitação de tempo e espaço.

Para MENON (1994: 189), as hipóteses ou situações que ilustram uma idéia:

*são sempre dotados de uma porção de dúvida pois expressam seja um desejo, seja uma vontade ou intenção de realização, seja em indicar mesmo a impossibilidade de realização.*

Nos casos seguintes há exemplificações de situações e hipóteses, cujos sujeitos têm um referente indeterminado:

(138) *"Porque se  $\phi$  fosse, vamos supor, fazer uma centena ou só um milhar assim e parasse não, mas é uma produção que eles têm que sempre manter."* (CBA/01/0680)

(139) *"Foi o homem que tinha uma cabeça boa e colocou esses terminais pra lá e pra cá e integrou todos os ônibus, quer dizer, [antes você]- antigamente, quando não tinha o expresso você tinha que pegar [um]- um ônibus simples, ir daqui até a praça e se quisesse ir na Vila Hauer tinha que pegar outro na praça e ir até a Vila Hauer, né?"* (CBA/02/0085)

(140) *"Que se você for muito humano, e deixar a pessoa querer que você ande de cabeça pra baixo, aí não vai dar."* (FLP/02/0635)

(141) *"Porque se você souber que você está aqui numa missão, segundo o espiritismo, você está aqui porque Deus mandou, católico."* (FLP/13/1244)

(142) *"Então se eu começo a ter essa visão de Deus, além das coisas em que vivo, [não]- minha vida não só coisas ruins, eu sou cercada da graça de Deus..."* (POA/02/0730)

(143) *"Se a gente se acomodar, o tempo passa e a gente fica, né?  $\phi$  vai ficando pra trás, os outros vão passando na frente da gente."* (POA/22/0353)

Nos próximos exemplos, o falante utiliza-se da variante indeterminadora para criar uma situação hipotética, quando não há precisão, em um tempo que se distancia do real.

(144) *" 'Existem várias moradas na casa de meu Pai.', sabe? e é nisso que eu acredito, que se eu sou um assassino, um bandido, puta!  $\phi$  deitei e  $\phi$  rolei,  $\phi$  pintei o sete aqui, puta! eu não posso passar pra uma outra fase, sabe? [de]- [de]- de vida [que o]- como tipo irmã Dulce, sabe?"* (CBA/09/0498)

(145) *"[Não]- não, [aí]- aí tu, vamos supor, tu bates, aí tu ficas com dez pontos."* (FLP/10/0759)

(146) *"Tinha que estar quase participando, que se acontece algo com o parente meu, tá? eu vou pensar duma maneira totalmente diferente."* (FLP/14/0349)

(147) *"[Porque]- porque se eu [fizer esse tipo [de]- de <educa->]- permitir esse tipo de educação pros meus filhos, hoje eu vou me tornar uma pessoa ignorante, vão me chamar de ignorante, né?"* (FLP/18/1012)

(148) *"Se tu vais numa Alemanha, no norte pro sul [é]- tem vocabulário diferente."* (POA/15/1199)

(149) *"Se tu fores senadora da república, tu vais ganhar o máximo, cinco salários, e o mínimo é um."* (POA/18/0608)

Há casos em que o falante dá a receita de como deve ser feita alguma coisa, um prato, por exemplo, e, na sequência das explicações, utiliza-se de variantes que indeterminam o sujeito para acompanhar os verbos pertencentes à sua situação hipotética:

(150) *"Mas, também, [ $\phi$  pode não]- se não  $\phi$  quiser, também não  $\phi$  precisa colocar que salada fica ótima do mesmo jeito sem salame."*(FLP/01/0604)

(151) *"Ah, a tainha assada é [ $\phi$  limpar]-  $\phi$  limpar a tainha, né? que a senhora pode dar uns lanhos nela, assim, com dois cortes, né? e  $\phi$  querendo encher com o próprio miúdo [da]- da tainha: a ova, a moela, o fígado,  $\phi$  faz a farofa e enche, depois  $\phi$  costura ali a barriga e  $\phi$  bota no fogo."* (FLP/07/0988)

(152) *"A sopa de siri é:  $\phi$  pega o siri, limpa#se ele,  $\phi$  tira a casca dele, né?  $\phi$  coloca com arroz,  $\phi$  coloca os temperos-"* (FLP/10/0323)

(153) *"Galinha, camarão, molho e os temperos, depois se atira azeite#de#dendê, depois quando der aquela primeira fervura, que tu dá, tu vê que está fervendo mesmo, aí botas o leite de coco, e aí, minha filha,  $\phi$  bota o prato à mesa, e se  $\phi$  tiver uma colher aí  $\phi$  pode me dar que eu vou firme."* (POA/01/1038)

## 2.2 Exclusões

Segundo os parâmetros adotados na seleção de dados para a análise da indeterminação do sujeito, a seguir alguns casos que não correspondem às características pré-determinadas do objeto de estudo.

### 2.2.1 Indeterminação parcial

Casos, por exemplo, em que a estrutura utilizada pelo falante apresentava um caráter parcial de indeterminação foram deixados de lado. Considera-se indeterminação parcial quando há restrição à ocupação do referente do sujeito, quer dizer, há certas pistas que restringem ou determinam parcialmente qual poderá ser o referente do sujeito.

(154) *"É, [isso aí foi]- a princípio a gente achou que iria ser mais fácil suportar mas depois  $\phi$  estando lá, começa a bater a saudade, a gente se sente só e tal, então [fica]- fica difícil a coisa, apesar que a gente [ $\phi$ tele-]- telefonava a cada quinze dias,  $\phi$  recebia cartas,  $\phi$  mandava cartas, mas a coisa é difícil, a gente sente saudade da esposa, dos filhos, dá uma vontade louca de voltar, mas se está lá, é longe, a despesa é grande, a gente tem que trabalhar,  $\phi$  tem que ganhar alguma coisa, então a gente ia agüentando como podia."* (POA/04/0428)

Nesse trecho o falante, ao usar a forma *a gente*, começa falando de si (e provavelmente de mais alguém) quando achava que suportaria a situação de ficar longe de casa; depois ele generaliza, porque o fato de sentir saudade e sentir-se só, naquelas circunstâncias, pode ser comum a qualquer pessoa; mas a seguir, ele retoma a referência a si, que telefonava e mantinha contatos. A generalização reaparece quando o presente do indicativo é usado, tempo bastante comum em situações genéricas, indicando uma ação que sai do tempo real e entra num tempo que representa uma continuidade ou repetição da ação, podendo ter o sujeito relacionado a qualquer referente. Mas, quando o falante fala sobre a saudade de esposa e filhos, a indeterminação adquire um caráter parcial porque o contexto passa a ser restrito a quem possua esposa e filhos, o que é um condicionamento à referência do sujeito.

(155) *"Ai depois é que a gente se arrepende, minha filha, depois é tarde que daí já  $\phi$  tem os filhos, né? já  $\phi$  tem aquele compromisso para você cuidar, né?"* (CBA/08/0395)



Nessa estrutura, o referente do sujeito também apresenta características parcialmente indeterminadas porque só pode se relacionar a quem já tem filhos, o que não é próprio de situação genérica.

Casos como esses serão considerados problema e descartados de nosso trabalho.

### 2.2.2 Possibilidade de recuperação do referente

Situações em que há a possibilidade de recuperação do referente, mesmo que com uma certa distância na entrevista, serão descartadas.

(156) *"Se não parar, daí são obrigados a voltar pro local onde  $\phi$  bate cartão, tudo, né? e  $\phi$  ficam lá."* (CBA/11/1597)

Ao rever aproximadamente umas dez linhas de transcrição anteriores, pude recuperar o referente de *"são obrigados"*, *"bate"* e *"ficarem"*, que são *as equipes* (equipes de trabalho, do estado, que vão às escolas prestar auxílio). Mesmo que na frase não apareça o sujeito, o contexto no qual ela se insere propiciou a recuperação de referente e por esse motivo exemplos como esse não são considerados no trabalho.

Há exemplos em que o referente está bem perto, apesar de ser representado por outra forma:

(157) *"Então você veja, se o governo, o presidente, mesmo, sei lá, o governo do estado, eles gastassem um pouco do tempo e do dinheiro que eles arrecadam - porque eles arrecadam, né?"* (CBA/19/1482)

Nesse caso, exemplo (157), não há indeterminação devido à citação dos referentes, de forma clara e sequenciada: o governo, o presidente, o governo do estado, ou seja, as pessoas que trabalham nesses órgãos.

(158) *"Tipo pra [não]- não afetar [a]- certas áreas, tipo Bacacheri eles têm ali o comércio deles, aqui o Portão tem."* (CBA/08/0819)

Apesar de o falante usar a variante *eles*, no exemplo (158), percebe-se que a referência é feita ao bairro Bacacheri, sendo possível, portanto, a recuperação do referente, que no caso são as pessoas que têm comércio no bairro Bacacheri.

### 2.2.3 Repetição ou eco

Uma vez que o projeto VARSUL teve sua coleta de dados através de entrevistas com perguntas e respostas, ou seja, intervenções constantes do entrevistador, encontramos casos em que o falante repete a mesma estrutura utilizada pelo entrevistador.

(159) "E: E do que vocês assim *brincavam* quando vocês eram crianças?

F: Do que  $\phi$  *brincavam*?" (CBA/09/0053-0055)

(160) "E: Você tem que parar pra *pensar*.

F: Pra  $\phi$  *pensar*." (CBA/04/1070-1071)

(161) "E: É, que tipo de madeira que *usa*?

F:  $\phi$  *Usa madeira de pinus*." (CBA/03/0934-0935)

(162) "E:  $\phi$  *Pegavam* na cobra?

F: Não,  $\phi$  *pegavam* na cobra não." (FLP/01/0109-0109)

(163) "E: Só  $\phi$  *tinha* que ser advogado.

F: Ah, só  $\phi$  *tinha* que ser advogado." (FLP/06/0407-0408)

(164) "E:  $\phi$  *Fazer* um porto?

F:  $\phi$  *Fazer* porto, como tinha antigamente, [porto]- porto." (FLP/06/0701-0702)

(165) "E: Ah, se *usava* muito, né?

F: É, se *usava*, porque a gente não tinha um médico, né?" (FLP/08/0633-0635)

(166) "E:  $\phi$  *Pode* chamar de tu, né?

F:  $\phi$  *Pode* chamar,  $\phi$  *pode* chamar." (FLP/12/0002-0003)

(167) "E: E quando vocês estão na praia, o que  $\phi$  *costumam* fazer?

F: O que  $\phi$  *costumam* fazer?" (FLP/12/0159-0161)

(168) "E:  $\phi$  *conhecia* o dono da vendinha.

F:  $\phi$  *conhecia* o dono da vendinha, [v~~endia~~]- vendia fiado , [<co->]- no fim do mês  $\phi$  pagava, sem acrescentar nada." (FLP/13/0366-0367)

(169) "E:  $\phi$  *Tem que fazer*.

F:  $\phi$  *Tem que fazer*." (POA/02/0978-0979)

(170) "E: Não  $\phi$  *pode* molhar?

F: É, não  $\phi$  *pode*." (POA/05/0900-0901)

(171) "F: Nem a anestesia não  $\phi$  *precisava* pagar?

F: Nem a anestesia não  $\phi$  *precisava* pagar." (POA/10/0951-0952)

(172) "E:  $\phi$  *Volta* sempre?

F:  $\phi$  *Volta* sempre." (POA/23/0332-0333)

Essas repetições, ou ecos, quando forem caracterizadas, por estarem logo no início do discurso, imediatamente após a fala do entrevistador e obedecendo ao uso da mesma variante, não serão consideradas.

Às vezes, o falante repete a forma utilizada pelo entrevistador, não sendo, necessariamente, a sua intenção produzi-la, como é notado também em OMENA (1987: 25): "a escolha da forma é condicionada pela fala do interlocutor, havendo falantes que simplesmente repetem o que ouvem".

Por exemplo, o entrevistador pergunta sobre o uso de molas em sofás:

(173) "E: E sofá de mola ainda tem?  $\phi$  *Usa* mola inda em sofá, não?

F: Não. A única mola que  $\phi$  *usa* <i-> usamos nesse comendador e é mola (inint), mas não é aquela mola espiral, não. A mola espiral não tem mais." (CBA/03/0676-0687)

E a seguir:

(174) "F: A oito é *mais usada* pra encosto." (CBA/03/0687)

Observamos que o falante tem a tendência inicial de reproduzir a estrutura do discurso do entrevistador, *verbo na 3.ª pessoa do singular (φV3PS)*, mas imediatamente a modifica, utilizando o verbo na 1.ª pessoa do plural, classificado como a variante *nós*. E, depois, o mesmo falante faz uso de *voz passiva sem agente (VPSA)*; o que faz parecer que o uso inicial de *φV3PS* foi realmente apenas por repetição.

Então, as variantes que estiverem logo no início da fala e forem repetições das usadas pelo entrevistador não serão consideradas pelo motivo já anteriormente explicado; as demais ocorrências, mesmo que iguais às do entrevistador, serão analisadas normalmente.

#### 2.2.4 Orações restritivas

As construções com oração restritiva também fazem parte dos casos a serem excluídos porque a partir do momento em que há uma restrição com relação ao sujeito, ou seja, o uso de um pronome relativo que determina o termo a que se relaciona, o seu referente não tem mais um aspecto tão genérico e acaba perdendo a característica da indeterminação.

(175) "[E]- e o pessoal **que usa**, a comunidade **que usa** [não]- não ajuda a zelar pelo posto de saúde que é deles. Então eles destroem o que é deles." (CBA/01/1419)

(176) "Mas com **esses povos que tem aí**, tem, eu digo povo porque tanto há de menor de quatorze anos até setenta, eles são viciados, né? quer dizer então não têm noção das coisas e fazem isso aí pro bairro." (CBA/06/0495)

(177) "Achava que ele podia olhar mais um pouco com as pessoas **que dependem do salário mínimo**." (FLP/07/0605)

(178) "Pra nós **que moramos no estreito** é contramão, né?" (FLP/11/1189)

(179) "Então eu acho que a pessoa [que]- **que cumpre as suas obrigações fazendo o bem**, eu acho que já é uma boa religião." (FLP/15/0162)

(180) "Geralmente as pessoas **que convivem com isso**, querem alguma coisa em troca." (FLP/19/0353)

(181) *"Eu já vi tendo comentários que o pessoal, realmente, **que tem dinheiro**, está com o dinheiro aplicado fora do Brasil."* (FLP/20/0588)

(182) *"O pessoal **que quer descanso** mais procura ir pra ali, sabe?"* (POA/11/0049)

(183) *"Eu acho, assim, que essas pessoas **que estão fazendo isso**, pra mim eles não acreditam em deus, e nem mesmo na natureza, né? eles não têm noção do que estão fazendo, né? porque [a]-fazer [essa]- <ma-> essas queimadas aí [na]- na mata é como se tivesse acabando com o mundo, né?"* (POA/12/0456)

(184) *"Mas, é como  $\phi$  diz, né? [o todo]- a pessoa [que]- **que procura**, digamos assim, o bem [da]- [da]- do seu semelhante, procura ajudar, eles fazem isso, né?"* (POA/17/0552)

Os exemplos de (175) a (184) demonstram que a oração restritiva determina um conjunto de elementos possível de ocupar a referência do sujeito.

### 2.2.5 Sujeito acompanhado de palavras restritivas

Estruturas cujo sujeito seja acompanhado de palavras que possam apresentar alguma restrição ao referente também não serão consideradas; como a presença de adjetivos ou pronomes adjetivos (exemplos de (185) a (190)), adjuntos ou complementos (exemplos de (191) a (193)):

(185) *"Você não acha nada porque eles **mesmos** destroem o próprio- pro benefício deles, eles destroem."* (CBA/01/1429)

(186) *"**Todos** eles têm."* (FLP/11/0327)

(187) *"Então [a nossa brincadeira]- nossas brincadeiras eram sadias, eram brincadeiras que a gente **mesmo** usava da nossa criatividade pra ir fazendo."* (FLP/04/0141)

(188) *"É, a comida a gente estranha um pouco, porque a gente **mesmo** que faz, então [existe]- sempre existe diferença, né? aquela <ca-> comidinha que a gente faz e come em casa, pra que a gente faz."* (POA/04/0538)

(189) "Porque [eu]- eu não sei, **toda** pessoa tem um objetivo, né?" (FLP/19/0351)

(190) "Quando passava uma condução, lá uma vez no mês que passava lá um carro, ih! o pessoal saía **tudo** pra rua pra ver." (FLP/15/0862)

(191) "Porque o povo **da classe média**, ou baixa média pra cima, já é mais consciente, agora o povão mesmo, ele não quer saber." (CBA/05/0860)

(192) "Mas eu acho que agora, nesse tempo de hoje, a gente não deve mais carregar isso porque as pessoas **de hoje** não têm culpa [da]- [de a]- do que aconteceu, não foram as mesmas pessoas, né?" (FLP/17/0930)

(193) "Olha nós **aqui** estamos criados aonde?" (POA/01/0454)

## 2.2.6 Marcadores conversacionais

O falante, muitas vezes, se utiliza de unidades gramaticais que desempenham o papel de "Marcadores de Estruturação da Conversação" (AUCHLIN, 1981 citado por RISSO, 1993: 33). Esses marcadores, fortemente ligados à oralidade, podem ter várias funções, segundo citações de RISSO (1993: 33):

*"apoio do discurso" (Deloffre, 1955, e Luzatti, 1982), "marcadores de pontuação oral" (Bronckart e Schneuwly), "lubrificantes discursivos" (Edmonson e House, 1981), "sinais de estruturação" (Gleiderrungssignale) (Gulich, 1970) (apud Roulet et alii, 1985, p. 94).*

Podemos observar esses marcadores nos exemplos de (194) a (198):

(194) "Hoje, **você vê**, uma instalação de um bonde numa cidade hoje é uma fortuna." (CBA/03/0166)

(195) "Mas depois casei, aquela coisa, **você sabe** que aí, **você já viu**, a mentalidade já é..." (CBA/03/0330)

(196) "**Tu vê**s, aqui, sabes como é que é, às vezes,  $\phi$  dão uma bala, qualquer coisa, o guri já vai pra venda, já corre." (FLP/04/0196)

(197) "*Que a gente precisa, tu vê, ó, como eu vim aqui, lá:*" (FLP/09/0725)

(198) "*Dá muita saudade, saudade dos filhos, saudade da esposa, dos amigos, né? fica tudo longe, a gente fica muito só lá, é uma vida bastante triste, é só água e mato, né? que você vê, é bem diferente daqui a coisa.*" (POA/04/0164)

Exemplos como esses não serão considerados em nossa análise, devido à sua função fática.

A seguir, uma vez estabelecidos os condicionamentos lingüísticos correspondentes à indeterminação do sujeito e de casos onde essa indeterminação não se caracteriza, prosseguiremos com a apresentação da Metodologia.

## Capítulo 3

### METODOLOGIA

#### 3.1 Seleção de dados

Após delimitação do objeto dessa pesquisa, **a indeterminação do sujeito**, partiu-se para estudos teóricos relativos ao assunto, seguindo uma metodologia variacionista, tomando por base o trabalho de MENON (1994).

Inicialmente houve uma revisão a respeito de como é tratado o assunto da indeterminação do sujeito por alguns autores de gramática tradicional; a seguir, foram iniciadas leituras e análises de textos e trabalhos que abordam assuntos relacionados a este estudo, na área de sociolingüística.

Os critérios para a seleção das variantes bem como para a análise dos dados foram os mesmos utilizados por MENON (1994), havendo apenas algumas adaptações, quando necessário, devido a diferentes características dos *corpora*: época, região e escolaridade. MENON trabalhou com dados do NURC<sup>1</sup>-SP e, o presente estudo, com dados do VARSUL (item 3.5).

Por variante lingüística pode-se considerar o que defende MARCUSCHI (1985, citado por HERNANDORENA, 1986: 48): "um modelo de seleções lingüísticas, caracterizado basicamente por ser uma escolha da qual se lança mão numa determinada situação".

Foi selecionado, então, um conjunto de possibilidades que, num dado contexto, poderão indeterminar o sujeito: **a gente, eles, eu, formas nominais, nós, se, tu, você(s), voz passiva sem agente, voz passiva sintética, verbo na 3.<sup>a</sup> pessoa do singular e verbo na 3.<sup>a</sup> pessoa do plural**. Diferentemente de MENON que, ao trabalhar com dados do NURC-SP, não encontrou nenhum uso de *tu*, neste estudo há

---

<sup>1</sup>Projeto NURC: Projeto de Estudo da Norma Lingüística Urbana Culta no Brasil, cujo objetivo é descrever as normas reais na comunicação oral adotadas por falantes com formação universitária. Os informantes foram distribuídos pelos dois sexos e por três faixas etárias; os discursos analisados são divididos em três estilos: elocuições formais, diálogos entre dois informantes e diálogos entre informante e documentador. Participaram deste projeto cinco capitais brasileiras: Porto Alegre, Recife, Rio de Janeiro, Salvador e São Paulo.



a inclusão do pronome sujeito *tu*, 2.<sup>a</sup> pessoa do singular, porque é usado em duas das três capitais analisadas, Porto Alegre e Florianópolis, conforme mostra LOREGIAN (1996).

A amostra é constituída de 24 entrevistas de cada capital - sendo 08 informantes de cada nível de escolaridade, 12 de cada sexo e 12 de cada faixa etária, perfazendo um total de 72 entrevistas - 24 de cada nível de escolaridade, 36 de cada sexo e 36 de cada faixa etária.

Ainda com relação a alguns tipos de ocorrência, temos a salientar que, ao iniciar a análise dos dados, aventou-se a possibilidade de encontrar casos de *ele* com indeterminador. Após o levantamento das ocorrências, verificou-se que o uso de *ele* restringiu-se apenas a casos anafóricos de algumas *formas nominais* e, assim, não se constituiu como variante. O uso da variante *vocês* é bastante reduzido devido às circunstâncias em que são feitas as entrevistas, diferenciando-se das Elocuções Formais (EF) do NURC, utilizadas por MENON (1994). Nas gravações do VARSUL, na maioria das vezes, estão presentes apenas entrevistador e entrevistado; ao contrário, nas gravações do NURC, estilo EF, há aulas, com a presença do professor, que é o falante analisado, e de muitos alunos, ou há conferências, também com vários ouvintes, o que propicia o uso de *vocês* em muitas situações genéricas.

Os dados levantados foram codificados segundo as normas do programa VARBRUL (item 4.1). Entretanto, uma vez que o presente trabalho abrange treze variantes e o programa só dá conta de no máximo cinco, foi preciso o cruzamento das variáveis independentes (fatores lingüísticos e sociais) para possibilitar a análise e interpretação dos resultados estatísticos segundo a Teoria da Variação, de LABOV, que tem por objetivo estudar a diversidade lingüística no meio social.

### 3.2 Hipóteses

Partindo do princípio que a indeterminação do sujeito, tratada neste trabalho, é a impossibilidade ou o desinteresse em se identificar o seu referente extralingüístico, formulamos algumas hipóteses que possam dar conta da análise do fenômeno que ora enfocamos, junto ao BD-VARSUL.

A primeira hipótese, de natureza lingüística, é que há mais possibilidades de indeterminar o sujeito do que prevê a GT e que, basicamente, todos os pronomes pessoais podem ser usados com a função de indeterminar. A segunda hipótese é a de

que fatores lingüísticos, como tempos e modos verbais, poderiam estar condicionando a escolha dos falantes.

Para a comprovação das hipóteses procurou-se estabelecer um conjunto de condicionamentos lingüísticos (item 2.1) que delimitassem o que poderia ser considerado *indeterminação* e não *indefinição* ou *impessoalização*.

A relação intrínseca entre língua e sociedade, apontada por LABOV, leva-nos ainda a formular hipóteses sociolingüísticas a respeito de quais as possíveis interferências dos fatores sociais no comportamento lingüístico, em relação à indeterminação do sujeito. Os fatores sociais examinados são: sexo (feminino e masculino), idade (25 a 50 anos e mais de 50 anos), escolaridade (primária, ginásial e secundária) e localidade (Curitiba, Florianópolis e Porto Alegre).

### 3.3 Fator lingüístico

O único fator lingüístico analisado, como já foi citado no item 2.1.3, foi o de tempos e modos verbais devido ao uso de certas formas verbais que indicam situações hipotéticas e, conseqüentemente, são atemporais, como o presente do indicativo, por exemplo.

Em narrações de fatos já ocorridos, numa apresentação de forma genérica, há a utilização, por exemplo, do pretérito imperfeito.

Da mesma maneira, algumas formas verbais podem ocasionar a transferência da situação para um tempo irreal, sem delimitação de duração, ocasionando ao ouvinte o afastamento da realidade e o envolvimento no contexto genérico.

Pretendemos, diante disso, verificar se os tempos e modos verbais, em situações genéricas, influenciam no uso das formas de indeterminar o sujeito.

### 3.4 Fatores extralingüísticos

A indeterminação do sujeito diz respeito única e exclusivamente ao referente, independente dos meios de representação, e pode-se notar também em ROLLEMBERG et al. (1991: 56) que:

*apesar de as definições chamarem a atenção para o desconhecimento ou a não determinação desse agente verbal, na verdade o que se desconhece ou não se*

*pode determinar é a referência do sujeito: é ela que nos estritos limites da oração não está precisada, estabelecida.*

Partindo das hipóteses formuladas e seguindo as orientações de MENON (1994), são considerados alguns fatores extralingüísticos, previstos pela "análise correlacional de base quantitativa, tipicamente laboviana" (MOLLICA, 1992:15), que poderão influenciar a variação lingüística: *idade, sexo, escolaridade* e, no contexto desta pesquisa, *localidade*.

Pretende-se descobrir, nessa pesquisa, se fatores sociolingüísticos interferem na escolha ou no abandono de certas variantes. Nossa hipótese fundamenta-se na verificação de até que ponto a indeterminação do sujeito sofre influência das variáveis sociais.

### **3.4.1 Faixa Etária**

A análise de dois grupos etários diferentes, no caso do VARSUL: de 25 a 50 anos (A) e mais de 50 anos (B), é essencial para a constatação de algum caso de variação que já esteja no caminho de mudança dentro do sistema. Interessa-nos, portanto, verificar se há e quais são as diferenças no uso das variantes para a indeterminação do sujeito por parte de falantes pertencentes a faixas etárias diferentes.

A primeira faixa etária irá refletir, segundo NARO (1992: 82), o estado da língua que os falantes adquiriram por volta dos 15 anos de idade. A segunda faixa etária, de acordo com o tempo aparente, nos dará uma base do costume lingüístico de aproximadamente 40 anos atrás.

Assim poderemos observar se certas variantes têm a preferência dos jovens, ou se são mais prováveis no uso por pessoas mais velhas.

### **3.4.2 Sexo**

Um estudo de sociolingüística não pode deixar de se preocupar com as diferenças que possam vir a existir no comportamento lingüístico de homens e mulheres. Em nosso trabalho há a investigação das tendências lingüísticas de cada sexo, em relação ao tema abordado.

O conservadorismo feminino é um fato comentado por CUNHA (1993: 5.2.3), em sua dissertação de mestrado sobre a indeterminação pronominal do sujeito:

*Uma série de características têm sido apontadas como peculiares à fala das mulheres e não é de hoje: Platão, como nos lembra FRANK (1978), já observava no sexo feminino um traço de conservadorismo lingüístico.*

Alguns resultados de MENON (1994: 274) demonstram que, às vezes, as mulheres são mais conservadoras do que os homens. Iremos, portanto, buscar em nossa pesquisa resultados que apontem se, nos dados do VARSUL, há conservadorismo por parte da mulher, devido ao uso de variantes conservadoras ou de prestígio (que são as consideradas pela GT), ou não.

### 3.4.3 Escolaridade

Com relação aos três grupos de escolaridade, haverá a verificação do grau de influência da escola, caso exista. Um indivíduo que passa de dez a doze anos em bancos escolares deveria, a princípio, apresentar o reflexo de tal vivência, em contraste com aqueles que pouco contato tiveram com as normas e doutrinas escolares. Após algumas análises percentuais iniciais conforme comunicação que apresentamos no I Encontro de Variação Lingüística do Cone Sul, em 1996, foi observado que não havia ainda comprovação de que a escola exercesse algum tipo de influência na escolha de variantes de indeterminação do sujeito. Um dado que corroborou para esse raciocínio foi que a *voz passiva sintética (VPASSINT)*, considerada como o meio mais formal de indeterminação do sujeito (MENON, 1994: 248), teve raríssimas ocorrências.

As análises nos mostrarão se as pessoas com mais escolaridade irão reproduzir as normas escolares, ao contrário das que tiveram menos contato, ou não.

### 3.4.4 Localidade

Devido aos resultados de LOREGIAN (1996), que também trabalha com pronomes e formas de tratamento para referência de 2.<sup>a</sup> pessoa nas três capitais do sul (cf. cap. 4 do referido trabalho), verifica-se que há o uso do pronome *tu* em Porto Alegre e em Florianópolis, o que não acontece em Curitiba. A partir disso, criou-se uma expectativa de que haveria diferenças relativas ao uso de variantes da indeterminação do sujeito.

Diferenças e semelhanças nos hábitos lingüísticos surgirão a partir do confronto de resultados das três capitais do Sul do Brasil, sedes das Universidades que participam do Projeto VARSUL.

### **3.5 Projeto VARSUL**

Equipes de pesquisa (professores e alunos) de algumas universidades da região Sul (UFPR, UFSC UFRGS e, posteriormente, PUC-RS) associaram-se com a finalidade de trabalhar com as variações lingüísticas do Sul. Com um responsável em cada estado, formou-se um Banco de Dados (BD) com as gravações de entrevistas feitas por alunos bolsistas com 24 informantes de cada cidade, sendo as 3 capitais (Curitiba-PR, Florianópolis-SC e Porto Alegre-RS) mais 3 cidades de cada estado (Londrina, Pato Branco e Irati, do Paraná; Lages, Blumenau e Chapecó, de Santa Catarina; Flores da Cunha, Panambi e São Borja, do Rio Grande do Sul), porque são representativas de sua colonização diferenciada.

Foram levados em consideração, na montagem da amostra, o sexo dos informantes (M e F), a idade (A: 25 a 50 anos; B: mais de 50 anos) e o grau de instrução (PRI: primário ou curso elementar; GIN: ginásio ou 5.<sup>a</sup> a 8.<sup>a</sup> série; SEC: secundário ou 2.<sup>o</sup> grau).

O sistema de transcrição das entrevistas possibilita o acesso às múltiplas informações do BD e foi inspirado no Projeto "Censo da Variação Lingüística do Rio de Janeiro". Constituído de 3 linhas, o sistema permite a análise da sintaxe real dos informantes, bem como de suas hesitações e interrupções, através da 1.<sup>a</sup> linha; a análise dos aspectos fonéticos variáveis e pausas respiratórias, na 2.<sup>a</sup> linha; e a análise de ênfase e mudança de velocidade na fala, bem como da classificação morfossintática dos itens lexicais, na 3.<sup>a</sup> linha.

As transcrições das entrevistas dos informantes do VARSUL estão armazenadas em microcomputador IBM-PC, e foi criado o programa EDITOR para utilização dos dados a serem submetidos depois ao programa VARBRUL.

A entrega oficial do BD à comunidade se deu no dia 02 de setembro de 1996, no I Encontro de Variação Lingüística do Cone Sul, em Porto Alegre-RS.

### 3.6 As variantes

As diversas possibilidades de indeterminação do sujeito, tratadas nesse trabalho como *variantes* porque são diversas maneiras de se dizer a mesma coisa em um mesmo contexto (TARALLO, 1990: 8), foram selecionadas com base em MENON (1994) e serão caracterizadas em ordem alfabética.

#### 3.6.1 A gente

Em MENON (1994: 192) encontramos que o substantivo *gente*, primeiramente usado para referência a grupo de pessoas, família, clã, povo, tendo algum objetivo ou valor em comum, ao lado do artigo passou a ter equivalência de pronome de primeira pessoa e seu gênero gramatical foi neutralizado. Seu uso crescente passa pela determinação e chega à indeterminação, dependendo do contexto, do discurso.

Por ter seu uso em larga escala na nossa língua, tanto falada quanto escrita, não é tratado da mesma maneira que as chamadas formas nominais por ser considerado um sinônimo para o pronome de 1.<sup>a</sup> pessoa, tendo sua composição através do artigo definido feminino singular *a* mais o substantivo feminino *gente*, com o verbo normalmente com flexão similar a de 3.<sup>a</sup> pessoa do singular (MENON 1994: 191).

O falante, no sentido geral de usuário da língua escrita e falada, faz uso desse pronome, tanto no plural quanto no singular. Então, o que se encontrará bastante nos discursos (orais e escritos) é uma forma já cristalizada, em que *a gente* tem função de pronome de 1.<sup>a</sup> p.s., de 1.<sup>a</sup> p.p. e caráter indeterminador, quando tiver um sentido coletivo mais genérico, estando ou não o falante incluído, principalmente porque essa locução admite adjetivos nas formas não marcadas. HERNANDORENA (1986: 66) considera que "o uso de *a gente* tende à maior indeterminação, ao menor comprometimento do *eu* pela sua inserção em um grupo grande, sem limitação definida".

Para MILANEZ (1982: 44), "a forma *a gente* se documenta como mais uma possibilidade de que dispuseram os informantes para indeterminar o sujeito".

A partir do uso indeterminado não se pode estabelecer se há ou não a inclusão do falante no sujeito, e aí é caracterizada a indeterminação.

### 3.6.2 Eles

Pronome pessoal sujeito de 3.<sup>a</sup> p.p. expresso junto ao verbo. Para muitos gramáticos, como já pudemos observar, uma das formas indeterminantes para o sujeito é o verbo na 3.<sup>a</sup> pessoa do plural sem sujeito explícito ( $\phi$ V3PP), não sendo cogitado *eles*.

Assim como o falante pode se incluir ao utilizar as formas *a gente*, *nós* e *eu* na indeterminação, ao utilizar *eles* parece haver um distanciamento e poucas são as chances de existir cumplicidade do falante com relação ao que está relatando, pois o uso da forma *eles* normalmente se aplica a instituições, governo, empresas, grupos pertencentes a uma mesma classe. Através de *eles* como indeterminador, o falante pode não se incluir, às vezes por razões bem conscientes, ao fazer críticas, por exemplo.

Segundo MENON (1994: 200), apesar do pronome *eles*, na indeterminação, ser a forma plena do tradicional  $\phi$ V3PP, não havendo distinção no uso de um ou de outro, sua presença pode ser apontada como um indício de que a língua portuguesa está deixando de ser uma língua de sujeito nulo, isto é, uma língua cuja morfologia dispensa a presença do pronome sujeito para a identificação do mesmo; a própria desinência do verbo já indica a pessoa verbal correspondente.

Apresentando as mesmas características da forma  $\phi$ V3PP, ambos têm o mesmo valor e apenas, em certos casos, há a elipse ou não do pronome. Mas, por se tratar de uma pesquisa que visa a análise de cada variável de indeterminação do sujeito em combinação com os fatores sociolingüísticos, e com base em MENON, será feita a divisão das duas formas e a análise seguirá separadamente.

Para o pronome *eles* ser uma das formas de indeterminação, o contexto deve apresentar condicionamentos para tal. É de acordo com isso que se vai verificar se não há no contexto da ocorrência do pronome *eles* algum termo ou oração que possa ser identificado como antecedente ou conseqüente do pronome.

### 3.6.3 Eu

Pronome pessoal sujeito de 1.<sup>a</sup> p.s. Não é abordado como indeterminador pelos gramáticos. Com relação ao seu uso como indeterminante, parece que o falante se apossa da experiência ou relato, independentemente de sua realidade, o que não caracteriza necessariamente a sua inclusão no fato. Quando há a indeterminação não se pode apontar quem exatamente faz parte do referente do sujeito.

Não parece muito óbvio o raciocínio de MONTEIRO (1994: 113) ao afirmar que o *eu* é ampliado nas formas *nós* e *a gente*, porque quando o falante usa os termos acima nas funções de 1.<sup>a</sup> pessoa é um caso, mas quando ele pratica a indeterminação não é tão simples apontar quem exatamente faz parte do discurso. Há uma ampliação, mas num sentido mais genérico.

E, mesmo na amostra de MENON (1994) da linguagem culta, há um grande número de ocorrências de *eu* na indeterminação do sujeito, o que prova seu uso com caráter genérico já entre os falantes que dominam a norma padrão.

### 3.6.4 Formas Nominais (FN)

O termo *forma nominal* foi usado primeiramente por MENON (1994: 133) para denominar composições de *artigo definido* mais *substantivo*, que contenham um sentido genérico. Esse tipo de composição, conhecida também por *locução nominal*, é o que MILANEZ (1982) chama de sintagma nominal (SN).

São consideradas formas nominais, neste estudo, aqueles termos compostos por artigo definido mais substantivo que contenham um sentido indeterminado. Por exemplo: *o camarada*, *o indivíduo*, *a pessoa*, *as pessoas*, *o pessoal*, *o sujeito*, *o cara*. Não serão considerados outros tipos de construção (com artigo indefinido, pronome, numeral) porque aí o sentido já passa de indeterminado a indefinido ou até a determinado.



MENON (1994, 1997) estabelece a hipótese de a FN *a pessoa* estar ocupando o lugar deixado por *a gente*, no paradigma das formas de indeterminação, devido à migração de *a gente* para o sistema pronominal.

Ainda em relação à FN *a pessoa*, poderá aparecer representada anaforicamente por *ela*, *ele* e  $\phi$ , porque, como no caso do pronome *a gente*, apesar de ter sua forma primitiva oriunda de um substantivo feminino, sofre uma neutralização do gênero e aceita feminino e masculino, muitas vezes dependendo do locutor, podendo da mesma forma, ocorrer com a FN *as pessoas*, apenas seus termos anafóricos indo igualmente para o plural.

As demais FN que normalmente aparecem são formadas por artigo definido e substantivo masculino e seus termos anafóricos serão então *ele*, *eles* ou  $\phi$ , dependendo da situação.

Nos dois casos acima, as anáforas são consideradas neste trabalho como ocorrências das FN.

### 3.6.5 Nós

Pronome sujeito da 1.<sup>a</sup> pessoa do plural, também usado no lugar da 1.<sup>a</sup> pessoa do singular, *eu*, considerado "plural de modéstia". Além de servir para o falante referir-se a si próprio ou a um grupo do qual faz parte, pode representar um grupo indeterminado de pessoas, cuja referência não se pode ou não se deseja recuperar. Conforme ROLLEMBERG et al. (1991: 42):

*Representando a amplitude do EU em seu mais alto grau, pode abranger ainda simultaneamente o NÃO-EU e a NÃO-PESSOA. Constitui-se esse uso de nós em mais uma marca de indeterminação do sujeito quando não há referente explícito para essa NÃO-PESSOA.*

A apresentação mais comum de *nós*, com exceção dos discursos absolutamente formais, é no revezamento com *a gente*. Dependendo do contexto, *nós* como sujeito indeterminado terá equivalência a outras formas, como *se* e  $\phi$ V3PP. Para MACIEL (1922, citado por MENON 1994: 215), a forma da 1.<sup>a</sup> pessoa do plural poderá equivaler até à construção passiva sintética: "*Amam-se as flores*", equivalendo a *As flores são amadas*; *Amamos as flores*, evidenciando seu poder de indeterminação.

O *nós* é usado também para formas hipotéticas, assim como *você, eu, a gente, se*, acompanhando, principalmente, de verbos no presente do indicativo, no pretérito imperfeito do indicativo, no imperfeito do subjuntivo ou no futuro do subjuntivo.

Para CUNHA (1993: 6.1), os dados do projeto NURC demonstram que relato de experiências propicia o uso do pronome *nós*:

*As narrativas, nos diálogos que compõem a amostra, versam normalmente sobre experiências vividas pelos informantes, ação- apresentam um alto índice de ocorrência do pronome nós.*

Outros casos do uso de *nós* deverão ser analisados mediante exemplos do *corpus*.

### 3.6.6 Se

Pronome pessoal oblíquo, o *se* é também considerado pelos gramáticos como partícula apassivadora ou índice de indeterminação do sujeito, dependendo do contexto.

MONTEIRO (1994: 126), mostra em seu trabalho sobre os pronomes pessoais, que se comprova "historicamente que o *se* evoluiu de reflexivo a passivo e daí a pronome indeterminador do sujeito", o que faz resgatar a importância e o interesse em estudá-lo.

Para MILANEZ (1982: 130)

*A ocorrência do pronome se indeterminador tem o efeito de bloquear qualquer possibilidade de interpretação co-referencial do sujeito, garantindo assim ao sujeito não lexical a referência arbitrária. Nesse sentido, é o único recurso de indeterminação que não depende do contexto para sua interpretação, podendo, pois, ser explicado dentro dos limites frasais.*

Com o sentido indeterminado, o *se* é comutável com todas as demais formas indeterminantes.

### 3.6.7 Tu

Pronome pessoal sujeito de 2.<sup>a</sup> pessoa do singular. Está sendo abordado neste estudo, diferentemente do trabalho de Menon (1994), porque duas das três capitais cujos dados são analisados (Florianópolis e Porto Alegre) fazem uso desse pronome, conforme resultados de LOREGIAN (1996). E, uma vez que as formas de 2.<sup>a</sup> pessoa também são utilizadas para indeterminação do sujeito, o pronome *tu* teve sua inclusão nas formas a serem investigadas.

Em uma pesquisa sobre a variação dos pronomes *você/tu* na fala carioca com dados colhidos informalmente, PAREDES SILVA (1996: 9) constatou, com surpresa, que a variante *tu* ocorria mais em situações com referência específica do que genérica, contrariando as observações de SILVA (citada por PAREDES SILVA, 1996: 9) relativas aos dados do corpus Censo:

*a professora Giselle Machline de Oliveira e Silva, com o profundo conhecimento que tinha daquelas entrevistas, costumava observar que nelas as ocorrências do pronome tu apareciam associadas aos usos genéricos, especialmente num tipo de discurso de procedimento, quando o informante era solicitado pelo entrevistador a explicar "como se fazia para..."*

Apesar de ter havido dois resultados divergentes a respeito do pronome *tu*, entre os dados de PAREDES SILVA (1996) e os do projeto Censo, é interessante analisar o comportamento desta variante nos dados do VARSUL com relação à indeterminação do sujeito.

### 3.6.8 Você(s)

Considerado ainda pela maioria dos autores de gramática como pronome de tratamento, *você* vem assumindo sua posição de pronome sujeito de 2.<sup>a</sup> pessoa. Para CUNHA & CINTRA (1985: 284) *você* pode exercer várias funções: sujeito, agente da passiva, adjunto e objeto, e, de uma forma bastante discreta (ou nada comprometedora!) há sua apresentação como pronome pessoal de 2.<sup>a</sup> pessoa, ocupando uma posição paralela à do *tu* mas com maior frequência de uso.

O pronome *você* é originário de uma forma de tratamento "tipicamente medieval", *Vossa Mercê*, significando "a mercê do rei", um uso de súditos para o rei (FARACO, 1996: 58). Assim como o sistema de poder evoluiu, as formas de tratamento acompanharam e sofreram as alterações, passando a forma *Vossa Mercê* a ser utilizada entre membros do poder (agora não mais somente para o rei) não com valor de forma honorífica, mas numa relação de igualdade e, posteriormente, adotada pelas categorias inferiores, tornando seu uso bastante popular, mas permanecendo o valor respeitoso, ou de superioridade, quando aqueles se referiam a membros de classes subordinadas. Devido ao uso freqüente, *vossa mercê* modificou-se na forma fonética e, conseqüentemente, na escrita, *Vossa mercê*>*vosmecê*>*você*, e ao passar por diversas fases, teve seu valor alterado, de acordo com MENON (1993b: 95),

*primeiro numa relação de inferior para superior; em seguida numa relação de igual para igual e de superior para inferior, ou, em outras palavras, de um tratamento não-intimo para um tratamento íntimo.*

E, na linguagem oral, o uso crescente do pronome *você* no sentido indeterminador faz com que se estabeleça uma relação de maior cumplicidade entre o ouvinte e a informação transmitida.

Para ROLLEMBERG et al. (1991: 41), a forma *você* também é apontada como indeterminadora:

*a forma você é também documentada em contextos em que deve ser interpretada como expressão de um conteúdo mais genérico, de um conjunto constituído das duas pessoas do discurso mais a NÃO-PESSOA, figurando como um dos recursos utilizados pelos informantes para o que afirmamos considerando a indeterminação do sujeito.*

Para justificar a classificação de *o senhor(a)* como *você(s)*, pode-se considerar o que é apontado em SOARES & LEAL (1993: 39):

*No Brasil, parece estar ocorrendo um alargamento do campo de emprego da forma você, já classificada como um pronome pessoal de 2.<sup>a</sup> pessoa, em algumas gramáticas mais modernas. O pronome você pode denotar uma relação mais afetiva, íntima, alternando neste caso, em algumas regiões com tu, e uma relação mais cerimoniosa, de cortesia, alternando neste caso com a forma nominal o(a) senhor(a).*

É possível realmente, conforme constatamos em algumas entrevistas, dependendo do grau de formalidade que o falante utiliza em seu discurso, a alternância de *você* com *o(a) senhor(a)* como possibilidade de indeterminação do sujeito.

Para MONTEIRO (1994: 163):

*No caso de o senhor e você, parece normal que, num diálogo entre pessoas que mal se conhecem, a mudança seja gradual até o ponto em que se instale só a forma de tratamento não deferencial.*

Foi verificado que o uso dessa variante, não prevista inicialmente, ocupa o lugar de *você* e, nas situações selecionadas, carrega o mesmo caráter de indeterminação. Por se tratar de um número muito reduzido de ocorrências e conter o mesmo valor significativo de *você*, a forma nominal *o(a) senhor(a)* foi computada nas ocorrências de *você*.

Oriundo das mesmas transformações que *você*, *vocês* é um pronome usado como plural das 2.<sup>as</sup> pessoas do singular, *tu* e *você*, e, não raramente, no plural de *o senhor*, *a senhora*. E também foi analisado para se verificar, neste trabalho, se há sua utilização para indeterminar o sujeito.

### 3.6.9 Voz Passiva Sem Agente (VPSA)

As gramáticas apresentam dois tipos de voz passiva: a sintética e a analítica. A analítica "pode apresentar o verbo em qualquer pessoa, enquanto a sintética só se constrói em 3.<sup>a</sup> pessoa" (HAUY, 1983: 171).

No caso da passiva analítica, HAUY exemplifica:

*"Fui procurado por todos.*

*Foste procurado por todos.*

*Fomos criados por Deus."*

Sabemos que nas frases exemplificadas, os termos *por todos* e *por Deus* são agentes da passiva e os supostos responsáveis pela realização dos verbos e, de acordo ainda com HAUY "o agente da passiva pode estar expresso ou

indeterminado". No caso de uma oração com agente indeterminado, trabalhemos com a transformação de voz passiva para ativa:

*"Os prêmios foram entregues.*

*Entregaram os prêmios."*

Ao passar para a voz ativa, a frase imediatamente realçou a indeterminação do sujeito porque o verbo passou a 3.<sup>a</sup> p.p. sem a possibilidade de recuperação do referente do sujeito. Tendo as duas orações o mesmo sentido, e sendo comprovadamente considerado uma forma de *sujeito indeterminado* o verbo na 3.<sup>a</sup> p.p., orações na voz passiva analítica sem a presença do agente são, neste trabalho, estudadas como orações cujo referente do sujeito tem caráter genérico.

Se analisarmos outro tipo de frase:

*"O jardim foi destruído.*

*Destruiu-se o jardim."*

Voltaremos ao fator já comentado, que é o uso do pronome *se* na indeterminação.

Nos dois pares de exemplos, as orações são equivalentes, o sentido não foi de modo algum alterado, e na transformação de voz passiva para voz ativa, conforme indicam vários gramáticos baseados na GT, o que é agente da passiva passa a sujeito da ativa, o sujeito da passiva passa a objeto da ativa. Fica, então, comprovada, através da indeterminação do agente da passiva, a indeterminação do referente do sujeito da voz ativa.

A equivalência dessas duas formas já foi observada por ORLANDI (1981 citada por MILANEZ, 1982: 133):

*apresentamos alguns exemplos onde se alternavam o uso de se indeterminador com o da forma passiva sem agente expresso, ambos com o efeito de ocultar o agente. Realmente, com relação à função de não explicitar este elemento no contexto, as duas construções se identificam, e é justamente nesse ponto em comum que alguns trabalhos atuais se baseiam para proclamar a equivalência entre as mesmas.*

### 3.6.10 Voz Passiva Sintética (VPASSINT)

Como já vimos anteriormente, a voz passiva sintética é uma das duas formas de voz passiva apresentadas pela GT e é a representada por um verbo transitivo direto acompanhado de *se* (neste caso, considerado como partícula apassivadora). Por exemplo:

*"Desvendou-se o mistério.*

*Resolveram-se os problemas."* (HAUY, 1983: 171)

Para CUESTA (1971: 524),

*a construção passiva com se é de preferência [mas não necessariamente!] usada em português quando o sujeito do verbo é inanimado:*

*Vende-se vinho.*

*Fala-se espanhol e francês.*

*Alugam-se apartamentos.*

*Com verbos intransitivos, o pronome se forma expressões impessoais que servem para anunciar um sujeito indeterminado. Alguns gramáticos quiseram ver neste se uma espécie de pronome indefinido do tipo do francês 'on', do inglês 'one' ou do alemão 'man' (...). Contudo a língua vulgar moderna toma muitas vezes esta partícula como sujeito, considerando complemento direto o verdadeiro sujeito e não o fazendo concordar com o verbo (Conserta-se relógios).*

Como já se pôde exemplificar ao tratarmos de *se* e de *VPSA*, o pronome *se* acompanhando um verbo transitivo será o sujeito (indeterminado) uma vez que não há explicitamente o responsável pela ação. Nos exemplos dados por HAUY:

*"Resolveram-se os problemas.*

*Desvendou-se o mistério."*

se não for suficiente a indeterminação pelo *se*, fazemos a conversão para voz passiva analítica:

*"Os problemas foram resolvidos.*

*O mistério foi desvendado."*

E obteremos um agente da passiva indeterminado que, na passagem para ativa, será o sujeito indeterminado:

*"Resolveram os problemas.*

*Desvendaram o mistério."*

Concluímos, então, que o pronome *se* como indeterminador (onde a voz passiva sintética pode se encaixar), voz passiva sem agente e  $\phi$ V3PP são equivalentes.

### 3.6.11 Verbo na Terceira Pessoa do Singular ( $\phi$ V3PS)

A ausência de um termo representando o sujeito junto a verbos na 3.<sup>a</sup> p.s., seja um sujeito explícito na oração anterior, ou imediatamente posterior, implica indeterminação, porque fica impossível a identificação do agente verbal.

Essa mesma impossibilidade de identificação do agente verbal acontece também com verbos no infinitivo e de acordo com MENON (1994: 254) a fronteira entre o infinitivo impessoal e o infinitivo pessoal "é ainda muito instável", porque "a 3.<sup>a</sup> p.s. do infinitivo pessoal é morfologicamente não-marcada e por este fato idêntica à forma do infinitivo impessoal".

Mas explica:

*a equivalência das duas formas reforça a interpretação do infinitivo como forma de indeterminação, o infinitivo impessoal transformando-se em pessoal e constituindo, por consequência, a forma  $\phi$ V3PS.*

Para ROLLEMBERG et al. (1991: 45), as formas  $\phi$ V3PS e VPASSINT podem ter equivalência:

*Essa construção com forma verbal da chamada 3.<sup>a</sup> pessoa do singular com sujeito não explícito sem referente poderia ser interpretada quer como expressão do conjunto genérico constituído pelo EU mais o NÃO-EU mais a NÃO-PESSOA- mais uma forma de indeterminação do sujeito-, quer como a tradicionalmente considerada passiva sintética, apresentando-se, entretanto, com ausência do se.*



O fato de uma possibilidade de indeterminação equivaler a outra significa que elas poderão ter seu uso alternado, caracterizando a variação.

### 3.5.12 Verbo na Terceira Pessoa do Plural ( $\phi$ V3PP)

O verbo na 3.<sup>a</sup> p.p. sem o respectivo pronome sujeito é uma das formas mais consagradas pela GT de indeterminação do sujeito. Pode-se comprovar sua característica em SACCONI (1975: 178 citado por ROLLEMBERG et al., 1991: 56):

*Indeterminado: quando o sujeito não existe como elemento na oração, sendo a sua identidade desconhecida realmente, ou escondida propositadamente.  
Não obstante, sempre existirá o responsável pela ação verbal.*

Conforme se pôde observar no início deste trabalho, quando há busca por exemplos e definições de indeterminação do sujeito, o verbo na 3.<sup>a</sup> p.p. é presença certa e indispensável em todas as gramáticas. Iremos investigar, então, até que ponto esta variante está presente no *corpus* analisado.

## Capítulo 4

### ANÁLISE DOS RESULTADOS

#### 4.1 Pacote VARBRUL

Todos os dados, depois de selecionados e codificados, chegaram a um total de 8.812 e foram submetidos ao Pacote VARBRUL, versão 1988 (cf. Pintzuk). O pacote, conforme SCHERRE (1993), é constituído por um conjunto de 10 programas: CHECKTOK, READTOK, MAKECELL, IVARB, TVARB, MVARB, CROSSTAB, TSORT, TEXTSORT e COUNTUP. Para uma análise de regra variável são necessários os programas CHECKTOK, READTOK, MAKECELL, que têm a função de preparar os dados para as análises probabilísticas, e IVARB (duas variantes na variável dependente) ou TVARB (três variantes na variável dependente) ou MVARB (quatro ou cinco variantes na variável dependente), que fornecem os pesos relativos das variáveis em relação aos demais fatores, lingüísticos ou extralingüísticos. No caso deste trabalho, além dos programas preparatórios, foram utilizados o IVARB e o TVARB porque, devido ao grande número de variantes analisadas (treze), as rodadas estatísticas tiveram, alternadamente, sexo, faixa etária, escolaridade e localidade como variáveis dependentes.

#### 4.2 Leitura das rodadas estatísticas

##### 4.2.1 Sexo

Na rodada cuja variável dependente era o sexo, foi necessário eliminar o *futuro do presente* devido ao seu uso apenas por parte do sexo masculino, e também não muito significativo em relação ao total (4 ocorrências sobre 8.812). No caso da permanência dessa forma verbal há *knockout* e o programa não prossegue na rodada. O procedimento de exclusão de variantes que causam *knockout* foi repetido em outras situações, quando necessário.

Depois de rodar os dados pelo IVARB, no stepup e stepdown houve a indicação de que a variável escolaridade tinha pouca influência sobre os demais. A

pequena significância da escolaridade no desempenho lingüístico de homens e mulheres, na indeterminação do sujeito, deve-se aos pesos relativos bastante próximos da neutralidade. Essa neutralidade consiste no ponto médio de dois resultados, conforme MENON (1994: 273):

*Como no programa IVARB o resultado dá somente duas possibilidades, todo resultado que se afaste de .5, ou melhor, de .50 é considerado significativo, porque os resultados em geral são expressos por dois números. Todo resultado que se aproxime desta marca é considerado não pertinente para a aplicação da regra. Quanto mais ele vá na direção de 1.0, mais a variável tem chances de ser realizada.*

As distâncias pouco mais significativas, conforme a tabela 1, seriam entre os homens com escolaridade primária (.52) e mulheres com escolaridade ginásial (.51); o segundo grau demonstrou uma neutralidade com relação ao sexo (.50) para ambos os sexos.

Tabela 1: SEXO/ESCOLARIDADE

	Feminino	Masculino
Primário	.48	.52
Ginásio	.51	.49
2.º Grau	.50	.50

Por estes resultados, percebe-se que a escolaridade não tem muita influência no comportamento lingüístico de homens e mulheres, com relação à indeterminação do sujeito, uma vez que seus pesos relativos são praticamente neutros, com uma pequena diferença nos falantes femininos de escolaridade primária (.48). Então, as rodadas seguintes foram feitas sem se levar em conta a escolaridade e considerando-se o grupo dos tempos verbais, que havia ficado de fora anteriormente devido ao número excessivo de células gerado.

A variante *vocês* apresenta um peso relativo muito elevado (.92); ao observar a frequência relativa de tal variante constata-se que, realmente, dos seus 12 usos, 11 são por parte do sexo feminino, justificando o peso relativo próximo a 1 e a minha atitude de não considerá-la como uma variante de muito peso, nesse caso.

A variante *ele*, incluída inicialmente nesta pesquisa, não aparece na análise dos resultados porque seu uso foi unicamente por parte de um falante do sexo masculino, de Curitiba, com mais de 50 anos e escolaridade ginásial. Houve uma

busca na entrevista e pudemos detectar que tal uso se deu na condição de repetição da fala do entrevistador, que usou *ele* para se referir à *pessoa*, de uma forma geral. De acordo com o que foi estabelecido no início desta pesquisa, repetição ou eco não seriam considerados.

Nota-se, de acordo com a tabela 2, que a variante *a gente* é a que tem um peso relativo maior entre as mulheres (.63), seguida de *eles* com (.60). Nas cidades onde o *tu* é usado, Florianópolis e Porto Alegre<sup>2</sup>, a preferência também é por parte das mulheres, cuja probabilidade é de (.74).

Já entre os homens, a variante com maior peso relativo é *você* (.67), seguida de *se* com (.66).

As mulheres tendem a usar as variantes de indeterminação mais em Curitiba (.55) e os homens, mais em Florianópolis (.53) e Porto Alegre (.54), apesar de esses resultados serem próximos a (.50).

Tabela 2: SEXO/LOCALIDADE/VARIANTES

	Feminino	Masculino
CBA	.55	.45
FLP	.47	.53
POA	.46	.54
A gente	.63	.37
Eles	.60	.40
Eu	.41	.59
Formas Nom.	.42	.58
Nós	.38	.62
Se	.34	.66
Tu	.74	.26
Você	.33	.67
Vocês	.92	.08
VPSA	.49	.51
VPASSINT	.41	.59
0V3PS	.50	.50
0V3PP	.55	.45

<sup>2</sup>Lembramos que foi efetuada rodada em separado para essas duas cidades, em função de não ter sido constatada a ocorrência de *tu* em Curitiba.

Ao considerar os fatores sexo e faixa etária conjuntamente, como é mostrado na tabela 3, obtivemos pesos relativos maiores para as mulheres da faixa etária B (.55) e para os homens da faixa etária A (.54), ou seja, a indeterminação do sujeito tem mais probabilidade de ocorrer por parte de mulheres mais velhas e homens mais novos.

Tabela 3: SEXO/FAIXA ETÁRIA

	Feminino	Masculino
25 a 50 anos	.46	.54
mais de 50 a	.55	.45

Apesar de alguns estudos apontarem um perfil conservador feminino, as mulheres mais velhas das três capitais do Sul do Brasil usam mais as diversas variantes para indeterminar o sujeito, apresentando resultados que se assemelham ao que MONTEIRO (1994: 150), em seu estudo sobre os pronomes pessoais com os dados do NURC, aponta: "com relação à variável sexo, percebe-se que as mulheres aceitam mais a inovação do que os homens".

No entanto, SILVA & PAIVA (1996: 366), ao comentarem os resultados de alguns trabalhos variacionistas a respeito da influência do sexo sobre o desempenho lingüístico, observaram que:

*a manifesta preferência feminina pelas formas aceitas socialmente se verifica tanto nos fenômenos considerados de variação estável quanto nos de mudança. (...) Em todas as mudanças que consistem na implementação de uma forma lingüística não-padrão, as mulheres se manifestam conservadoras, preferindo a forma mais antiga. Nestes casos, a liderança do processo é atribuída aos homens. Observa-se o contrário, ou seja, que as mulheres podem ser inovadoras, quando a mudança é no sentido de uma forma prestigiada.*

Nossa conclusão de que as mulheres do Sul poderiam ser inovadoras pode ser respaldada em LABOV (1966) (1981) e TRUDGILL (1974, citado por SILVA & PAIVA, 1996: 355):

*Geralmente, a correlação sexo/variação mostra que as mulheres tendem a preferir formas socialmente valorizadas, tendência essa freqüente em situação de variação estável. Uma inversão desta tendência pode também ser tomada como indicação de que uma nova forma está se implementando na língua.*

Então, com relação aos hábitos lingüísticos, a mulher até poderia ser considerada "conservadora", mas isso não significa que sua linguagem seja estática. Ela adere às inovações que demonstram uma aceitabilidade social.

No que diz respeito aos tempos e modos verbais, a tabela 4 demonstra que o imperfeito do subjuntivo (.56), o presente do subjuntivo (.55) e o pretérito imperfeito (.54) apresentam maiores probabilidades de aparecer nos discursos femininos. Nos usos por parte dos homens há o imperativo (.63), mas cujas ocorrências são em número reduzido (7/11) e o uso categórico do futuro do presente (4/4); fora esses casos particulares, encontram-se o futuro do subjuntivo com (.62), as formas compostas (.58) e o pretérito perfeito (.54). O presente do indicativo, cujo valor percentual é o maior de todas as formas verbais (48,08%), apresentou um peso relativo equilibrado no discurso de homens e mulheres: (.49) e (.51), respectivamente.

Tabela 4: SEXO/TEMPOS E MODOS VERBAIS

	Feminino	Masculino
Formas comp.	.42	.58
Fut. Pretérito	.52	.48
Fut. Subj.	.38	.62
Gerúndio	.49	.51
Imperativo	.37	.63
Imperf. Subj.	.56	.44
Infinitivo	.47	.53
Presente	.51	.49
Pres. Subj.	.55	.45
Pret. Imperf.	.54	.46
Pret. Perf.	.46	.54

Numa análise global, os resultados apresentam uma maior tendência ao uso das formas variadas de indeterminação do sujeito por parte dos homens (.53) contra (.47) por parte das mulheres.

Tabela 5: SEXO

SEXO	Feminino	Masculino
INPUT	.47	.53
CBA	.55	.45
FLP	.47	.53
POA	.46	.54
25 a 50 anos	.46	.54
mais de 50 anos	.55	.45
Primário	.48	.52
Ginásio	.51	.49
2.º Grau	.50	.50
A gente	.63	.37
Eles	.60	.40
Eu	.41	.59
Formas nominais	.42	.58
Nós	.38	.62
Se	.34	.66
Tu	.74	.26
Você	.33	.67
Vocês	.92	.08
VPSA	.49	.51
VPASSINT	.41	.59
0V3PS	.50	.50
0V3PP	.55	.45
Formas comp.	.42	.58
Fut. Pretérito	.52	.48
Fut. Subjuntivo	.38	.62
Gerúndio	.49	.51
Imperativo	.37	.63
Imp. Subjuntivo	.56	.44
Infinitivo	.47	.53
Presente	.51	.49
Pres. Subjuntivo	.55	.45
Pret. Imperfeito	.54	.46
Pret. Perfeito	.46	.54

4.2.2. Faixa etária

Novamente o grupo dos tempos verbais foi eliminado da rodada porque, mesmo com o caractere "/" ("não se aplica") para o futuro do presente, que possuía apenas 4 ocorrências devido a falantes com mais de 50 anos, foi formado um número de células (1.003) superior à capacidade do programa (1.000).

Na rodada estatística cuja variável dependente foi a faixa etária, o resultado foi o seguinte, de acordo com a tabela 6: falantes com idade entre 25 e 50 anos tiveram as variantes *você* e *formas nominais* com o maior peso relativo (.71) e (.56), respectivamente. A variante *vocês* apresentou um peso relativo de (.57), mas no geral esse resultado não é tão significativo se levarmos em conta sua frequência (12/8.812). Além disso, a faixa etária A apresentou 7 ocorrências, num total de 12.

Tabela 6: FAIXA ETÁRIA/VARIANTES

	25 a 50 anos	mais de 50 a
A gente	.46	.54
Eles	.51	.49
Eu	.47	.53
Formas Nom.	.56	.44
Nós	.33	.67
Se	.46	.54
Tu	.57	.43
Você	.71	.29
Vocês	.57	.43
VPSA	.35	.65
VPASSINT	.28	.72
0V3PS	.47	.53
0V3PP	.40	.60

A variante *tu*, utilizada apenas em Florianópolis e Porto Alegre, também tem maior probabilidade de aparecer no discurso dos mais jovens (.57).

Falantes com mais de 50 anos tiveram (.67) para *nós* e (.65) para *voz passiva sem agente (VPSA)*, sendo que o peso relativo maior da variante *voz passiva sintética (VPASSINT)* também foi de falantes com mais de 50 anos (B), (.72), com uma frequência relativa de 13/18 num total de 8.812 dados.



Na comparação entre falantes das duas faixas etárias, observamos que os mais jovens (25 a 50 anos) utilizam-se de variantes não previstas pela GT para a indeterminação do sujeito e os mais velhos (mais de 50 anos) utilizam algumas das formas preconizadas pela GT.

Esse fato pode apontar para uma mudança em curso no sistema se considerarmos o que LABOV (1972a, citado por SILVA & PAIVA, 1996: 352) chama de mudança em tempo aparente. A comparação entre comportamentos lingüísticos das gerações poderá revelar os diferentes estágios de uma língua, já que o falante reflete a linguagem que adquiriu até por volta dos 15 anos. Portanto, uma pessoa de 50 anos terá no seu discurso o reflexo do que se falava há 35 anos (NARO, 1992b: 82).

Diante disso, parece que seria interessante a análise de uma faixa etária menor, 15 a 25 anos, p.ex., para uma comparação mais ampla.

No que refere à localidade, tabela 7, foi possível observar pesos relativos maiores para falantes de 25 a 50 anos em Curitiba (.58) e o inverso, falantes com mais de 50 anos, em Florianópolis (.57) e Porto Alegre (.56).

Os homens de 25 a 50 anos apresentam os mesmos pesos relativos (.55) que as mulheres com mais de 50 anos (.55), confirmando resultados do item 4.2.1.

Tabela 7: FAIXA ETÁRIA/LOCALIDADE/SEXO/ESCOLARIDADE

	25 a 50 anos	mais de 50 a
CBA	.58	.42
FLP	.43	.57
POA	.44	.56
Masculino	.55	.45
Feminino	.45	.55
Primário	.53	.47
Ginásio	.44	.56
2.º Grau	.53	.47

No cruzamento de faixa etária e escolaridade, podemos perceber que a tendência ao uso de múltiplas formas de indeterminar o sujeito é maior em falantes com mais de 50 anos e escolaridade ginásial (.56); vindo a seguir primário (.53) e segundo grau (.53) influenciando falantes de 25 a 50 anos.

Os falantes mais velhos preferiram o uso de variantes que poderíamos considerar mais tradicionais, como *φV3PP*, que é indicada pela GT, *VPASSINT* e mesmo *VPSA* e *nós*. Já os mais jovens empregam mais variantes que poderíamos chamar de inovadoras: *você* e *formas nominais*.

A influência da escolaridade em falantes mais velhos tem o respaldo em SILVA & PAIVA (1996: 340):

*Ressalte-se que, segundo Kemp, o efeito do fator escolarização está relacionado ao fator idade. Assim, as diferenças de escolarização parecem mais significativas entre falantes mais velhos do que entre falantes mais jovens.*

No *input* geral, há maior probabilidade de ocorrência de formas variadas para a indeterminação do sujeito por parte de falantes mais jovens (.53) do que em falantes mais idosos (.47), o que, futuramente, poderá ser testado numa análise em tempo real.

Tabela 8: FAIXA ETÁRIA

IDADE	25 a 50 anos	mais de 50 anos
INPUT	.53	.47
CBA	.58	.42
FLP	.43	.57
POA	.44	.56
Masculino	.55	.45
Feminino	.45	.55
Primário	.53	.47
Ginásio	.44	.56
2.º Grau	.53	.47
A gente	.46	.54
Eles	.51	.49
Eu	.47	.53
Formas nominais	.56	.44
Nós	.33	.67
Se	.46	.54
Tu	.57	.43
Você	.71	.29
Vocês	.57	.43
VPSA	.35	.65
VPASSINT	.28	.72
0V3PS	.47	.53
0V3PP	.40	.60

#### 4.2.3. Escolaridade

As análises através da escolaridade foram feitas pelo programa TVARB, que analisa três variantes na variável dependente e cujos resultados são expressos em três Algarismos. Sendo assim, resultados que se afastem de .330 são considerados significativos e pertinentes para a aplicação da regra; resultados próximos desta marca indicam menores chances de ocorrência.

Nessa rodada, através da escolaridade, precisei utilizar o "/", caractere "não se aplica", para o futuro do presente, ocorrido apenas com escolaridade primária (1) e ginásial (3), um número pouco significativo diante do total (4/8.812).

Como pode ser observado na tabela 9, os falantes de nível primário apresentaram as variantes *você* (.481), *vocês* (.459) e *tu* (.396) com maior peso relativo; os do ginásio tiveram na variante *eles* o peso relativo mais considerável (.459) e, depois, *eu* com (.421); e os do secundário apresentaram o maior peso relativo para o uso da variante *nós* (.481), seguida de *VPSA* (.450) e de *se* (.449).

Ainda na análise das variantes lingüísticas em relação à escolaridade, a estabilidade apareceu em *FN*: (.312) falantes com escolaridade primária, (.358) escolaridade ginásio e (.329) escolaridade secundária. Falantes com escolaridade primária e secundária têm um comportamento lingüístico que se aproxima. Isso parece indicar que a variante *FN* pode estar sendo mais aceita, uma vez que seu uso apresenta uma quase estabilização.

Tabela 9: ESCOLARIDADE/VARIANTES/TEMPOS E MODOS VERBAIS

	Primário	Ginásio	2.º grau
A gente	.279	.380	.342
Eles	.302	.459	.240
Eu	.182	.421	.397
Formas Nom.	.312	.358	.329
Nós	.251	.268	.481
Se	.303	.248	.449
Tu	.396	.310	.294
Você	.481	.343	.176
Vocês	.459	.379	.163
VPSA	.289	.261	.450
VPASSINT	.365	.223	.412
OV3PS	.379	.330	.291
OV3PP	.317	.298	.384
Formas comp.	.385	.297	.318
Fut. Pretérito	.229	.374	.396
Fut. Subj.	.325	.326	.348
Gerúndio	.271	.455	.274
Imperativo	.259	.384	.357
Imp. Subj.	.458	.256	.286
Infinitivo	.314	.331	.355
Presente	.364	.337	.300
Pres. Subj.	.244	.316	.440
Pret. Imperf.	.450	.263	.286
Pret. Perfeito	.404	.312	.284

De acordo com esses resultados, pode-se detectar uma possível influência da escolaridade.

No uso de *se*, por exemplo, o peso relativo maior é dos falantes com escolaridade secundária (.449), em oposição a (.303) e (.248) dos falantes com escolaridade primária e ginásial. O mesmo processo é observado quanto aos pesos relativos da *VPASSINT*: (.412) para falantes com segundo grau, em oposição a (.365) e (.223) para falantes com primário e ginásio. Então, parece que o maior grau de escolaridade está influenciando no uso de *se* e *VPASSINT*.

Em relação ao uso de  $\phi V3PP$  e *eles*, percebe-se que há uma polarização devida a um provável efeito da escolaridade também.

O pronome *eles* apresenta um peso relativo maior entre os falantes de nível primário e ginásial, (.302) e (.459), e seu uso no discurso dos falantes de nível secundário (.240) parece estar sendo inibido devido à ação da escola, que não apregoa o uso do pronome *eles* junto ao verbo como recurso para indeterminar o sujeito; ao contrário, ensina que apenas o verbo na 3.<sup>a</sup> p.p. é uma das possibilidades.

Sendo  $\phi V3PP$  uma das formas de indeterminação preconizadas pela GT, percebemos a influência da escolaridade através da probabilidade maior de uso no discurso de falantes com maior escolaridade: (.384); os dois outros níveis têm pesos mais abaixo: (.317) primário e (.298) ginásio.

Com relação ao cruzamento de escolaridade e grupos verbais, os pesos relativos mais altos distribuíram-se da seguinte forma: imperfeito do subjuntivo (.458) e pret.imperfeito do indicativo (.450) para o nível primário; gerúndio (.455) para o nível ginásial; presente do subjuntivo (.440) para o secundário.

Houve um equilíbrio do nível de escolaridade em relação às cidades e ao sexo, demonstrado na tabela 10, em função das pequenas diferenças de comportamento: falantes de nível primário apresentam probabilidade de indeterminação do sujeito em Florianópolis (.361), de nível ginásial a probabilidade maior é em Curitiba (.359) e no nível secundário a maior é em Porto Alegre (.375).

Tabela 10: ESCOLARIDADE/LOCALIDADE/SEXO

	Primário	Ginásio	2.º grau
CBA	.322	.359	.319
FLP	.361	.332	.308
POA	.317	.309	.375
Masculino	.345	.324	.330
Feminino	.322	.342	.336

As mulheres de nível ginásial e secundário apresentam um índice levemente maior, (.342) e (.336), respectivamente, mas mesmo assim ficam abaixo dos homens de nível primário (.345). A proximidade fica no nível secundário: (.330) para homens e (.336) para mulheres. Mas mesmo assim há uma pequena diferença que confirma a resistência masculina citada por MONTEIRO (item 4.2.1 deste trabalho).

Tabela 11: ESCOLARIDADE/FAIXA ETÁRIA

	Primário	Ginásio	2.º grau
25 a 50 anos	.360	.293	.347
mais de 50 a	.306	.376	.318

A associação de escolaridade e idade apontou maiores probabilidades na indeterminação do sujeito para falantes com mais de 50 anos e escolaridade ginásial (.376); a seguir falantes de 25 a 50 anos com escolaridade primária (.360) e secundária (.347), confirmando exatamente nossos resultados mencionados acima, quando da análise em relação à faixa etária.

Apesar de os números percentuais serem bem equilibrados, ginásial (34%), primário (34%) e secundário (32%), o *input* foi maior para o grau secundário (.359), um pouco abaixo o ginásial (.347) e então o primário (.294).

Os resultados da análise da escolaridade, tabela 12, demonstram que é no discurso dos falantes de nível secundário, que são os que passaram mais tempo nos bancos escolares (mínimo 11 anos), que iremos encontrar a maior tendência para o aparecimento de algumas formas de indeterminação do sujeito mais "padronizadas": *se* (.449), um recurso de indeterminação pregado pela GT, *VP*SA (.450) e *VP*ASSINT (.412), reconhecidos pela GT como indeterminadores do agente e *nós* (.481), considerado plural de modéstia.

Tabela 12: ESCOLARIDADE

ESCOLARIDADE	Primário	Ginásio	2.º grau
INPUT	.294	.347	.359
A gente	.279	.380	.342
Eles	.302	.459	.240
Eu	.182	.421	.397
Formas nominais	.312	.358	.329
Nós	.251	.268	.481
Se	.303	.248	.449
Tu	.396	.310	.294
Você	.481	.343	.176
Vocês	.459	.379	.163
VPSA	.289	.261	.450
VPASSINT	.365	.223	.412
0V3PS	.379	.330	.291
0V3PP	.317	.298	.384
CBA	.322	.359	.319
FLP	.361	.332	.308
POA	.317	.309	.375
Masculino	.345	.324	.330
Feminino	.322	.342	.336
25 a 50 anos	.360	.293	.347
mais de 50 anos	.306	.376	.318
Formas compostas	.382	.304	.314
Fut. Pretérito	.229	.374	.396
Fut. Subjuntivo	.325	.326	.348
Gerúndio	.271	.455	.274
Infinitivo	.314	.331	.355
Imperativo	.260	.378	.362
Imp. Subjuntivo	.458	.256	.286
Presente	.364	.337	.300
Pres. Subjuntivo	.244	.316	.440
Pret. Imperfeito	.450	.263	.286
Pret. Perfeito	.404	.312	.284

#### 4.2.4. Localidade

Para ser possível a rodada trinominal, através do TVARB, foi necessário eliminar algumas variantes que ocasionavam o *knockout*: *tu*, com nenhuma ocorrência em Curitiba, mas 187 em Florianópolis e 366 em Porto Alegre; imperativo, com nenhuma ocorrência em Florianópolis, mas 8 em Curitiba e 3 em Porto Alegre; futuro do presente, com nenhuma ocorrência em Curitiba, mas 3 em Florianópolis e 1 em Porto Alegre.

Eliminadas as variantes acima, a rodada foi possível. Dentre as três, apenas *tu* tem relevância na análise lingüística, pois tem um total de 553/8.812 ocorrências, distribuídas entre Florianópolis (187, 34%) e Porto Alegre (366, 66%). Essa variante será analisada através de outras rodadas que não envolvam diretamente a localidade.

Tabela 13: PRONOMES DE 2.<sup>a</sup> PESSOA NA INDETERMINAÇÃO

	CBA	FLP	POA	TOTAL
você	1.023	172	63	1.258
tu	0	187	366	553
TOTAL	1.023	359	429	1.811

Na tabela 13 está demonstrada a distribuição dos pronomes pessoais de 2.<sup>a</sup> pessoa do singular utilizados na indeterminação do sujeito. Curitiba apresenta o uso categórico de *você*, com 1.023 casos, e nenhum de *tu*, confirmando nossas expectativas. Florianópolis, de 359 usos de pronomes de 2.<sup>a</sup> p. s., apresentou 172 ocorrências de *você* e 187, de *tu*. Porto Alegre, de um total de 429 ocorrências de pronomes de 2.<sup>a</sup> p. s., 366 foram de *tu* e apenas 63, de *você*.

Através dos números de ocorrências podemos perceber que, apesar do uso equilibrado entre *tu* e *você* em Florianópolis, há quase o triplo de realizações de *você* em Florianópolis em comparação com Porto Alegre. E em Porto Alegre há quase o dobro de ocorrências de *tu* em comparação com Florianópolis. Nessa análise pode-se perceber claramente a polarização em relação ao uso de *tu* e *você* nessas duas cidades.

Conforme pode ser observado na tabela 14, a variante *você* apresentou a maior probabilidade de uso em Curitiba (.930), um resultado muito significativo



diante do número de ocorrências da mesma: 1023/1258. Em seguida, *nós* com (.818) e *eles* com (.812). Florianópolis apresentou uma neutralidade com relação às variantes, sendo o maior peso relativo para *eu* (.384), depois *tu* (.350), seguido de *vocês* (.268), com frequência relativa insignificante (1/12), e (.228) para *a gente*. Em Porto Alegre, o maior peso relativo é da variante *tu* (.650), a seguir *eu* (.316), *vocês* (.288) e *se* (.236). A variante *VPASSINT* apresentou probabilidade maior de uso em Porto Alegre (.926), mas, assim como *vocês*, na relação de número de ocorrências com o total de dados (8.812), percebe-se a pequena significância no contexto: *VPASSINT* (11/18) e *vocês* (3/12).

No que diz respeito ao cruzamento de localidade e tempos e modos verbais, temos com maiores probabilidades: formas compostas (.413) e presente do indicativo (.377) em Curitiba; futuro do pretérito (.496) e pretérito imperfeito (.432) em Florianópolis; gerúndio (.518) e presente do subjuntivo (.475) em Porto Alegre.

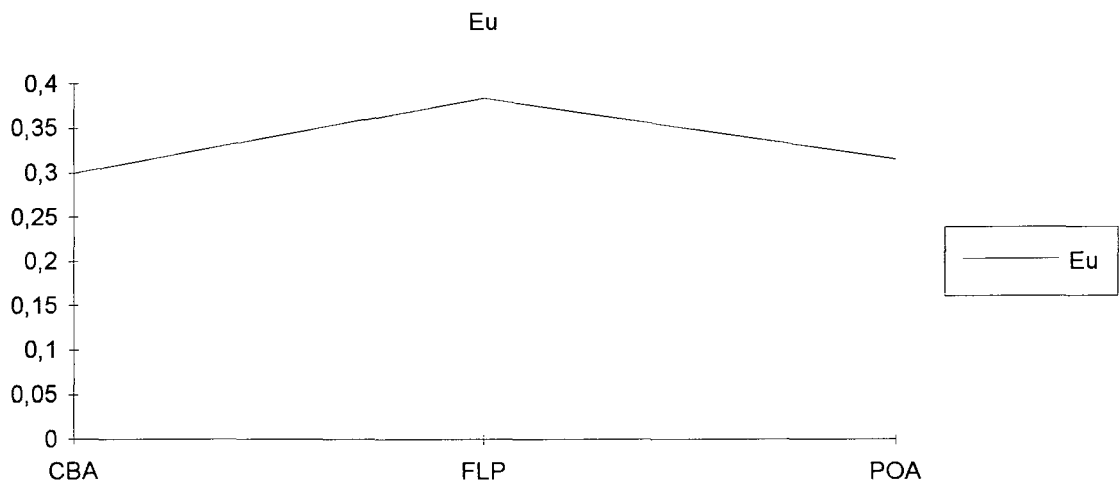
Tabela 14: LOCALIDADE/VARIANTES/TEMPOS E MODOS VERBAIS

	CBA	FLP	POA
A gente	.604	.228	.168
Eles	.812	.097	.091
Eu	.300	.384	.316
Formas Nom.	.738	.150	.112
Nós	.818	.090	.092
Se	.642	.122	.236
Tu	knockout	.350	.650
Você	.930	.063	.008
Vocês	.444	.268	.288
VPASSINT	knockout	.074	.926
VPSA	.810	.114	.077
OV3PS	.783	.105	.111
OV3PP	.805	.085	.110
Formas Comp.	.413	.296	.291
Fut. Pretérito	.302	.496	.202
Fut. Subjuntivo	.338	.264	.398
Gerúndio	.234	.247	.518
Imp. Subjuntivo	.362	.401	.237
Infinitivo	.347	.314	.339
Presente	.377	.289	.333
Pres. Subjuntivo	.271	.255	.475
Pret. Imperfeito	.326	.432	.243
Pret. Perfeito	.315	.337	.348

Ao fazer um levantamento dos usos das variáveis da indeterminação do sujeito em relação a cada capital, pude perceber que há uma semelhança nos hábitos lingüísticos de Florianópolis e Porto Alegre. Pois, enquanto Curitiba tem probabilidade maior do uso de *você* (.930), *nós* (.818) e *eles* (.812), Florianópolis e Porto Alegre têm igualmente os maiores pesos relativos em *tu*, (.350) e (.650), e *eu*, (.384) e (.316), respectivamente.

A maior estabilidade em relação às capitais está na variante *eu*, com (.300) em Curitiba, (.384) em Florianópolis e (.316) em Porto Alegre. Mesmo assim, no gráfico 1, nota-se que há uma estabilidade relativa, não chega à linearidade, pois seu uso tem um pico em Florianópolis e uma baixa em Curitiba, ficando em Porto Alegre o uso em nível intermediário.

Gráfico 1: VARIANTE MAIS ESTÁVEL/LOCALIDADE



Em relação à localidade e ao comportamento de homens e mulheres, o sexo feminino, conforme já pôde ser observado em outras rodadas, e está demonstrado na tabela 15, tem peso relativo maior em Curitiba (.370); já em Florianópolis (.355) e Porto Alegre são os homens (.346) que tendem a indeterminar mais o sujeito.

Tabela 15: LOCALIDADE/SEXO/FAIXA ETÁRIA

	CBA	FLP	POA
Masculino	.299	.355	.346
Feminino	.370	.311	.319
25 a 50 anos	.432	.277	.290
mais de 50 a	.247	.385	.368

O fato de as mulheres terem maiores probabilidades de indeterminar o sujeito em Curitiba é inesperado, porque numa análise geral elas indeterminam menos o sujeito, o que pode lhes atribuir um caráter mais conservador, pois apresentam um peso relativo menor (.47) do que os homens (.53). Isso poderia ser um sinal de que as mulheres curitibanas apresentam um desempenho lingüístico menos conservador do que as de Florianópolis e Porto Alegre.

Em Curitiba, o peso relativo é maior na faixa etária A (.432); nas demais cidades há a inversão, com (.385) em Florianópolis e (.368) em Porto Alegre na faixa etária B.

Em relação às cidades, então, observamos que a probabilidade de indeterminação do sujeito é maior no discurso de mulheres entre 25 e 50 anos em Curitiba e no discurso de homens com mais de 50 anos em Porto Alegre e Florianópolis.

Ainda na rodada relativa às capitais, conforme a tabela 16, os falantes de Curitiba que mais indeterminam são os falantes com escolaridade ginasial (.363); em Florianópolis são os falantes com escolaridade primária (.350); e em Porto Alegre, a maior parte da indeterminação do sujeito na oralidade foi por parte de falantes com segundo grau (.368).

Tabela 16: LOCALIDADE/ESCOLARIDADE

	CBA	FLP	POA
Primário	.323	.350	.328
Ginásio	.363	.332	.305
2.º Grau	.315	.317	.368

Numa outra rodada, foi eliminada a cidade de Curitiba devido à necessidade de analisar o comportamento da variante *tu*, porque de acordo com uma rodada geral pôde ser verificado que tal variante só ocorria em Florianópolis (187/553) e Porto Alegre (366/553), confirmando os resultados de LOREGIAN (1996: 21) com relação à ausência dessa variante na capital paranaense.

Nessa rodada binária interessou-nos apenas os pesos relativos da variante *tu* e da forma verbal futuro do presente, porque só ocorreram em Florianópolis e Porto Alegre. Os demais pesos só são considerados quando em relação às três capitais.

Em Florianópolis, *tu* apresentou um peso relativo (.35) e em Porto Alegre (.65). E a forma verbal futuro do presente teve seu peso maior em Florianópolis (.77) do que em Porto Alegre (.23).

Se considerarmos as ocorrências de indeterminação do sujeito através das variantes analisadas em cada capital, poderemos observar que Curitiba tem um número bem maior (3.814 sobre 8.812, significando 43%) do que Florianópolis (2.471 sobre 8.812, significando 28%) ou Porto Alegre (2.527 sobre 8.812, significando 29%).

Com exceção das variantes *eu*, *VPASSINT* e *tu*, o peso relativo das demais é maior em Curitiba do que em Florianópolis e Porto Alegre. E, talvez devido a esses pesos relativos altos, a lógica do programa faça uma interpretação curiosa: no *input* geral, o peso relativo de Curitiba é (.115), de Florianópolis é (.380) e de Porto Alegre é (.505). Parece que devido à frequência de variantes que indeterminam o sujeito ser bem mais alta em Curitiba, a intensidade da variação acaba perdendo sua significância.

Tabela 17: LOCALIDADE

LOCALIDADE	CBA	FLP	POA
INPUT	.115	.380	.505
A gente	.604	.228	.168
Eles	.812	.097	.091
Eu	.300	.384	.316
Formas Nominais.	.738	.150	.112
Nós	.818	.090	.092
Se	.642	.122	.236
Tu	knockout	.350	.650
Você	.930	.063	.008
Vocês	.444	.268	.288
VPASSINT	knockout	.074	.926
VPSA	.810	.114	.077
0V3PS	.783	.105	.111
0V3PP	.805	.085	.110
Masculino	.299	.355	.346
Feminino	.370	.311	.319
25 a 50 anos	.432	.277	.290
mais de 50 anos	.247	.385	.368
Primário	.323	.350	.328
Ginásio	.363	.332	.305
2.º Grau	.315	.317	.368
Formas Comp.	.413	.296	.291
Fut. Pretérito	.302	.496	.202
Fut. Subjuntivo	.338	.264	.398
Gerúndio	.234	.247	.518
Imp. Subjuntivo	.362	.401	.237
Infinitivo	.347	.314	.339
Presente	.377	.289	.333
Pres. Subjuntivo	.271	.255	.475
Pret. Imperfeito	.326	.432	.243
Pret. Perfeito	.315	.337	.348

#### 4.2.5 Tempos e Modos Verbais

A análise das formas verbais em relação às variantes lingüísticas não foi possível porque geraria um número de células além da capacidade do programa.

Sem o estudo de pesos relativos e probabilidades, temos a ocorrência dos tempos e modos verbais, conforme a tabela 18, e o maior índice de uso foi do presente do indicativo (4.237/8.812), seguido de pretérito imperfeito do indicativo (1.687/8.812), do infinitivo (1.089/8.812) e pretérito perfeito (921/8.812).

Tabela 18: TEMPOS E MODOS VERBAIS

	Frequência	Percentual
Formas Compostas	385	4,37%
Futuro do Presente	4	0,05%
Futuro do Pretérito	49	0,56%
Futuro do Subjuntivo	148	1,68%
Gerúndio	102	1,14%
Imperativo	11	0,12%
Imperfeito do Subjuntivo	105	1,19%
Infinitivo	1.089	12,36%
Presente do Indicativo	4.237	48,08%
Presente do Subjuntivo	74	0,84%
Pretérito Imperfeito	1.687	19,14%
Pretérito Perfeito	921	10,45%
<b>TOTAL</b>	<b>8.812</b>	<b>100%</b>

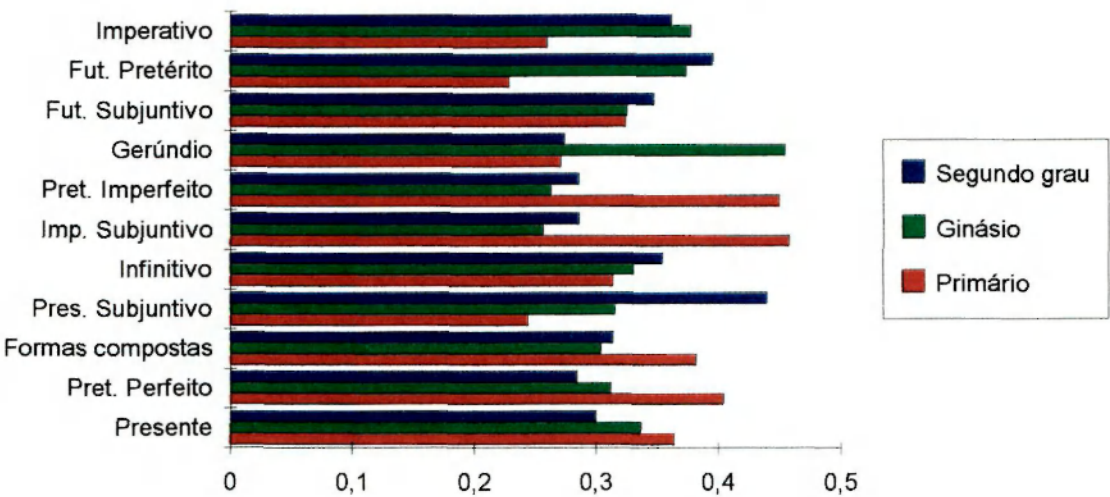
Esses resultados confirmam nossa hipótese inicial de que o presente do indicativo, muitas vezes, corrobora para a criação de situações genéricas. Essa forma verbal carrega uma característica atemporal e pode propiciar ao ouvinte o afastamento da realidade e a transferência para um tempo irreal, sem delimitação de duração.

Do mesmo modo, o pretérito imperfeito é utilizado em narrações de fatos já ocorridos e em referências a situações e tempos que pertencem a outras épocas e também denotam um aspecto genérico.

Dentre essas formas verbais mais freqüentes, podemos observar no gráfico 2 que o presente do indicativo e o pretérito imperfeito do indicativo têm maior probabilidade de aparecer no discurso de falantes com escolaridade primária; o

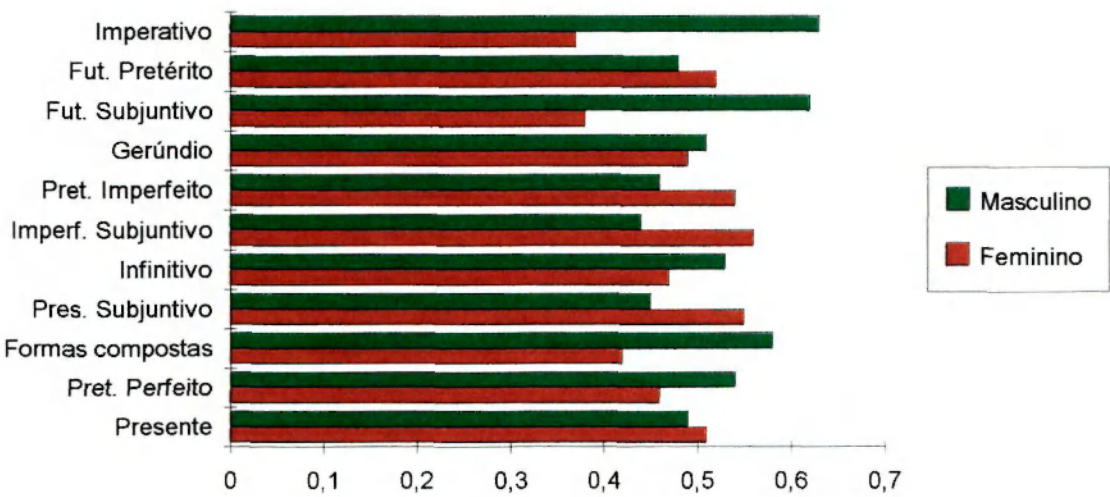
infinitivo aparecerá mais no discurso de falantes com escolaridade secundária e o pretérito perfeito, no discurso de falantes com escolaridade primária.

Gráfico 2: TEMPOS E MODOS VERBAIS/ESCOLARIDADE



Com relação ao sexo e às formas verbais com maior número percentual, o gráfico 3 mostra que o presente do indicativo e o pretérito imperfeito do indicativo têm incidência maior no discurso do sexo feminino, já o infinitivo e o pretérito perfeito do indicativo ocorrerão mais no discurso do sexo masculino.

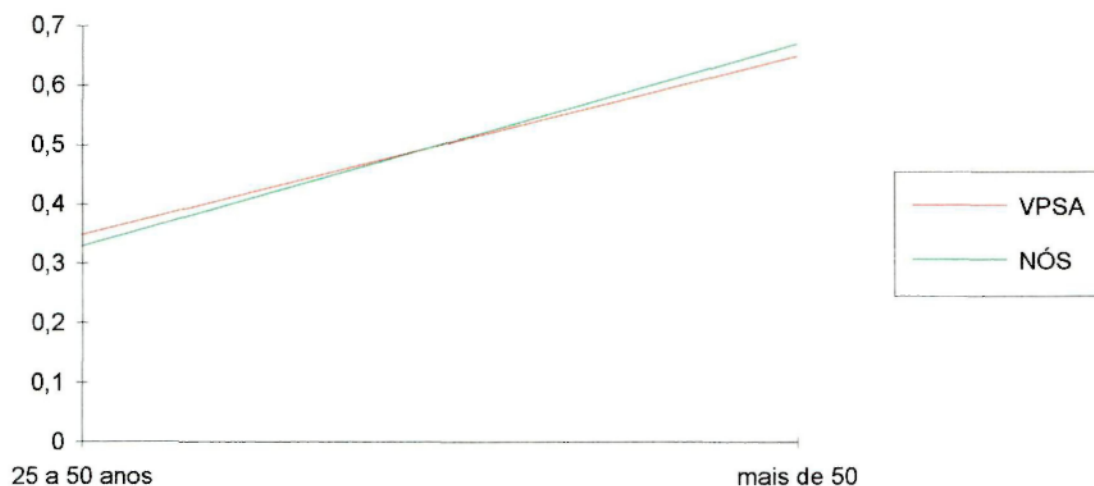
Gráfico 3: TEMPOS E MODOS VERBAIS/SEXO



#### 4.2.6 Variantes conservadoras

As variantes *nós* e *VPSA* foram classificadas como conservadoras devido ao uso por falantes com mais de 50 anos e, conseqüentemente à menor freqüência no discurso de indivíduos com menos de 50 anos.

Gráfico 4: VARIANTES CONSERVADORAS/FAIXA ETÁRIA

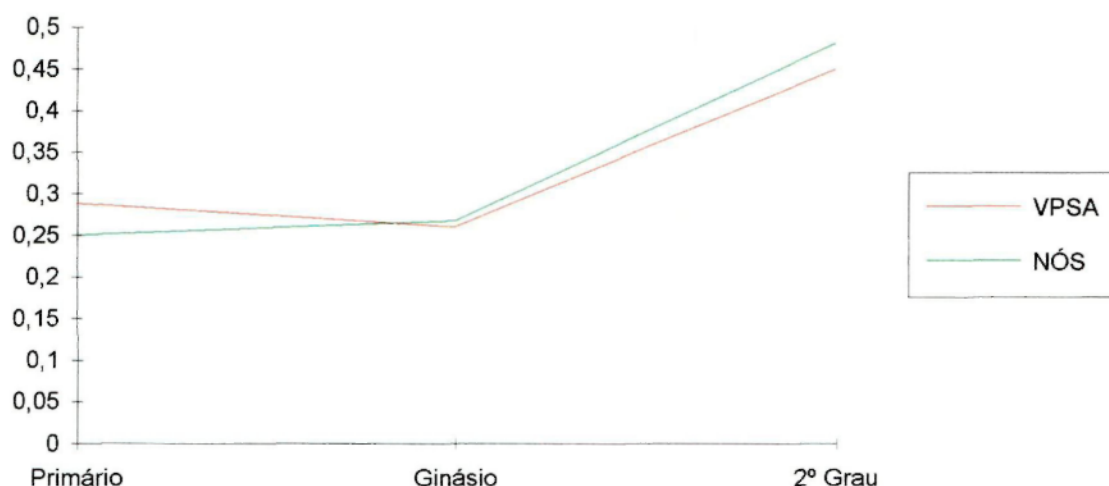


De acordo com o gráfico 4, observamos que o uso de ambas as variantes cresce com o aumento da idade dos falantes, sendo que *nós* tem uma evolução levemente mais acentuada: *nós* (.67) e *VPSA* (.65).

Em relação à escolaridade, o gráfico 5 mostra que a variante *VPSA* sofre um pequeno declínio do nível primário ao ginásial e então têm uma elevação no uso em relação ao nível secundário: (.289), (.261) e (.450). A variante *nós* apresenta, agora, uma evolução bem mais acentuada: (.251), (.268) e (.481).



Gráfico 5: VARIANTES CONSERVADORAS/ESCOLARIDADE



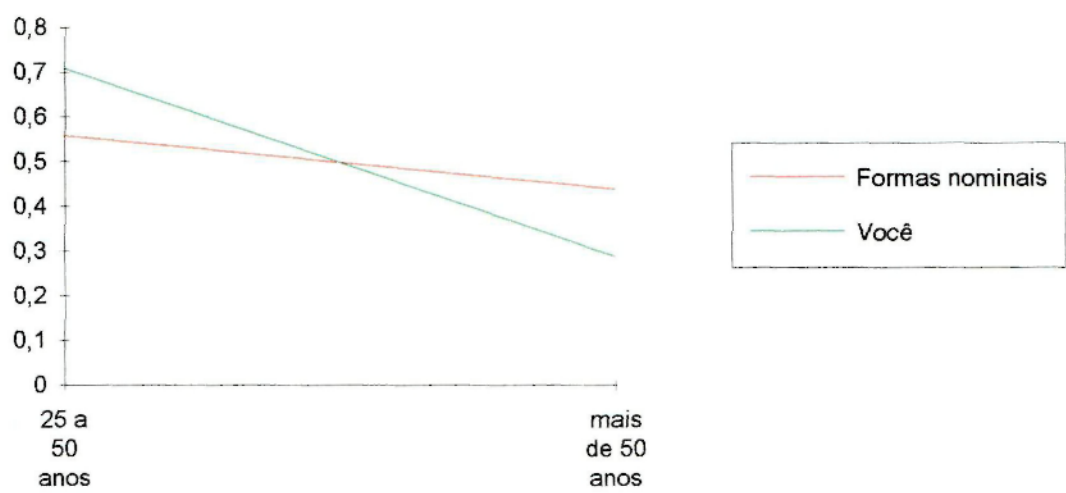
Realmente essas duas variantes podem ser consideradas conservadoras porque combinando os resultados de escolaridade e faixa etária elas têm mais probabilidade de aparecer no discurso de falantes com mais de 50 anos e escolaridade secundária.

#### 4.2.7 Variantes inovadoras

As formas *você* e *FN* foram consideradas inovadoras porque, além de não serem previstas pela GT como recursos para indeterminação do sujeito, sofrem um decréscimo no uso por parte de falantes mais velhos, ou seja, são utilizadas com maior frequência por falantes de 25 a 50 anos: (.71) e (.56). As variantes *tu* e *vocês*, ambas com pesos relativos de .57, não foram levadas em conta pelos seguintes motivos: *tu* é uma variante usada frequentemente em Florianópolis e Porto Alegre, mas não em Curitiba, o que provoca uma desigualdade na análise; e *vocês* tem um número de frequência baixo (12) em relação ao total dos dados (8.812).

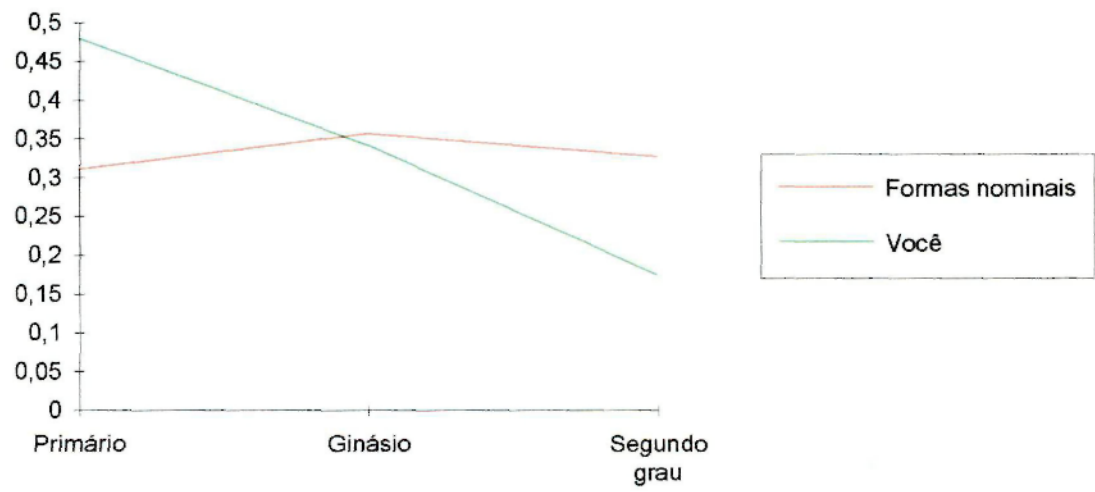
As *FN* apresentam um maior equilíbrio, (.56) e (.44), e *você* tem uma sensível elevação de uso no discurso de indivíduos mais jovens, (.71) e (.29), conforme se pode observar no gráfico 6:

Gráfico 6: VARIANTES INOVADORAS/FAIXA ETÁRIA



A variante *FN* parece não sofrer influência da escolaridade, seu uso quase linear apresenta pequena elevação no nível ginásial: (.312), (.358) e (.329). Já a variante *você* sofre uma queda sensível no uso à medida que o grau de escolaridade aumenta, conforme o gráfico 7: (.481), (.343), (.176) para primário, ginásio e 2.º grau, respectivamente.

Gráfico 7: VARIANTES INOVADORAS/ESCOLARIDADE



Observamos então que, com pequenas diferenças, *FN* está mais presente no discurso de falantes mais jovens, 25 a 50 anos, e com escolaridade ginásial e

secundária. Já o uso de *você*, podemos notar sensivelmente, deve-se a falantes de 25 a 50 anos com escolaridade primária.

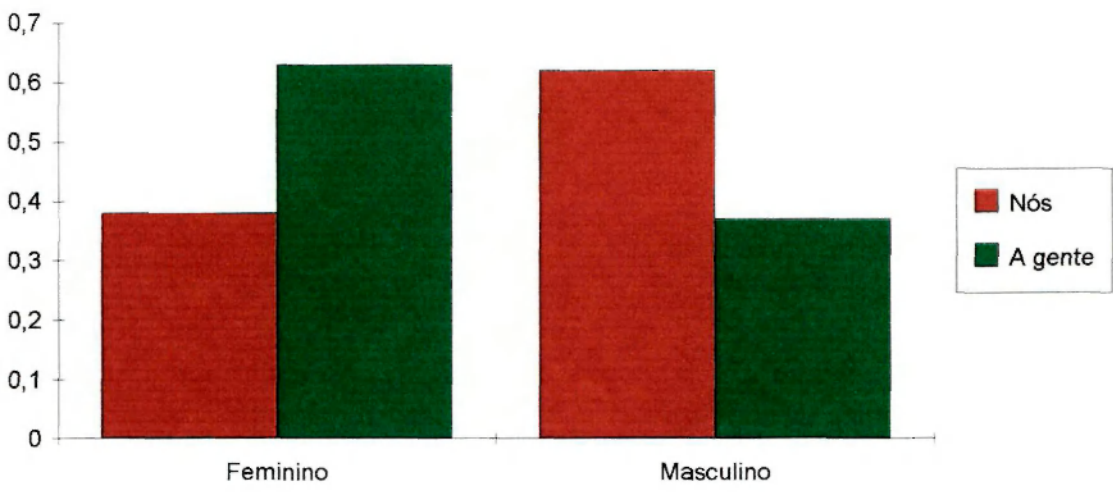
4.3 Nós x A Gente

Apesar de nosso estudo ser referente à indeterminação do sujeito, através das treze variantes já citadas e analisadas, faremos uma breve comparação entre o uso de *nós* e *a gente*, duas das variantes em análise, porque elas apresentam seu uso alternado.

O uso desses dois pronomes, passíveis de intercambialidade, gerou vários estudos variacionistas dirigidos à análise desta variação. O que interessa aos pesquisadores desse fenômeno é saber quais as probabilidades do pronome *a gente* ser utilizado no lugar do pronome *nós* e quais são os fatores condicionadores das variáveis sociais e lingüísticas.

Com relação ao sexo, gráfico 8, os informantes das capitais do Sul do Brasil - BD VARSUL - demonstraram que as preferências pelo uso de *nós* e *a gente* são exatamente opostas. As mulheres apresentam uma tendência maior ao uso de *a gente* (.63) enquanto a tendência maior do uso de *nós* (.62) é por parte dos homens.

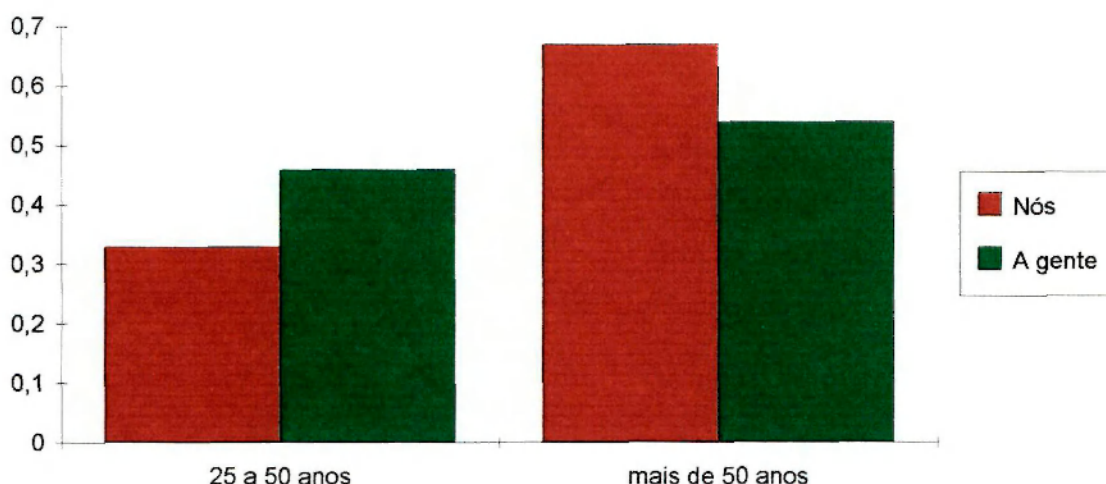
Gráfico 8: NÓS x A GENTE/SEXO



Esse resultado foi apontado também por CUNHA (1993: 6.4), só que de forma mais radical, com relação aos dados do NURC-RJ: "são as mulheres que lideram a mudança de *nós* por *a gente*".

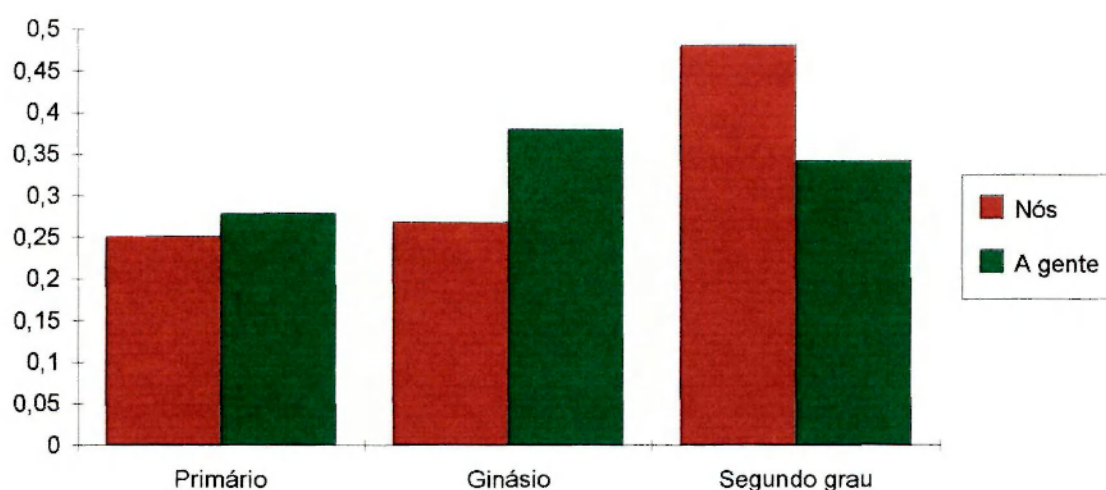
Quanto à variável faixa etária, gráfico 9, nossos resultados apontam para o uso maior de *nós* por parte de falantes mais idosos (.67, ou 62%). Resultados semelhantes aos de FREITAS & ALBÁN (1986, citadas por MONTEIRO, 1994: 149) que, em sua pesquisa com dados do NURC-Salvador sobre os pronomes *nós* e *a gente*, constataram que os mais idosos também "optam mais pelo pronome *nós* (65%)".

Gráfico 9: NÓS x A GENTE/FAIXA ETÁRIA



A escolaridade demonstrou relevância no nível secundário, onde a forma *nós* tem um peso relativo maior (.481). Nos níveis primário e ginásial o peso relativo foi maior para o uso de *a gente*, com (.279) e (.380), respectivamente. Apesar de as diferenças não serem tão grandes entre os níveis de escolaridade, pode-se perceber nitidamente a inversão do uso de *nós* e *a gente* através do gráfico 10.

Gráfico 10: NÓS x A GENTE/ESCOLARIDADE

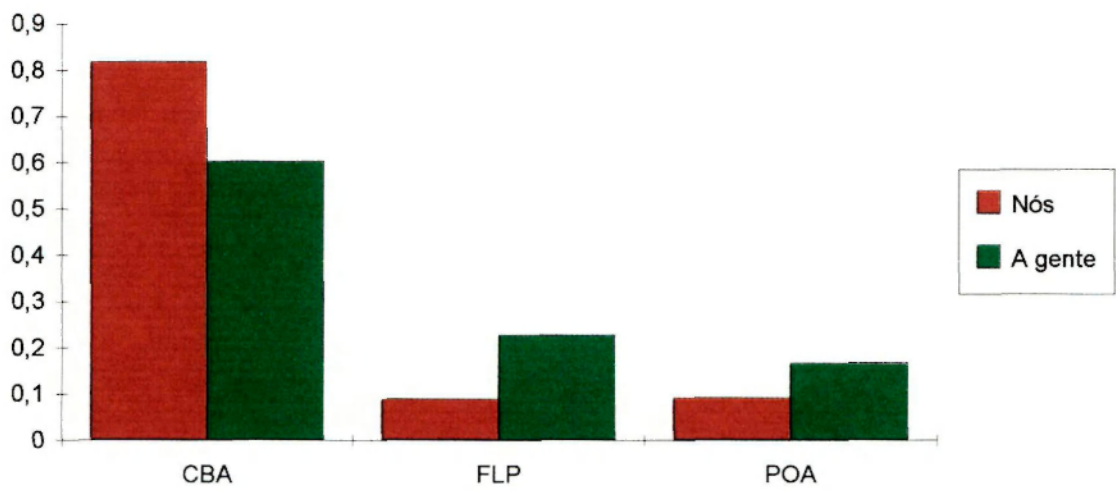


Aí parece que os anos de contato com a norma escolar tiveram influência, pois o pronome de 1.<sup>a</sup> pessoa do plural reconhecido e ensinado pelas gramáticas tradicionais é *nós*. O pronome *a gente* ainda não é tratado como tal, pelo menos, não aparece na maioria de gramáticas e livros didáticos; de acordo com ALBÁN & FREITAS (1991: 77):

*Dicionários e gramáticas pedagógicas revelam, de um modo geral, certo pudor no tratamento dos fatos que caracterizam a oralidade, não reconhecendo, por vezes, a amplitude e difusão que estes apresentam, com o que contribuem para a consolidação do preconceito às inovações gramaticais. No que se refere à ampliação do EU, a tradição consagra apenas a forma NÓS.*

Das duas variantes que ora analisamos, o peso relativo maior em Curitiba é do pronome *nós* (.818) e, apesar de baixos índices, em Florianópolis e Porto Alegre os pesos relativos maiores são para a variante *a gente*, (.228) e (.168), respectivamente. A aproximação nos costumes lingüísticos entre Florianópolis e Porto Alegre, em oposição a Curitiba, novamente se esboçou, conforme verificamos no gráfico 11.

Gráfico 11: NÓS x A GENTE/LOCALIDADE



O uso maior de *a gente* em detrimento de *nós* em Porto Alegre já havia sido detectado por FREITAS et al. (1986, citada por MONTEIRO, 1994: 149) em pesquisa com as cinco capitais integrantes do corpus do projeto NURC: "em Porto Alegre existe a preferência pelo emprego de *a gente* em função de sujeito".

Tabela 19: NÓS x A GENTE

	Nós	A gente
Feminino	.38	.63
Masculino	.62	.37
25 a 50 anos	.33	.46
mais de 50 a	.67	.54
Primário	.251	.279
Ginásio	.268	.380
2.º Grau	.481	.342
Curitiba	.818	.604
Florianópolis	.090	.228
Porto Alegre	.092	.168

4.4 Tu x Você

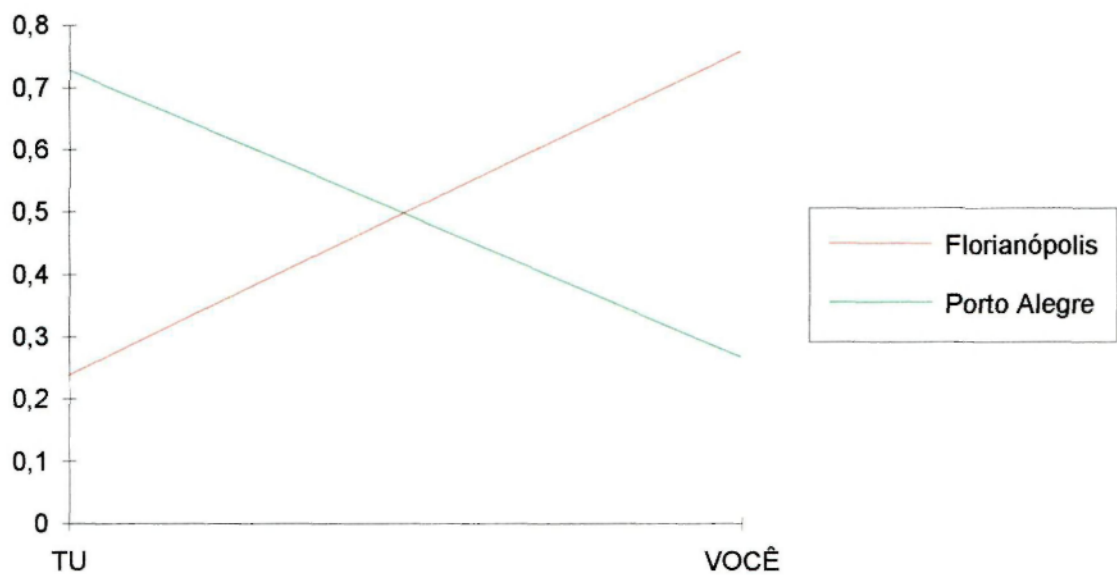
Devido à co-ocorrência e à concorrência dos pronomes *tu* e *você* nas cidades de Florianópolis e Porto Alegre, conforme comprovam os resultados ao longo desta



pesquisa, foi feita uma nova rodada dos dados tendo tais pronomes como variáveis dependentes. Nosso objetivo foi verificar qual o comportamento destas variantes, nas referidas cidades; em relação aos demais fatores lingüísticos (tempos e modos verbais) e extralingüísticos (localidade, sexo, idade e escolaridade), as ocorrências nas três cidades foram consideradas, totalizando 553 de *tu* e 1258 de *você*.

Em relação às cidades e variantes em questão, conforme verificamos o resultado da rodada exclusiva entre Florianópolis e Porto Alegre no gráfico 12, *tu* tem maior probabilidade de aparecer no discurso dos falantes de Porto Alegre com (.73), enquanto que *você* apresenta o peso relativo maior em Florianópolis (.76).

Gráfico 12: TU x VOCÊ/LOCALIDADE



No aspecto relativo à tendência ao uso de uma ou outra variante para ocupar o lugar de sujeito indeterminado, percebemos que há praticamente uma inversão entre os costumes de Porto Alegre e Florianópolis, pelo menos no que diz respeito à indeterminação do sujeito.

Tabela 20: TU x VOCÊ/TEMPOS E MODOS VERBAIS

	TU	VOCÊ
Formas Comp.	.52 29 23%	.48 98 77%
Futuro do Pres.	1 1 100%	knockout
Futuro do Pret.	.64 2 29%	.36 5 71%
Futuro Subj.	.58 26 39%	.42 41 61%
Gerúndio	.39 4 21%	.61 15 79%
Imperativo	.80 3 60%	.20 2 40%
Imperf. Subj.	.81 8 38%	.19 13 62%
Infinitivo	.49 55 26%	.51 157 74%
Presente	.48 340 30%	.52 802 70%
Presente Subj.	.63 5 20%	.37 20 80%
Pretérito Imp.	.54 70 46%	.46 82 54%
Pretérito Perf.	.61 10 30%	.39 23 70%

Com relação aos tempos e modos verbais, na tabela 20 está o demonstrativo do comportamento das variantes *tu* e *você* nas três capitais, o presente do indicativo foi o que apresentou maior número de ocorrências (1.142) dentre as duas variantes analisadas. Para o uso de *tu* o peso relativo do presente do indicativo foi de (.48) e para *você* foi de (.52). A segunda maior ocorrência entre essas variantes foi do infinitivo (212)<sup>3</sup>, mas que teve um comportamento semelhante ao do presente do indicativo: apresentou pesos relativos equilibrados no uso de *tu* (.49) e de *você* (.51).

<sup>3</sup>LOREGIAN (1996), em sua dissertação de mestrado, analisa a concordância verbal com o pronome *tu* na oralidade de Florianópolis e Porto Alegre (*corpus VARSUL*) e Ribeirão da Ilha (dados de Brescancini). A forma verbal que menos concorda com o pronome é o infinitivo (1 sobre 69), naquela amostra, e LOREGIAN (1996: 71) demonstra que esse resultado já era previsto:

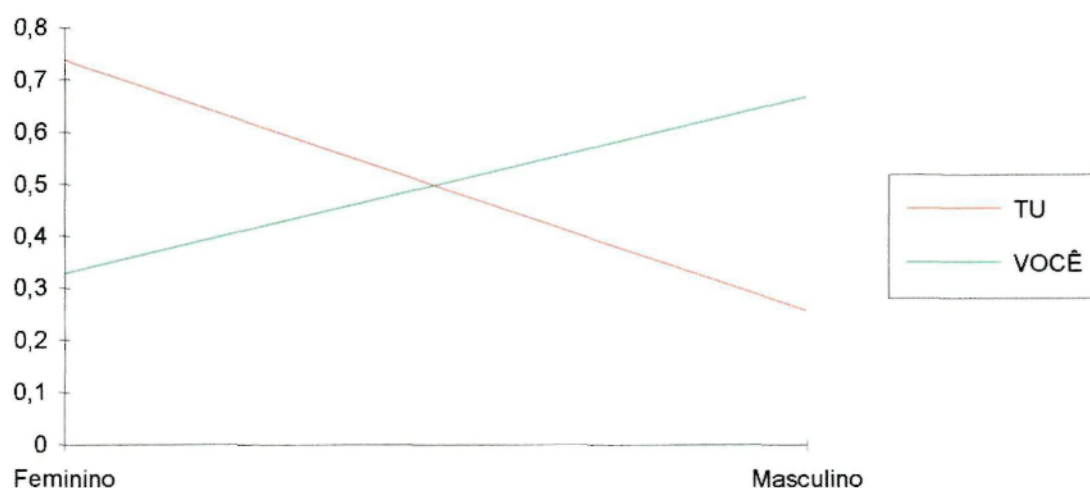
*A concordância é praticamente inexistente nestes dois casos [futuro do subjuntivo e infinitivo], o que já era esperado, pois são tempos que quase não se flexionam na Língua Portuguesa falada atualmente.*

Apesar de o infinitivo apresentar a menor probabilidade de concordância com o *tu* na amostra de LOREGIAN (1996), no meu trabalho, também com os dados do VARSUL, entre os pronomes *tu* e *você*, a segunda maior ocorrência é de infinitivo (212 ocorrências, 55 de *tu* e 157 de *você*), com peso relativo equilibrado de *tu* (.49) e *você* (.51). Na minha pesquisa a concordância não foi levada em conta, o que nos permite concluir que o grande uso de infinitivo junto ao pronome *tu* possa ser sem a respectiva concordância verbal.



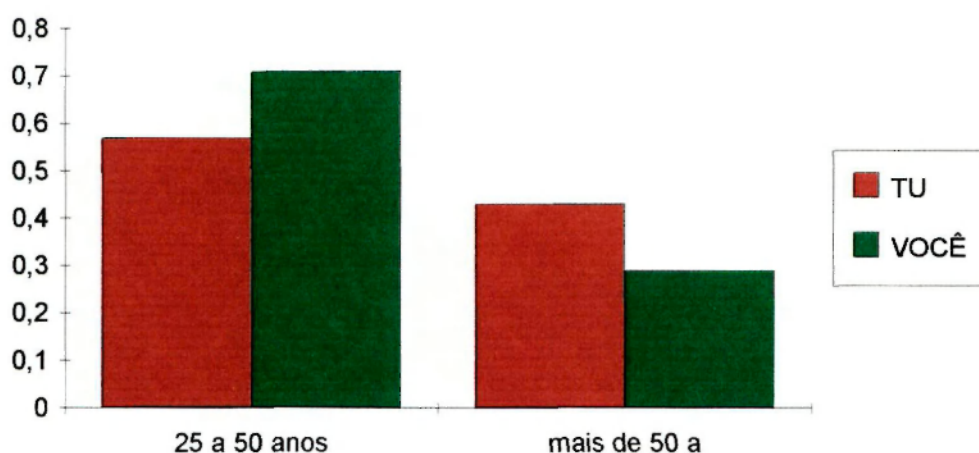
No gráfico 13, na análise do comportamento das variantes em relação ao sexo, houve uma diferença nítida na preferência de uso: *tu* tem peso relativo maior na fala das mulheres (.74), enquanto *você* tem o peso relativo maior na fala dos homens (.67). Essa diferença pode ser melhor comprovada através do número de ocorrências: na fala feminina houve 375 ocorrências de *tu* e 386, de *você*; na fala masculina, o distanciamento entre o uso das duas variantes é bastante grande: 178 ocorrências de *tu* e 872, de *você*.

Gráfico 13: TU x VOCÊ/SEXO



Os mais jovens utilizam muito mais a variante *você*, com um peso relativo de (.71) e com um total de 981 ocorrências, que supera a soma das ocorrências de *tu* nas duas faixas etárias (284 e 269) e de *você* na faixa etária B, 277. O pronome *tu* tem seu uso diferenciado entre as faixas etárias A (.57) e B (.43), mas há um equilíbrio se levarmos em conta o número de ocorrências: 284 no discurso de falantes mais jovens e 269 no discurso de falantes com mais de 50 anos. A faixa etária, nesse caso, como podemos observar no gráfico 14, está exercendo uma forte influência no uso do pronome *você* como indeterminador do sujeito.

Gráfico 14: TU x VOCÊ/FAIXA ETÁRIA



Numa leitura vertical da tabela 21 é possível detectar a influência da escola no uso de *tu* e *você*, porque quanto maior a escolaridade, menor o uso dessas variantes, não previstas pela GT, na indeterminação do sujeito.

Percebemos no nível primário, através dos pesos relativos, uma certa distância entre o uso de *tu* e *você*; e, na comparação do número de ocorrências, a distância fica evidentemente maior: 212 ocorrências de *tu* e 605, de *você*.

No nível ginásial, os pesos relativos diminuem, aproximando, proporcionalmente, os resultados, mas permanecendo a probabilidade maior de uso do pronome *você*.

Entre os falantes com escolaridade secundária há uma inversão de pesos relativos, (.294) para *tu* e (.176) para *você*, apesar de o número de ocorrências não representar uma diferença muito grande: 173 ocorrências de *tu* e 218, de *você*.

Associando os resultados das rodadas para verificação do comportamento das variantes *tu* e *você* ao que se obteve na análise restrita de *tu* e *você* em Florianópolis e Porto Alegre, ficou demonstrado que as mulheres de Porto Alegre com escolaridade primária são responsáveis pelo maior peso relativo de *tu*. E os homens de Florianópolis também com escolaridade primária são os falantes que têm em seus discursos as maiores probabilidades de usar a variante *você* como sujeito indeterminado.

Nesse caso de co-ocorrência de *tu* e *você* na posição de sujeito indeterminado, parece que a variação no uso de um ou outro pronome não apresenta indícios de mudança, pois ambos convivem no mesmo universo e uma forma não ameaça a outra.

Tabela 21: TU x VOCÊ

	TU	VOCÊ
Feminino	.74	.33
Masculino	.26	.67
25 a 50 anos	.57	.71
mais de 50 a	.43	.29
Primário	.396	.481
Ginásio	.310	.343
2.º Grau	.294	.176
Florianópolis	.24	.76
Porto Alegre	.73	.27

No entanto, retomando o fator escolaridade, podemos observar na tabela 21 que, apesar de *tu* e *você* apresentarem ascendência no uso à medida que o nível de escolaridade diminui, o pronome *você* sofre uma diferença acentuada entre um nível e outro. Enquanto a diferença entre os pesos relativos de *tu* é de (.102), do maior ao menor nível de escolaridade, a diferença entre os pesos relativos de *você* é de (.305). Então, uma diferença que pode influenciar esses pronomes, como indeterminadores do sujeito, é a escolaridade.

4.5 Pronomes pessoais

Antes da análise dos pronomes pessoais, é interessante retomar que KITAGAWA & LEHRER (1990: 739, citados por MENON, 1994: 130) confirmaram a capacidade de generalização dos pronomes pessoais nas línguas cujo sistema de pronomes é fechado.

Tabela 22: PRONOMES PESSOAIS

	CBA	FLP	POA	TOTAL
Eu	30	53	46	129
Tu/Você	1.023	359	429	1.811
Nós/A gente	568	644	538	1.750
Vocês	8	1	3	12
TOTAL	1.629	1.057	1.016	3.702

Foram analisados: o pronome *eu* (1.<sup>a</sup> p. s.), os pronomes *tu* e *você/vocês* (2.<sup>a</sup> p. s. e p.) e os pronomes *nós* e *a gente* (1.<sup>a</sup> p. p.). O pronome de 2.<sup>a</sup> p. p. *vocês* teve pouco uso devido ao estilo da coleta dos dados (entrevista com apenas falante e entrevistador, na maioria das vezes).

Em Curitiba foram detectadas 30 ocorrências de *eu*, 1031 de *você/vocês* (*você*: 1023 e *vocês*: 8) e 568 de *nós/a gente* (*nós*: 183 e *a gente*: 385), totalizando 1.629 usos de pronomes pessoais interlocutores no papel de sujeito indeterminado.

Em Florianópolis foram detectadas 53 ocorrências de *eu*, 360 de *tu/você/vocês* (*tu*: 187, *você*: 172 e *vocês*: 1) e 644 de *nós/a gente* (*nós*: 88 e *a gente*: 556), num total de 1057.

Em Porto Alegre, 46 ocorrências de *eu*, 432 de *tu/você/vocês* (*tu*: 366, *você*: 63 e *vocês*: 3) e 538 de *nós/a gente* (*nós*: 84 e *a gente*: 454), num total de 1.016.

Esses resultados apresentam-se interessantes porque mostram que esses pronomes pessoais não são apenas usados pelos interlocutores numa situação dialógica; mas podem também indeterminar o referente. Se somarmos os usos dos pronomes de 1.<sup>a</sup> pessoa do singular e do plural e 2.<sup>a</sup> pessoa singular e plural de cada cidade, chegaremos ao total de 3.702, num universo de 8.812 ocorrências de indeterminação do sujeito. Isso significa que 42% (especificamente, 42,12%) das construções gramaticais utilizadas pelos falantes das capitais do Sul do Brasil para indeterminar o sujeito são através dos pronomes pessoais de 1.<sup>a</sup> e 2.<sup>a</sup> pessoas, plural e singular.

Esse fato sequer é mencionado pelos gramáticos como um dos usos dos pronomes pessoais.

## 4.6 Análise comparativa

Por se tratar de uma pesquisa variacionista, faremos algumas comparações entre os nossos resultados, obtidos a partir do VARSUL, e resultados de outros estudos, originados de pesquisas com dados do NURC-SP e NURC-RJ.

### 4.6.1 Sexo

As formas mais estáveis em relação ao sexo são  $\phi V3PS$ , (.50) para o sexo feminino e para o sexo masculino, e  $VPSA$  (.49) para o sexo feminino e (.51) para o sexo masculino.

Igualmente no *corpus* do NURC-SP, MENON (1994), as variantes mais estáveis em relação à variável sexo são:  $VPSA$ , (.49) sexo masculino e (.51) sexo feminino, e  $\phi V3PS$ , com (.49) para o sexo masculino e (.51) para o sexo feminino. havendo apenas uma pequena inversão de pesos relativos, o que não altera a estabilidade.

De acordo com o resultado total já discutido anteriormente, os homens indeterminam mais o sujeito do que as mulheres, resultado semelhante ao de MENON (1994).

### 4.6.2 Variantes mais usadas

Em MENON (1994: 275) as preferências quanto ao uso de variantes são as seguintes: homens preferem *eu*, *se*,  $VPASSINT$  e mulheres preferem *você*, *a gente* *eles*. Na minha pesquisa pude levantar que no Sul do Brasil a preferência dos homens é por *você* e *se* e das mulheres é por *a gente*, *eles* e, com exceção de Curitiba, *tu*. Podemos observar que há usos em comum nos dois *corpora*, como o *se* pelos homens e, mais ainda, *a gente* e *eles* pelas mulheres.

CUNHA (1993: 6.4), que estuda a indeterminação do sujeito através das variantes *nós*, *você* e *a gente*, também apresenta resultados semelhantes com os dados do NURC-RJ ao apontar que as formas preferidas pelas mulheres são *nós* e *a gente* e a preferida pelos homens é *você*.

Tabela 23: VARIANTES MAIS USADAS

	NURC-SP		VARSQL		NURC-RJ	
	Masc.	Fem.	Masc.	Fem.	Masc.	Fem.
A gente		x		x		x
Eles		x		x		
Eu	x					
Se	x		x			
VPASSINT	x					
Você		x	x		x	
Nós						x

Interessante que a preferência pelos usos de certas variantes lingüísticas para indeterminar o sujeito, de uma maneira geral, demonstrou ser coincidente apesar de os *corpora* serem distintos, como pode ser notado na tabela 23.

#### 4.6.3 Faixa etária e escolaridade

A comparação entre as faixas etárias será por aproximação, já que nos dados do NURC há três divisões: 25 a 35 anos, 36 a 55 anos, mais de 56 anos e no VARSUL há duas divisões: 25 a 50 anos, mais de 50 anos. Parece-nos coerente agrupar as duas primeiras faixas etárias do NURC para uma comparação mais nivelada com os dados do VARSUL. Mesmo porque no VARSUL tomou-se o cuidado de não haver informantes limítrofes, então a faixa etária B, falantes com mais de 50 anos, na prática, é composta por falantes com mais de 55 anos.

A estabilidade no uso de variantes em relação à idade apresenta um resultado diferente do de MENON (1994: 298). Nos resultados do meu trabalho há a estabilidade da variante *eles* com (.51) para a 1.<sup>a</sup> faixa etária (A) e (.49) para a 2.<sup>a</sup> (B); em MENON a estabilidade maior está na variante  $\phi V3PS$  (.306), (.308) e (.387), 1.<sup>a</sup>, 2.<sup>a</sup> e 3.<sup>a</sup> faixas etárias respectivamente.

Curioso que o que pareceu conservador no *corpus* do VARSUL (*VPSA* e *nós*), devido ao decrescente uso à medida que a faixa etária diminui, no *corpus* do NURC-SP, MENON (1994: 300) considerou como formas com chance de estabilização (*VPSA*, por exemplo, tem seu maior peso relativo na 2.<sup>a</sup> faixa etária, que é a faixa que está mais no mercado de trabalho).

O que se pode concluir é que a forma *VPSA* mantém a estabilidade à medida que a escolaridade aumenta: uma semelhança entre os falantes do NURC-SP, cuja escolaridade é universitária, e os falantes com maior escolaridade do VARSUL, secundária. Aqui podemos associar o que SILVA & PAIVA (1996: 343) concluíram em sua pesquisa sobre o português falado na cidade do Rio de Janeiro:

*podemos constatar nesses trabalhos um padrão geral que associa a predominância das formas lingüísticas padrão a falantes com maior escolarização.*

A forma *nós* tem o mesmo comportamento nos dois *corpora*: em MENON (1994: 294), essa variante é mais produzida por falantes com mais de 56 anos, aparecendo em segundo lugar na produção da terceira faixa etária (.510). Fato semelhante ocorre na minha pesquisa: *nós* (.67) aparece mais no discurso de falantes com mais de 50 anos, também como segunda variante mais produzida por essa faixa etária.

As mulheres de 36 a 55 anos tendem a produzir mais a indeterminação no *corpus* de MENON (1994: 293). No *corpus* do VARSUL o resultado é o contrário: as mulheres que têm maior probabilidade de indeterminar o sujeito pertencem à última faixa etária, ou seja, têm mais de 50 anos.

No caso do VARSUL seria interessante se houvesse uma terceira faixa etária para que pudéssemos comparar a evolução do uso de variantes.

De um modo geral, a escolaridade, ou o maior contato com as normas escolares, demonstrou influência no uso das variantes *nós*, *VPSA*, *se* e *VPASSINT*.

#### 4.6.4 Localidade

No que diz respeito ao número absoluto de ocorrências, Curitiba (3.814/8.812, 43%) indetermina muito mais do que Florianópolis (2.471/8.812, 28%) e Porto Alegre (2.527/8.812, 29%).

Tabela 24: LOCALIDADE/VARIANTES

LOCALIDADE	CBA	FLP	POA
INPUT	.115	.380	.505
A gente	.604	.228	.168
	385/1395 28%	556/1395 40%	454/1395 33%
Eles	.812	.097	.091
	333/621 54%	150/621 24%	138/621 22%
Eu	.300	.384	.316
	30/129 23%	53/129 41%	46/129 36%
Formas Nom.	.738	.150	.112
	334/813 41%	266/813 33%	213/813 26%
Nós	.818	.090	.092
	183/355 52%	88/355 25%	84/355 24%
Se	.642	.122	.236
	140/605 23%	192/605 32%	273/605 45%
Tu	knockout	.350	.650
	0/553 0%	187/553 34%	366/553 66%
Você	.930	.063	.008
	1023/1258 81%	172/1258 14%	63/1258 5%
Vocês	.444	.268	.288
	8/12 67%	1/12 8%	3/12 25%
VPASA	.810	.114	.077
	280/631 44%	207/631 33%	144/631 23%
VPASSINT	0	.091	.909
	1/18 6%	6/18 33%	11/18 61%
OV3PS	.783	.105	.111
	711/1585 45%	395/1585 25%	479/1585 30%
OV3PP	.805	.085	.110
	386/837 46%	198/837 24%	253/837 30%
TOTAL	3.814/8.812 43%	2.471/8.812 28%	2.527/8.812 29%

#### 4.6.5 Eles x $\phi$ V3PP

Pelo fato de  $\phi$ V3PP apresentar as mesmas características da variante *eles*, resolvemos comparar seus resultados com a finalidade de verificar a existência de semelhanças no comportamento. Foram comparados, novamente, os resultados de MENON com os resultados do meu trabalho. Pudemos perceber que tais variantes



têm aproximações na análise através do sexo. Tanto no *corpus* do NURC - SP quanto no do VARSUL, para as duas variantes, os pesos relativos são maiores no discurso das mulheres. Percebe-se também que, em ambos os *corpora*, a preferência das mulheres é pela variante *eles* e a dos homens é pela variante  $\phi V3PP$ . A distribuição ocorre da seguinte forma:

Tabela 25: ELES x  $\phi V3PP$ /SEXO

VARSL	Eles	0V3PP	NURC - SP	Eles	0V3PP
Feminino	.60	.54	Feminino	.58	.55
Masculino	.40	.46	Masculino	.42	.45

Já em relação à faixa etária, as duas variantes têm comportamento invertido entre si mas resultado semelhante nos dois *corpora*: *eles* tem peso relativo maior no discurso de falantes mais jovens e  $\phi V3PP$  tem peso relativo maior no discurso de falantes mais velhos ( mais de 55 anos).

Tabela 26: ELES x  $\phi V3PP$ /FAIXA ETÁRIA

VARSL	ELES	0V3PP	NURC-SP	ELES	0V3PP
25 a 50 anos	.51	.40	25 a 35 anos	.406	.233
mais de 50 a	.49	.60	36 a 55 anos	.349	.196
			mais de 56 a	.245	.571

Isso significa que o preenchimento do sujeito ocorre mais por parte de falantes jovens. É maior o número de preenchimento do sujeito por parte das gerações mais novas porque, em princípio, agora está havendo mais necessidade de se marcar o sujeito devido ao crescente uso dos pronomes de 2.<sup>a</sup> pessoa (*você* e *vocês*) e a forma verbal que acompanha esses pronomes de 2.<sup>a</sup> p. é igual à de 3.<sup>a</sup> p., no plural e no singular. Alguns trabalhos (DUARTE 1993, MENON 1994) vêm apontando essa tendência geral ao preenchimento do sujeito, porque, para desfazer a ambigüidade ocasionada pela identidade na morfologia verbal, está sendo necessária a presença do pronome ao lado do verbo.

4.6.6 VPASSINT x Se

A falta de concordância entre o verbo e um complemento, o suposto sujeito, como preconizado pela GT, reforça a hipótese do pronome *se* poder assumir o papel de sujeito na oração (MENON 1994: 231).

Na análise comparativa do uso de *VPASSINT* e *se*, verificou-se que os resultados obtidos através das rodadas estatísticas dos dados do VARSUL já eram esperados, devidos ao grau de escolaridade: de 8.812 dados, houve apenas 18 ocorrências de *voz passiva sintética (VPASSINT)*. Esse número corresponde a praticamente a metade do resultado obtido por MENON (1994) nos dados do NURC-SP: de 8.150 dados, houve 35 ocorrências de *VPASSINT*. Essa diferença entre os resultados deve-se, provavelmente, ao nível de escolaridade diferenciado dos dois *corpora*, ou seja, aqui há indícios de que o contato maior com as normas escolares pode estar influenciando no uso de certas variantes para a indeterminação do sujeito.

Fato semelhante aconteceu em relação ao uso do pronome *se*, que apresentou quase a metade das ocorrências nos dados do VARSUL (605) em relação aos do NURC (1.170), o que poderia nos levar a dizer que o *se* é característico da linguagem mais formal, ou, também, de falantes com maior escolaridade.

No que diz respeito aos usos de *se*, foi feita uma busca aos tipos de construções em que esse pronome aparece e constatou-se que, das 605 ocorrências, 28 são casos em que o *se* acompanha um verbo na terceira pessoa do singular seguido ou precedido de palavra ou sintagma no plural.

Conforme pode ser verificado na tabela 27, foram encontrados, nos dados do VARSUL, 18 casos de concordância entre o verbo e o suposto sujeito [*se* +  $\phi$ V3PP + PL], que são os casos de *VPASSINT*, e 28 casos sem concordância [*se* +  $\phi$ V3PS + PL].

Tabela 27: VPASSINT x SE/NURC-SP x VARSUL

	NURC-SP	VARSUL
VPASSINT	35	18
SE	1.170	605
[SE + 0V3PS + PL]	101	28

A ausência da concordância entre o verbo e o termo que o acompanha, o pretense sujeito, reforça a hipótese de que o pronome *se* realmente está assumindo o papel de sujeito na oração (MENON 1993a e 1994), em função do número de ocorrências no *corpus* NURC-SP sem a concordância com o verbo: 101, contra somente 35 em que a concordância se operou.

## CONCLUSÃO

Nesse estudo procurei mostrar qual é o comportamento lingüístico dos falantes em relação à indeterminação do sujeito; para isso utilizamos os dados do VARSUL.

Com relação aos dados, tomei o cuidado de analisar cada caso no seu contexto para que não houvesse dúvidas quanto ao caráter genérico total. Os condicionamentos lingüísticos e sociolingüísticos foram estudados e exemplificados ao longo da pesquisa e algumas foram submetidas às rodadas estatísticas como variáveis dependentes. E foi sob o filtro desses condicionamentos que se pôde observar a variação relacionada à indeterminação do sujeito.

A intensidade de uso de cada variante foi resultante da influência dos fatores extralingüísticos envolvidos, e com isso pudemos concluir, por exemplo, que as diferenças no comportamento lingüístico são maiores entre Curitiba e as duas capitais mais ao Sul, Florianópolis e Porto Alegre: falantes de Curitiba indeterminam muito mais o sujeito. Além disso, houve a constatação de que em Curitiba não se usa o *tu*; o pronome de segunda pessoa do singular usado pelos falantes curitibanos é *você*.

Entre Florianópolis e Porto Alegre a diferença toma volume quando se trata do uso alternado de *tu* e *você*. Nesse caso os falantes assumem posturas exatamente opostas: o uso de *tu* aumenta em Porto Alegre à medida que o uso de *você* aumenta em Florianópolis, contrariando nossas expectativas iniciais.

Na comparação do uso entre *tu* e *você*, a faixa etária apresentou forte influência aos falantes com menos de 50 anos para um maior uso do pronome *você*.

A escolaridade demonstrou influência, por exemplo, no uso de  $\phi$ V3PP, uma das formas preconizadas pela GT como indeterminante do sujeito, em oposição ao uso de *eles*. Os resultados indicam que falantes com escolaridade primária e ginásial estão preenchendo mais o sujeito do que os de escolaridade secundária.

Com relação ao sexo, ao mesmo tempo em que as mulheres aparentam ser mais conservadoras, por utilizarem menos os recursos de indeterminação do sujeito, apresentam uma predisposição ao uso do que é inovador. Entre o uso de *nós* e *a gente*, é das mulheres a preferência por *a gente*.

De um modo geral, as variantes que apresentaram as maiores frequências relativas no *corpus* do VARSUL (capitais) foram  $\phi V3PS$ , *a gente*, *você* e, exclusivamente em Porto Alegre e Florianópolis, *tu*. As variantes lingüísticas com menores frequências foram: *vocês* e *VPASSINT*.

A variante *vocês* teve um menor número de ocorrências possivelmente devido à situação da entrevista (entrevistador e entrevistado), que não propiciou seu uso.

A variante *VPASSINT*, apesar de ser tão apregoada na escola, parece estar caindo em desuso na língua oral. Esse fato só vem confirmar o distanciamento entre o ensino da língua e o fenômeno da oralidade.

Foi observado também que os pronomes pessoais estão tendo suas funções ampliadas no discurso oral. Os pronomes de 1.<sup>a</sup> e 2.<sup>a</sup> pessoas, plural e singular, cujas funções eram as de interlocutores, pelo que nos mostram os dados do VARSUL, estão sendo amplamente usados como indeterminadores do sujeito também.

Não só em relação ao *corpus* trabalhado, VARSUL - capitais da região Sul, mas também em comparação a outros *corpora*, NURC-SP, NURC-RJ e amostra da fala carioca, por exemplo, percebemos que os falantes fazem uso de muitas variantes para indeterminar o sujeito e que o tipo de discurso (grau de formalidade, número de interlocutores) também influencia na escolha das variantes, além dos fatores sociais.

Mas, apesar de diferenças geográficas, etárias, culturais e outras englobadas em cada estudo, os falantes têm em comum o contato com um universo de recursos lingüísticos amplo.

Houve a comprovação de que há o uso efetivo de outras variantes na indeterminação do sujeito, e não apenas das citadas pela GT. Nossa frequente

referência à GT é para mostrar que a sua produtividade na língua oral em relação ao que é preconizado como recursos de indeterminação do sujeito é pequena.

Diante disso, esperamos que nossos resultados, apresentando uma descrição parcial do português oral na região Sul, possam ser uma pequena parcela de contribuição ao ensino. Esperamos também que, através de trabalhos variacionistas, alguns educadores conscientizem-se das variações da língua, principalmente oral, em decorrência do tempo, da expansão cultural, da mudança de hábitos e do próprio contato com diferentes normas lingüísticas.

Por este estudo ser uma análise da variedade lingüística oral, seria interessante que houvesse, futuramente, um trabalho com dados escritos, também das capitais da região Sul, para que fosse possível uma comparação entre as linguagens oral e escrita.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALBÁN, M.<sup>a</sup> del Rosário & FREITAS, Judith (1991). *Eu, você et alia em três diálogos*. ESTUDOS: lingüísticos e literários, Salvador, UFBA, (11): 25-38
- ALBÁN, M.<sup>a</sup> del Rosário & FREITAS, Judith (1991). *Nós ou a gente?* ESTUDOS: lingüísticos e literários, Salvador, UFBA, (11): 75-89
- ALMEIDA, Guido de (1989). *Resgatando a contribuição laboviana*. D.E.L.T.A., vol. 5, n.º 1: 71-79.
- ANTUNES MACIEL, C. A. (1981). *A questão das variedades de registro no ensino do português, língua estrangeira. O caso específico da oposição tu/você no Brasil*. In: Etudes portugaises et brésiliennes, 1982, XVII: 41-50 (Centro de estudos hispânicos, hispano-americanos e luso-brasileiros - Univ. Haute-Bretagne Rennes, France).
- BAKHTIN, Mikhail (1988). *Questões de literatura e estética*. São Paulo, Hucitec/UNESP.
- BENTIVOGLIO, Paola (1987). *A variação nos estudos sintáticos*. Anais do GEL, p. 07-29.
- BIDERMAN, M.<sup>a</sup> Tereza Camargo (1972-73). *Formas de tratamento e estruturas sociais*. ALFA, p. 339-382.
- BRAGA, M.<sup>a</sup> Luiza (1989). *Discurso e abordagens quantitativas*. In: TARALLO, F. (org.) (1989), p. 269-282.
- BUSETO, Cássio Gustavo (1996). *A variação no uso de pronomes possessivos de segunda pessoa na fala da cidade de Curitiba*. Fragmenta, Curitiba, (13): 9-17.
- CALLOU, Dinah M.I.; OMENA, Nelize; PAREDES SILVA, Vera (1991). *Teoria da variação e suas relações com a semântica, a pragmática e a análise do discurso*. Cad. Est. Ling., Campinas, (20): 17-21.
- CARVALHO, José Augusto (1991). *Conceito de Pronome - os Pronomes Pessoais*. Revista Internacional de Língua Portuguesa, 5/6: 184-199.

- CEGALLA, Domingos Pascoal (1978). *Novíssima gramática da língua portuguesa*. 19.<sup>a</sup> ed. São Paulo: Ed. Nacional.
- COSERIU, Eugênio (1979). *Teoria da Linguagem e Lingüística Geral*. Rio de Janeiro: Presença Edições.
- COSTA, Marcos Antônio (1994). *As definições de sujeito e seus traços caracterizadores. O traço concordância*. I Enc. Nac. sobre Língua Falada e Ensino (Anais). 14 a 18 de mar/94, UFAL, Pós-Graduação em Letras.
- CUESTA, Pilar Vázquez & LUZ, M.<sup>a</sup> Albertina Mendes (1971) [1949]. *Gramática da língua portuguesa*. 3.<sup>a</sup> ed. São Paulo: Martins Fontes.
- CUNHA, Celso & CINTRA, Luís Felipe Lindley (1985). *Nova gramática do português contemporâneo*. 2.<sup>a</sup> ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- CUNHA, Claudia de Souza. (1993). *Indeterminação pronominal do sujeito*. Dissertação de Mestrado, UFRJ, Rio de Janeiro.
- DECAT, M.<sup>a</sup> Beatriz Nascimento (1984). *Discurso planejado e discurso não-planejado: análise contrastiva de alguns aspectos do português oral*. Artigo apresentado no 7.<sup>o</sup> Congresso Mundial da Association Internationale de Linguistique Appliquée (AILA BRUSSELS 84), Bruxelas, Bélgica, 5-10 de ago/1984.
- DUARTE, M.<sup>a</sup> Eugênia Lamoglia (1993). *Do pronome nulo ao pronome pleno: a trajetória do sujeito no português do Brasil*. In: ROBERTS, I. & KATO, M.A. (orgs.) (1993), p. 107-128
- DUBOIS, Jean et al. [1973] (1995). *Dicionário de Lingüística*. São Paulo: Ed. Cultrix.
- FALCÃO, Gerson Marinho (1991). *Psicologia da Aprendizagem*. 6.<sup>a</sup> ed., São Paulo: Ed. Ática.
- FARACO, Carlos Alberto (1996). *O tratamento você em português*. Fragmenta, Editora da UFPR, Curitiba, n.º 13, p. 51-82.
- FRANCHI, Carlos (1987). *Criatividade e gramática*. In: *Trabalhos em Lingüística Aplicada* n.º 9, Unicamp, 5-45.
- FREITAS, Judith (1991). *Nós e a gente em elocuições formais*. ESTUDOS: lingüísticos e literários, Salvador, UFBA, (11): 91-102



- GALVES, Charlotte C. (1993). *O enfraquecimento da concordância no português brasileiro*. In: ROBERTS, I. & KATO, M.A. (orgs.) (1993), p. 387-408.
- GARCIA, Othon M. [1912] (1996). *Comunicação em prosa moderna*. 17.<sup>a</sup> ed. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas.
- GNERRE, Maurizio (1987). *Linguagem, escrita e poder*. São Paulo: Ed. Martins Fontes.
- HAUY, Amini Boainain (1983). *Da necessidade de uma gramática-padrão da língua portuguesa*. São Paulo: Ed. Ática.
- HERNANDORENA, Carmen Lúcia Matzenauer (1986). *O emprego da primeira pessoa do plural*. (s/r) 45-71.
- INFANTE, Ulisses (1995). *Curso de gramática aplicada aos textos*. São Paulo: Ed. Scipione
- KURY, Adriano da Gama (1990). *Novas lições de análise sintática*. 4.<sup>a</sup> ed. São Paulo: Ed. Ática.
- LABOV, William (s/d). *Estágios na aquisição do inglês standard*. In: FONSECA, M.<sup>a</sup> Stella & NEVES, Moema (orgs.) (1974). *Sociolingüística*. Rio de Janeiro: Livraria Eldorado Tijuca Ltda, 49-85.
- LABOV, William (1982). *Objetividade e compromisso na ciência lingüística: o caso do julgamento do inglês negro em Ann Arbor*. Tradução de João Carlos Cattelan. Original in: *Language in Society*, 11-2: 165-201.
- LANGACKER, Ronald W. (1980). *A linguagem e sua estrutura*. 4.<sup>a</sup> ed., Petrópolis, Rio de Janeiro: Ed. Vozes.
- LIRA, Solange Azambuja (1988). *O sujeito pronominal no português falado e escrito*. Ilha do Desterro, Florianópolis, (20): 21-43.
- LOREGIAN, Loremi (1996). *Concordância verbal com o pronome tu na fala do sul do Brasil*. Dissertação de Mestrado, UFSC, Florianópolis.
- LYONS, John (1977). *Semantics*. Cambridge Univ. Press.
- LYONS, John (1987). *Linguagem e lingüística*. Rio de Janeiro: Ed. Guanabara Koogan.

- MATTOSO CÂMARA JR., Joaquim [1970] (1994). *Estrutura da língua portuguesa*. 22.<sup>a</sup> ed. Petrópolis: Ed. Vozes.
- MENON, Odete Pereira da Silva (1993a). *Considerações em torno do SE passivo*. 1. *SE passivo?* Letras, Curitiba, (41-42): 171-193.
- MENON, Odete Pereira da Silva [1993b] (1995). *O sistema pronominal do português do Brasil*. UFPR. Letras, Curitiba, (44): 91-106.
- MENON, Odete Pereira da Silva (1994). *Analyse sociolinguistique de l'indétermination du sujet dans le portugais parlé au Brésil, à partir des données du NURC/SP*. Tese de Doutorado, Université de Paris VII, Paris.
- MENON, Odete Pereira da Silva (1995). *Clíticos e possessivos em Curitiba: implicações para o ensino*. In: Anais do II Simpósio Nacional do GT de Sociolinguística da ANPOLL, 23-25 de out./1995 - UFRJ, p. 101-116.
- MENON, Odete Pereira da Silva (1997). *A gente/a pessoa dans le portugais parlé du Brésil, ou comment un fait du présent peut en expliquer un autre du passé*. Comunicação apresentada no XVI.<sup>ème</sup> Congrès International des Linguistes, Paris. Société de Linguistique de Paris/Comité International Permanent des Linguistes. 20 a 25.07.97.
- MICHELETTI, Helena & FRANCHETTI, Susan Klein (1995). *A indeterminação do sujeito: um estudo sociolinguístico*. In: ESTUDOS SOCIOLINGÜÍSTICOS XXV (Trabalhos apresentados no XLIII Seminário/1995 - UNAERP - Ribeirão Preto, SP). Anais de Seminários do GEL, Taubaté: p. 629-635.
- MILANEZ, Wânia (1982). *Recursos de indeterminação do sujeito*. Dissertação de Mestrado, Unicamp, Campinas.
- MOINO, Ruth Elisabeth Lopes (1989). *Passivas nos discursos oral e escrito no princípio era o verbo. E o verbo se fez adjetivo? Ou...o que estamos fazendo no oral!* In: TARALLO, F. (org) (1989), p. 35-50.
- MOLLICA, Maria Cecília (org.) (1992). *Introdução à sociolinguística variacionista*. Rio de Janeiro: UFRJ. (Cadernos Didáticos UFRJ, 4)
- MONTEIRO, José Lemos (1994). *Pronomes Pessoais: subsídios para uma gramática do português do Brasil*. Fortaleza: Edições UFC.

- MOTA, Jacyra (1995). *Os pronomes pessoais sujeito no português do Brasil e o ensino da língua materna*. In: Anais do II Simpósio Nacional do GT de Sociolinguística da ANPOLL, 23-25 de out./1995 - UFRJ, p. 85-100.
- NARO, Anthony J. (1992a). *Modelos quantitativos e tratamento estatístico*. In: MOLLICA, M.C. (org.) (1992), p. 17-25.
- NARO, Anthony J. (1992b) *Idade*. In: MOLLICA, M.C. (org.) (1992), p. 81-87.
- NARO, Anthony J. & SCHERRE, M.<sup>a</sup> Marta Pereira (1991). *Variação e mudança lingüística: fluxos e contrafluxos na comunidade de fala*. Cad. Est. Ling., Campinas, (20): 9-16, jan/jun.
- NUNES, Jairo M. (1991). *Se apassivador e se indeterminador: o percurso diacrônico no português brasileiro*. Cad. Est. Ling., Campinas, (20): 33-58.
- OLIVEIRA, Marco Antônio (1987). *Variável lingüística: conceituação, problemas de descrição gramatical e implicações para a construção de uma teoria gramatical*. D.E.L.T.A., vol. 3, n.º 1, 1987, p. 19-34.
- OMENA, Nelize Pires de (1987). *As formas de referência da 1.ª pessoa no plural*. Rio de Janeiro, 56 p.
- OMENA, Nelize Pires (1996a). *A referência à primeira pessoa do discurso no plural*. In: SILVA, G.M. & SCHERRE, M.M. (orgs.) (1996), p. 183-215.
- OMENA, Nelize Pires (1996b). *As influências sociais na variação entre nós e a gente na função de sujeito*. In: SILVA, G.M. & SCHERRE, M.M. (orgs.) (1996), p.309-323.
- PAIVA, M.<sup>a</sup> da Conceição (1992). *Sexo*. In: MOLLICA, M. C. (org.) (1992), p. 69-73.
- PAREDES SILVA, Vera Lúcia (1991). *Por trás das frequências*. Organon, Porto Alegre, UFRGS, (18): 23-36
- PAREDES SILVA, Vera Lúcia (1996). *A variação você/tu na fala carioca*. Comunicação apresentada no I Encontro de Variação Lingüística do Cone Sul, 3 set, UFRGS. Texto fotocopiado, 14p.
- PEREIRA, Eduardo Carlos (1948). *Gramática Expositiva*. 37.<sup>a</sup> ed. São Paulo: Cia. Editora Nacional, 432 p.

- PERINI, Mário (1986). *Para uma nova gramática do português*. 3.<sup>a</sup> ed. São Paulo: Ed. Ática.
- PERINI, Mário (1994). *Sintaxe portuguesa: metodologia e funções*. 2.<sup>a</sup>ed. São Paulo: Ed. Ática.
- POMMER, Reinaldo Walnei (1984). *Um estudo sobre a natureza e o uso dos pronomes pessoais retos em português*. Dissertação de Mestrado. PUC - SP, São Paulo.
- PONTES, Eunice (1985). *Sujeito e tópico do discurso*. D.E.L.T.A., vol. 1, n.ºs 1 e 2: 51-78.
- RISSO, Mercedes Sanfelice (1993). "Agora... o que eu acho é o seguinte": um aspecto da articulação do discurso no português culto falado. In: CASTILHO, A. T. (org.) (1993). *Gramática do Português Falado*, volume III. Editora da Unicamp/FAPESP, 31-56
- ROBERTS, Ian & KATO, Mary A. (orgs.)(1993). *Português brasileiro, uma viagem diacrônica* (Homenagem a Fernando Tarallo). Campinas, SP: Editora da Universidade Estadual de Campinas, Unicamp.
- ROLLEMBERG, Vera et al. (1991). *A pessoa e a não-pessoa em discursos de informantes do Projeto NURC/Salvador*. In: ESTUDOS: lingüísticos e literários, Salvador, UFBA, (11): 39-51
- ROLLEMBERG, Vera et al. (1991). *Os pronomes pessoais sujeito e a indeterminação do sujeito na norma culta de Salvador*. In: ESTUDOS: lingüísticos e literários, Salvador, UFBA, (11): 53-74
- SABINI, M.<sup>a</sup> Aparecida Cória (1991). *Fundamentos de Psicologia Educacional*. 3.<sup>a</sup> ed., São Paulo: Ed. Ática.
- SAID ALI, Manoel (1966). *Gramática histórica da língua portuguesa*. 6.<sup>a</sup> ed. São Paulo: Melhoramentos.
- SAUSSURE, Ferdinand de (1995). *Curso de Lingüística Geral*. 20.<sup>a</sup> ed. São Paulo: Ed. Cultrix.
- SCHERRE, M.<sup>a</sup> Marta Pereira (1992a). *Levantamento, codificação digitação e quantificação dos dados*. In: MOLLICA, M. C. (org.) (1992), p. 121-134.

- SCHERRE, M.<sup>a</sup> Marta Pereira (1992b). *Transcrição de dados lingüísticos*. In: MOLLICA, M.C. (org.) (1992), p. 115-119.
- SCHERRE, M.<sup>a</sup> Marta Pereira [1992] (1993). Introdução ao pacote VARBRUL para microcomputadores. Rio de Janeiro, RJ: Universidade Federal do Rio de Janeiro/Faculdade de Letras/Departamento de Lingüística e Filologia/Programa de estudos sobre o uso da língua (PEUL); Brasília, DF: Universidade de Brasília/Instituto de Letras/Departamento de Lingüística, Letras Clássicas e Vernáculos.
- SCHERRE, M.<sup>a</sup> Marta Pereira (1995). *Pesquisa e ensino: modelos de análise em debate e o modelo variacionista*. In: Anais do II Simpósio Nacional do GT de Sociolingüística da ANPOLL, 23-25 de out./1995 - UFRJ, p. 43-78.
- SILVA, Gisele Machline de O. (1991). *Um caso de definitude*. Organon, Porto Alegre, UFRGS, (18):90-108.
- SILVA, Gisele Machline de O. (1992). *Coleta de dados*. In: MOLLICA, M. C. (org.) (1992), p. 101-114
- SILVA, Giselle Machline de O. & SCHERRE, M.<sup>a</sup> Marta Pereira (orgs.) (1996). Padrões sociolingüísticos. Rio de Janeiro: Ed. Tempo Brasileiro
- SILVA, Giselle Machline de O. & PAIVA, M.<sup>a</sup> da Conceição A. (1996). *Visão de conjunto das variáveis sociais*. In: SILVA, G. M. & SCHERRE, M. M. (orgs.) (1996), p. 335-378.
- SOARES, Izabel Cristina & LEAL, M.<sup>a</sup> da Graça (1993). *Do senhor ao tu: uma conjugação em mudança*. In: Moara - Revista do Curso de Mestrado, Belém, mar/set, n.º1: 27-64
- TARALLO, Fernando (org.) (1989). *Fotografias sociolingüísticas*. Campinas, SP: Pontes: Editora da Universidade Estadual de Campinas.
- TARALLO, Fernando (1990). *A pesquisa sociolingüística*. 3.<sup>a</sup> ed. São Paulo: Ed. Ática.
- VOTRE, Sebastião (1992). *Escolaridade*. In: MOLLICA, M. C. (org.) (1992), p.75-79.
- WEIREICH, Uriel; LABOV, William & HERZOG, Marvin I. (1968). *Empirical foundations for a theory of language change*. In: Directions for Historical Linguistics (W.P. Lechmann Yakon Malkiel, eds), Austin (1968), p. 95-195.